Bayerische StaatsBibliothek

Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio <<de>>,

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 13

Lisboa (1789)

Port. 36 m-13
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020073-6

Port 36 m

# HISTORIA
DE
# PORTUGAL.

TOM. DECIMO TERCEIRO.

# HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS:

*OFFERECIDA*

Á RAINHA NOSSA SENHORA

# D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO XIII.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1789.

*Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

FOI taxado este Livro a quatrocentos réis em papel: Meza 3 de Julho de 1789.

*Com tres Rubricas.*

Bayerische
Staatsbibliothek
München

# INDICE
# DOS CAPITULOS.
## LIVRO XLVI.

CAPITULO I. *Nuno da Cunha faz a Fortaleza de Dio, Diogo Botelho traz esta noticia a Portugal, com outros successos de Malaca, e das Molucas.* . . . 1

- - II. *Trata-se o governo de Antonio Galvaõ nas Molucas, e outros successos da India no anno de* 1537. 19

- - III. *Successos de Africa neste anno de* 1537, *e continuaõ os da India no mesmo anno.* . . . 38

- - IV. *Trataõ-se os successos de Cambaya até a mórte do seu Rei Sultaõ Badur.* . . . 53

- - V. *Continuaõ os successos de Cambaya depois da mórte do Rei Sultaõ Badur.* . . . 68

- - VI. *Escreve-se o primeiro sitio de Dio, que defendeo o grande Antonio da Silveira.* . . . 80

- - VII. *Continuaçaõ do sitio de Dio,* via-

*viagem, e chegada do Viſo-Rei D. Garcia a Goa.* . . 92

## LIVRO XLVII.

CAP. I. *O Baxá Solimaõ deſenganado de levar a Praça de Dio por meio de negociações, a ataca com formalidade.* . . . 104
- - II. *Trata-ſe a continuaçaõ do ſitio de Dio até ao geral, e eſpantoſo aſſalto, que os Turcos déraõ á Fortaleza no dia 31 de Outubro.* 119
- - III. *Os Turcos levantaõ o ſitio de Dio, e o que ſucedeo depois delle.* . . . . . 133
- - IV. *Do que obrou o Viſo-Rei D. Garcia de Noronha depois do levantamento do ſitio de Dio, e outros ſucceſſos do ſeu tempo.* . 147
- - V. *Mórte do Viſo-Rei D. Garcia de Noronha: ſuccede no governo D. Eſtevaõ da Gama, e ſe trataõ os ſucceſſos do anno de 1540.* . 158
- - VI. *Trataõ-ſe outros ſucceſſos da India no anno de 1540, e a viagem*

*do*

*do Governador D. Estevaõ da Gama ao Estreito do Mar Roxo.* 172

CAP. VII. *Chega D. Estevaõ da Gama á Cidade de Suez: o que nella lhe succede, e na sua volta para a India.* . . . 184

- - VIII. *Do que succedeo a D. Christovaõ da Gama na Ethiopia até a sua mórte.* . . . . 196

## LIVRO XLVIII.

CAP. I. *Continuaçaõ do Reinado de D. Joaõ III. com os successos do anno de* 1542, *na Europa, Africa, e Asia.* . . . 211

- - II. *Trataõ-se os successos da India no principio do governo de Martim Affonso de Sousa.* . 226

- - III. *Do que obrou Martim Affonso em Batecalá, depois em Goa, e alguns successos das Ilhas Molucas.* 241

- - IV. *Várias expedições do Governador da India, e principio dos importantes negocios, a que deo causa a retirada de Mealecan para Goa.* 252

CAP.

CAP. V. *Ultimas acções de Martim Affonſo de Souſa, e primeiras do Governador D. Joaõ de Caſtro, depois IV. Viſo-Rei da India.* . 266

- - VI. *Do que ſuccedeo na India no principio do governo de D. Joaõ de Caſtro até o ſegundo ſitio de Dio.* 279

- - VII. *Principio do ſegundo ſitio, que Coge Çofar póz á Fortaleza de Dio, e que foi defendido por D. Joaõ Maſcarenhas.* . . . 293

- - VIII. *Rumecaõ por mórte de ſeu Pai Coge Çofar continúa o ſitio da Fortaleza de Dio.* . 309

HIS-

# HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

## LIVRO XLVI.

### *Da Historia Moderna de Portugal.*

### CAPITULO I.

*Nuno da Cunha faz a Fortaleza de Dio, Diogo Botelho traz esta noticia a Portugal, com outros successos de Malaca, e das Molucas.*

O GOVERNADOR Nuno da Cunha teve de dissimular o desprazer de Martim Affonso de Sousa se lhe adiantar Era vulg. 1536.

Era vulg. na conclusaõ do Tratado da paz com Badur, e ser elle o que tomasse posse do terreno demarcado para a Fortaleza de Dio: noticia, que lhe foi communicada por Diogo de Mesquita, para abbreviar a viagem, em que Nadur impaciente por opprimido naõ queria demora. Elle usou de huma diligencia extrema para a abbreviar, e chegou a Dio com huma armada numerosa, seguido de huma Corte brilhante. O Rei lhe tinha preparado o Baluarte do mar soberbamente, para seu Quartel General, aonde elle vio arvorado o Pavilhaõ Real de Portugal com indissimulavel complacencia. No lugar do desembarque o esperavaõ o Embaixador Xacoez, Medinarraõ, Governador da Cidade, Alucaõ, Coge Çofar, e outros Generaes de Badur, que o encaminháraõ ao Paço do Rei. Nestas vistas esquecêraõ todas as formalidades do ceremonial, que impedíraõ as primeiras. Mudanças do tempo, ou effeitos da necessidade, que até na esféra da Soberania alteraõ as configurações.

Re-

Reduzido o Tratado a boa fórma, e firmado de ambas as partes, se deo principio á obra da Fortaleza, a que o Governador pôz a primeira pedra a 21 de Dezembro do anno passado, dia de S. Thomé, Apostolo da India. Ella está situada de mar a mar na ponta de terra, em figura triangular com tres muros de dezasseis pés de largo, e mais de 20 de alto. Nos dous angulos, que fazem frente á Cidade, se levantáraõ duas torres bastionadas, huma chamada de S. Thomé com 80 pés de diametro sobre huma eminencia, outra da invocaçaõ de Sant-Iago de 60 pés. Na face destas duas Torres se plantou a parte defendida de huma falsa-braga. O fosso se alargava, e aprofundava á proporçaõ da qualidade do terreno; mas elle cingia toda a praça, aonde com agitaçaõ rápida se viaõ crescer os muros, a Igreja, a casa do Governador, os quarteis, e os armazens. Tudo em estado de defensa no espaço breve de 50 dias, com grande assombro de Badur, que naõ podia deixar de se admirar de semelhante di- Era vulg.

Era vulg. ligencia. O Governador, que a obſervava, e a alegria de toda a claſſe de gentes, que trabalhava ſem ſocego, lhe diſſe acabaſſem com preſſa aquelle novo monumento, que havia ſepultar a muitos Portuguezes; dito, que pareceo preſſagio, como nós o veremos eſpecialmente nos dous eſpantoſos ſitios, que poucos annos depois defendêraõ os memoraveis Heróes Antonio da Silveira, e D. Joaõ Maſcarenhas, o primeiro no meſmo governo de Nuno da Cunha, o ſegundo no de D. Joaõ de Caſtro.

A concluſaõ do Tratado de Dio, a fabrica da ſua Fortaleza, como na idéa d'El-Rei eraõ dous objectos taõ intereſſantes, entendeo o Governador, que naõ devia demorar-ſe em mandar a Lisboa noticia taõ agradavel. Elle deſpachou logo por terra a hum Judeo, e a hum Armenio, que fizeraõ caminho por Ormuz, e quaſi ao meſmo tempo em huma fragata ligeira ao Secretario Simaõ Ferreira pelo rumo ordinario do mar. Eſtes expedientes foraõ prevenidos por Diogo Botelho Pe-

rei-

reira, Fidalgo honrado, antes e depois infeliz, que emprendeo a acçaõ mais audacioſa, a menos ouvida, que até entaõ ſe praticára no ſeu genero; mas ella foi huma façanha Portugueza, que ſe ſervio de premio a ſi meſma. Diogo Botelho era homem de grande coraçaõ, que ſentio naõ lhe darem hum deſpacho, de que ſe entendia digno. A Corte, que receou encontrar nelle outro Fernaõ de Magalhães, depois de o ter annos preſo, o entregou ao Conde Almirante para ſe ſervir delle na India, com ordem de naõ voltar ao Reino. Eſta prohibiçaõ foi hum novo eſtimulo para o ſeu reſentimento; mas com penſamentos bem alheios dos do Magalhães, o Botelho ſó eſperava aſſignalar-ſe em alguma acçaõ taõ façanhoſa, que lhe mereceſſe reentrar na graça do ſeu Soberano, como ſobre tudo deſejava. Era vulg.

Quanto ſe havia paſſado em Dio, Diogo Botelho o eſtimou pelo objecto, porque elle ha tantos annos eſperava. Havendo á maõ a copia do Tratado, e o plano da Fortaleza, eſte

bra-

Era vulg. bravo homem, públicando que hia a huma viagem a Melinde, ſe embarcou em huma meia Fuſta, que elle conſtruio pela ſua idéa, e á ſua deſpeza. Ella tinha vinte, e dous pés de comprido, ſeis de altura, e doze de largo. Sem mais companhia que a dos ſeus eſcravos, e a de cinco homens da ſua obrigaçaõ, Diogo Botelho paſſa por Chaul ganhando o largo; chega a Melinde, navega a Quiloa, e feito ao mar declara aos camaradas o ſeu formidavel deſignio. Todos ſe cobrem de horror, o ſuſto os aprehende, naõ dá o temor lugar á obediencia. Entaõ metteo elle em taõ bom uſo as promeſſas, e os ameaços, que reduzio os eſpiritos abatidos a naõ duvidarem perder-ſe, aonde elle ſe perdia. Se tiveſſem diſcurſo os mares, o do Cabo de Boa-Eſperança eſtaria paſmado da confiança, com que o lenho deſpreſivel, depois indignamente deſpreſado, o cortava, o dividia, o ſeparava. Aſſombrar-ſe-hia o grande golfaõ da Ilha de Santa Elena até a embocadura do Tejo da audacia, com que o peito de

hum

hum mortal lhe ſobmettia as ondas, Era vulg. lhe calcava as vagas, desfazia as eſcumas. Entrou Diogo Botelho em Lisboa com eſpanto do mundo, e foi navegando até Almeirim, aonde eſtava a Corte. Gente immenſa occupada de aſſombro miſturado de horror, concorreo a vêr a nova fabrica do Argonauta temerario, que levava as attenções de todos. O Rei, ainda que goſtoſo das noticias do Botelho, eſtimou mais vêr a embarcaçaõ, que o homem. Ella mais digna de admiraçaõ, que a náo Argos de Jaſon, que a náo Victoria de Magalhães, foi condemnada a acabar varada no rio de Sacavem. Diſſe-ſe entaõ que era neceſſario eſte deſpreſo para banir dos homens a idéa, de que a taõ pouco cuſto ſe podiaõ fazer viagens taõ longas.

O homem foi recebido como culpado nas demonſtrações ſérias, que mudamente o arguiaõ de ter emprehendido a jornada ſem licença do Governador da India. A equidade lhe permittia que andaſſe ſolto; mas a da Imperatriz, irmã delRei, naõ diſſimu-

Era vulg. mulava, que acçaõ ſemelhante ficaſſe ſem premio. Ella gaſtou annos de rogativas para conſeguir ſe lhe déſſe a Capitanía de S. Thomé, que o tornava a levar para fóra do Reino, donde paſſou depois para o governo de Cananor: premio ſempre acompanhado, naõ ſó do retiro da Pátria; mas daquellas ſuſpeitas, que em materias de intereſſe de Eſtado ſaõ ordinariamente do número dos males de ſua natureza incuraveis. Muito depois de Diogo Botelho chegou a Lisboa o Judeo com as cartas do Governador Nuno da Cunha, que El-Rei eſtimou com demonſtrações públicas de goſto, e de ſatisfaçaõ para o Judeo, que além de outras mercês foi remunerado com huma tença vitalicia de 140$000 réis. Noticia taõ alegre, que promettia o abatimento dos Turcos em Aſia, El-Rei a mandou participar ao Papa Paulo III. que a celebrou com huma prociſſaõ ſolemne, a que elle aſſiſtio com todo o Collegio dos Cardeaes. Depois celebrou Pontifical, e no fim delle o Meſtre Theofilo, Eremita de Santo

Agoſ-

Agoſtinho, recitou com a ſua coſtu- Era vulg.
mada elegancia huma Oraçaõ pathetica em louvor dos Portuguezes, que foi huma recapitulaçaõ plauſivel das façanhas, que os diſtinguiaõ entre todas as Nações do Univerſo.

A obra creſcia em Dio, e em Badur os ſignaes apparentes do muito que eſtimava a noſſa amizade, e alliança, que agora foi a ſua redempçaõ, pouco depois a ſua ruina. Sim chegavaõ a Dio os rebates das incursões, que os Mogores faziaõ nos Eſtados de Cambaya; mas elles naõ ſe atrevêraõ a ſeguir Badur defendido na Ilha pelas noſſas armas. O Governador de Baroche, Cidade grande dos meſmos Eſtados, ameaçado dos inimigos, pedio ſoccorros a Badur, que mandou alguns navios, e Nuno da Cunha dous com 70 Portuguezes ás ordens de Manoel de Macedo, que fazia retroceder os Mogores, ſe os Guzarates medroſos naõ o deixaſſem ſó na praça. O Nizamaluco, ſeu alliado, em attençaõ noſſa embainhou as armas, abandonou a alliança, fez a paz com Badur. Vaſco

Pe-

Era vulg. Peres de Sampaio ganhou o Fórte de Varivene, ſituado ſobre o rio Indo, de que os Mogores ſe haviaõ apoderado. Com a noticia de que eſtes retrocediaõ para ſe opporem aos Patanes, que lhes invadiaõ o Imperio, Badur ſe reſolveo a ſahir a campo em peſſoa, acompanhando-o Martim Affonſo de Souſa com 500 Portuguezes, que enchêraõ a expectaçaõ de Badur, já em firmar nos ſeus Eſtados a fé dos eſpiritos commovidos, já ſobmettendo os mal intencionados, e ſendo o principal inſtrumento da expulſaõ dos inimigos.

O Rei dos Mogores mettido em cólera por abandonar todo o Reino de Cambaya, que tinha conquiſtado, ſentia menos a torrente das victorias com que os Patanes lhe hiaõ ganhando o Reino de Delli, que a oppoſiçaõ dos Portuguezes. Elle os olhava como alma das emprezas de Mira Mahamut, parente do Rei Badur, que de poſto em poſto hia ſacodindo as ſuas tropas dos dominios de Cambaya. Em deſaggravo deſta injúria quiz elle ſobprender-nos em Baçaim, aonde Garcia de

Sa

Sá com 400 homens naõ ſe attrevia a Moeſperar o golpe da multidaõ dos Mogores, ſoberbos com as paſſadas victorias. Elle ſe determinava a abandonar a praça, que tinha todas as defenſas ainda imperfeitas; mas Antonio Galvaõ, quinto filho do famoſo Embaixador da Ethiopia o memoravel Duarte Galvaõ, ſe oppoz a eſta acçaõ injurioſa ás noſſas armas, e o fez mudar de ſentimentos. Os Mogores á viſta da noſſa reſoluçaõ, naõ ſe attrevendo a arriſcar no ataque, tomáraõ a de ſe retirar medroſos. Pouco depois chegou Nuno da Cunha, taõ pago da intrepidez de Antonio Galvaõ, que o honrou com lhe mandar pozeſſe a primeira pedra na fortificaçaõ, que entaõ ſe principiou em Baçaim. Nós ſeguiremos logo eſte grande homem pelos paſſos, que deraõ nas Molucas igualmente a ſua virtude, e o ſeu valor. Era vulg.

Da auſencia do Governador ſe aproveitou o Hidalcaõ para invadir as terras firmes de Salcete. Elle fez eſta guerra com forças, e vigor, mas encontrou biſarra a oppoſiçaõ de D. Joaõ Pe-

rei-

Era vulg. reira, Governador de Goa, que se sustentou sempre victorioso até a chegada de Nuno da Cunha, que concluio a Fortaleza de Mador para freio destas irrupções. Ella foi guarnecida por 800 homens ás ordens de Manoel de Sousa, que obteve este governo em attençaõ ao parentesco com o Conde da Castanheira, já reconhecido o primeiro valido do Rei. Ao mesmo tempo se recebeo a agradavel noticia da vantajosa paz, que D. Estevaõ da Gama, depois de derrotar a Alodin, Rei de Viantana, concedêra a este Principe. Elle lha mandou pedir a Malaca com as submissões de abatido; sugeitando-se a entregar-lhe toda a artelharia; a naõ construir nos seus portos Fustas de guerra; a abster-se de fazer fortificações em Bintaõ, e Viantana; a vir residir no porto de Muar para de mais perto commerciar com Malaca; e outras vantagens semelhantes, que promettiaõ a esta Cidade felicidades permanentes, se fossem menos enormes os seus crimes.

Mas antes que passemos á narra-

çaõ

çaõ de outros ſucceſſos, eu vou a fazer huma recapitulaçaõ breve do governo de Antonio Galvaõ nas Molucas, para onde foi deſpachado, logo que o Governador voltou de Dio. Antonio Galvaõ digno dos maiores empregos pelas ſuas virtudes, até entaõ naõ obtivera algum. No eſtado de ſimples particular, ellas lhe fizeraõ entrada na acceitaçaõ univerſal dos homens, ellas promovêraõ de ſórte os ſeus intereſſes, que era hum dos poderoſos da India, como que queria Deos moſtrar nelle, que todas as couſas concorrem para a felicidade daquelles, que o amaõ. Nuno da Cunha, que conhecia, e ſabia diſtinguir o verdadeiro merecimento, attendeo ao de Antonio Galvaõ, que achou com qualidades para reparador das deſgraças das Ilhas Molucas, fomentadas pela avareza, pela libertinage, pela pouca Religiaõ de Triſtaõ de Ataide, e dos ſeus predeceſſores. Elle o provê no governo daquella dominaçaõ deſolada, e Antonio Galvaõ lhe reſponde: Que o acceita ſó para ſervir a Deos, e a El-Rei; Era vulg.

mas

Era vulg. mas naõ para ir fazer mal a ninguem. Nuno da Cunha o advertio: Que servir a Deos, e ao Rei era fazer justiça igual sem excepçaõ de pessoas, com premio das virtudes, aonde as achasse, com amargura dos vicios, aonde os descobrisse.

Antonio Galvaõ se dispõe a encher toda a expectaçaõ de Nuno da Cunha no governo das Molucas, menos na figura de Capitaõ, ou de Negociante, que na de vassallo fiel, e Apostolo fervoroso de Jesu Christo, que sem o baculo da ambiçaõ, e o alforge da avareza fizesse a jornada, residisse, e voltasse das Molucas para a Pátria. Do exterminio de ambos estes vicios deo elle as mais elegantes próvas no meio das intrigas indecentes, com que Ministros indignos em Cochim, que deviaõ concorrer para a expediçaõ, o reduzíraõ a estado de fazer á propria despeza quasi toda a sua equipagem. Quanto elle adquiríra na India de dinheiro, de baixella, de móveis de casa, tudo gastou o Galvaõ em aprestar a sua viagem. Elle se embarcou para Malaca com

200

200 homens, que escolheo, e a que pagou; com muitas mulheres para as casar nas Molucas, e multiplicarem o Povo; com todos os instrumentos de cultivar a terra, para fazer a Colonia florescente por meio da industria, que nella se necessitava. Era vulg.

Naõ obstante pertencerem os successos do Galvaõ nas Molucas aos annos seguintes, eu me resolvo a tratallos no Capitulo II. No fim deste tecerei o seu elogio, resumirei as suas façanhas, direi delle, que com 150 Portuguezes triunfou de oito Reis colligados: que lhes desbaratou Exercitos numerosos, queimou Armadas formidaveis, tomou despojos preciosos: que com corage igual derrotou a astucia dos Reis de Moro, de Java, de Banda, de Amboino, obrigando estes Principes a reconhecerem as armas de Portugal por tutelares dos seus Dominios: que unindo o ardor militar ao zelo pio, era ao mesmo tempo Capitaõ, e Catequista, taõ vigilante em augmentar o Estado para interesse do Principe, como em avançar o Dominio

Era vulg. nio da Igreja para gloria de Deos: que para conſeguir eſta ſegunda empreza ſagrada, e heroica derrubou muitos Pagodes, erigio Templos, arraſou Idolos, levantou Altares: empreza tanto ſua, que deſpendeo nella ſetenta mil cruzados da ſua fazenda. Á ſua cuſta fez Antonio Galvaõ o famoſo Seminario para nelle ſerem educados nos Dogmas Catholicos os filhos dos Infieis. Elle conſeguio que dous Reis das Molucas com as ſuas familias, e grande número de vaſſallos abjuraſſem os delirios de Mafoma, e buſcaſſem a regeneraçaõ da alma nas aguas ſaudaveis do Baptiſmo.

Antonio Galvaõ tinha o eſpirito taõ levantado ſobre as couſas da terra, que deſpreſou generoſo a Coroa de Ternate, que lhe offerecêraõ; mais attento a ſer vaſſallo fiel do ſeu Principe natural, que a deixar-ſe levantar Rei de gentes eſtranhas. Elle eſcolheo para baze firme da ſua gloria opprimir a iniquidade, fazer triunfar o merecimento, naõ offender os generos de juſtiça. Eſte homem maior, do que eu o pinto,

aca-

acabado o ſeu governo voltou para Portugal; e quando Vicente da Fonceca, e Triſtaõ de Ataide, que naõ deviaõ eſperar ſenaõ caſtigos á proporçaõ dos ſeus crimes achavaõ o meio de ſe juſtificar, e avançar-ſe, porque eraõ ricos, Antonio Galvaõ, digno de todas as recompenſas, que ſó devia receber premios correſpondentes ás ſuas heroicas virtudes, parecia hum Réo, atrazado a todos, porque o ſerviço de Deos, e do Rei o fez pobre. Os ouvidos, os corações da Corte todos ſe fecháraõ ás vozes da mendicidade do homem illuſtre, que pedia, por naõ ter que dar. Elle ſe eſtimou na Pátria feliz, quando achou o azilo de hum Hoſpital, aonde ſe vio reduzido á miſeria de aſſiſtir deſaſete annos aos enfermos para ſuſtentar a vida com extrema parcimonia, ſem que já mais a relevancia dos ſeus ſerviços fizeſſe naſcer a idéa de ſer arrancado hum Heróe das mãos do abatimento viliſſimo. Depois de morto achou na Confraria da Corte a Caridade de lhe dar de eſmola huma pobre mortalha, e de lhe fa-

Era vulg. 1537.

Era vulg. zer hum enterro com pompa bem igual ao fausto dos ultimos annos da sua vida.

Este foi o fim de Antonio Galvaõ, que a naõ ter todas as recomendações no seu merecimento, merecia a lembrança, de que era filho de Duarte Galvaõ, Embaixador d'El Rei D Manoel ás Cortes de Roma, Paris, Viena, e Ethiopia, ultima jornada da sua vida, que veio acabar com mais de 80 annos na ilha de Camaraõ; Chronista mór do Reino; na sua pessoa, na de seu Pai Ruy Galvaõ, digno de que se transfundissem as suas honras no filho, e neto de taõ benemeritos avô, e Pai. Mas que mais ha de vantajoso para inspirar o desprefo do serviço dos homens? Esta pergunta faz hum grave Historiador Francez, acabando de debuchar a imagem de Antonio Galvaõ, quando Governador das Molucas, quando Servente do Hospital, quando morto em miseria summa. Elle crê que tudo foraõ acções da Providencia para tecer mais preciosa a Coroa deste Predestinado. Manoel de Faria e Sousa navegando por outro rumo na Asia Portu-

tugueza, diz do nosso Heróe. *Para lo de la fama el será claro, mientras durare el mundo, porque en ella no tienen jurisdicion ni los Reies floxos, ni los Ministros malos, ni la fortuna ciega, ni las edades caducas.* Era vulg.

## CAPITULO II.

*Trata-se o governo de Antonio Galvaõ nas Molucas, e outros successos da India no anno de* 1537.

QUANDO Antonio Galvaõ navegava de Cochim para Malaca, e desta Cidade pelo rumo de Borneo para a ilha de Ternate, chegáraõ as náos, que o anno passado de 1536 sahíraõ do Reino, e ardia furiosa a guerra do Idalcaõ, fomentada por Acedecaõ, sobre o dominio das terras firmes de Salcete. A Esquadra do Reino era composta de cinco náos, commandadas por Jorge Cabral, que trazia ás suas ordens os Capitães Vicente Gil, Gaspar de Azevedo, Ambrosio do Rego, e 1537.

Era vulg. Duarte Barreto. Com eſta gente da Armada determinou Nuno da Cunha forçar a Acedecaõ no campo de Bory, e fundar em Rachol huma Fortaleza, que refreaſſe as invasões dos inimigos nas terras firmes. Para eſta empreza entregou elle 600 homens a D. Gonçalo Coutinho, Governador de Goa, que entaõ ſentio a deſgraça ſuperior á ſua grande corage. Infelizmente ſe deſpenháraõ 200 Portuguezes com as altas tranqueiras dos inimigos, que os matáraõ a ſeu ſalvo. Animados com eſta vantagem, carregáraõ o noſſo campo, que teve a ſenſivel perda de outros 200 homens, entrando no ſeu número D. Gonçalo Coutinho, e 40 captivos, que honráraõ o triunfo de Acedecaõ.

Sentia Nuno da Cunha a quebra das noſſas armas, a falta de muitos Fidalgos, o eſtrago de tantas vidas, quando o opprimíraõ novos cuidados. Manoel de Souſa, Governador de Dio, lhe pedia com inſtancia naõ demoraſſe a jornada do Nórte; porque Sultaõ Badur ajuntava tanta gente, e fazia taes mo-

movimentos, que tiravaõ toda a dúvida, de que intentava ſitiar a Fortaleza. Tudo perplexidades, o Governador advertia que ſe acodiſſe á guerra ameaçada de Dio, arriſcava Goa; ſe continuaſſe a guerra exiſtente de Goa, expunha-ſe a perder Dio. Neſte combate de idéas, quando menos ſe encontrava com ſahida ás ſuas dúvidas, entrou em Goa hum Embaixador do Idalcaõ propondo a paz com condições acceitaveis, que Nuno da Cunha eſtimou como hum favor eſpecial do Numen Supremo, que na India guardava os Portuguezes debaixo da ſombra da ſua protecçaõ admiravel. Mas deixando os negocios geraes neſte eſtado para logo levarem as noſſas attenções, ſigamos a Antonio Galvaõ, que no principio deſte anno chegou ao ſeu governo de Ternate. Era vulg.

Elle achou todas as Ilhas reduzidas a huma deſolaçaõ extrema, cauſada pelas atrocidades, avarezas, e injuſtiças de Vicente da Fonceca, e de Triſtaõ de Ataide, que actualmenre as governava, ou deſtruia. Elle vio todos os

Reis

Era vulg. Reis daquelle Archipelago conjurados em nosso dano, rodeados de gentes immensas, promptos a descarregar-nos o ultimo golpe, que cortasse unidas em huma as gargantas de todos os Portuguezes. Estes afflictos paizanos olhárao para Antonio Galvao como para hum Anjo tutelar, que os vinha arrancar do abysmo da angustia, a que os arrojára a tyrannia de Tristao de Ataide; a sublevallos da extremidade da fome, a que elle os havia reduzido; a introduzir-lhes hum novo espirito de liberdade, que lhes opprimiao os Insulanos reunidos para o seu universal estrago. Ainda a pública recomendaçao do parentesco de Tristao de Ataide com D. Estevao da Gama, entao Governador de Malaca, fazia bem pouca impressao nos espiritos para deixarem de pretender, que elle experimentasse os justos abatimentos merecidos das suas desordens, e que arrastando cadeas fosse apresentado na India como hum Réo abominavel, esquecido o seu nascimento.

Mas Antonio Galvao cheio de beni-

nignidade, em todas as ſuas acções moderado, deſejoſo da paz, da uniaõ, da tranquillidade pública, e particular, longe de prender, de carregar de ferros o ſeu predeceſſor, como a voz geral lhe requeria; elle ſe deſvelou em o tratar com delicadezas, com todos os generos de politica para esfriar o ardor dos ſeus accuſadores; para lhe dar lugar delle ſatisfazer á juſta razaõ dos queixoſos. A todos os negocios entrou o Galvaõ a dar hum tom harmonioſo, que agradaſſe á differença dos ouvidos. Como todos eſtavaõ em ruina, principiou pelos Eccleſiaſticos, que ajuſtou aos regulamentos mandados des de Portugal á India pelo zelo prudente do Cardeal Infante D. Henrique. Elle reduzio a preço raſoavel os generos neceſſarios para a vida, que os monopoliſtas vendiaõ á ſua vontade: eſtabeleceo Juizes, e Intendentes de Policia, que vigiaſſem ſobre a petulancia dos poderoſos, ſobre as fraudes dos pequenos, ſobre as intrigas dos diſſolutos: trabalhou nos reparos da Fortaleza, que os neceſſitava tanto, como os coſtumes Era vulg.

Era vulg. mes licenciofos dos homens, que pifavaõ a ambos os pés todas as fórtes de leis, ainda as mais fantas, que fó faõ capazes de os refrear.

Como elle levára da India todas as coufas neceffarias ao fundador de huma nova Colonia, a que queria dar firmeza, poz os edificios na figura dos de Europa: repartio as terras pelos moradores, que as haviaõ cultivar, e para os fazer activos no trabalho os cafou com as mulheres, que trouxera de Goa; dando com prudencia huma tal fórma a todas as coufas, que infenfivelmente fe infinuava nos corações de todos. He verdade que os Ilheos, ainda que defejofos de que os governafe hum homem de probidade, coftumados ás fucceffivas defordens de tantos improbos, naõ conheciaõ o Galvaõ pelo que era. Elles ainda olhavaõ para as fuas acções como para humas fuperficies affectadas de animo dobrado; e efta defconfiança confervava teimofos na liga geral os Reis daquelle Archipelago até a terra dos Papous, que com Cachil Ayalo na fua tefta fe haviaõ

viaõ fortificado em Tidore, aonde tinhaõ o numeroſo Exercito de 50$000 homens conjurado para a ruina dos Portuguezes nas Molucas. Era vulg.

Muitas vezes ſollicitou o Galvaõ os Principes colligados para hum ajuſte amigavel; mas elles ſoberbos com o poder, eſcandaliſados pelas injurias, incredulos com a lembrança das trahições paſſadas; em fim mettendo ao Galvaõ na ordem do Ataide, e do Fonceca; de todas as ſuas propoſtas zombátaõ, elles as eſcarnecêraõ, affrontáraõ a Naçaõ, deſeſtimáraõ ao Embaixador, e reſolveraõ encomendar ás armas a vingança dos ſeus oprobrios. Como Antonio Galvaõ occupado de intenções ſantas, eſgotára todos os meios pacificos para juſtificar os ſeus procedimentos ulteriores na preſença do Deos dos Exercitos; elle buſca o recurſo das armas com eſperança firme de conſeguir a victoria. Entregou o governo interino da Fortaleza ao meſmo Triſtaõ de Ataide para o confundir com beneficencias; o Galvaõ na frente de 170 Portuguezes, e de 230 homens de Ter-

na-

Era vulg. nate, que embarcou em quatro Galeões, e algumas Corocoras da terra, elle vai a buſcar os inimigos na meſma Cidade de Tidore. Os exercicios, com que elle adeſtrou as tropas para eſta expediçaõ foraõ orações, jejuns, eſmolas, preces, procifsões, e rogativas para aplacar a indignaçaõ do Ceo.

Naõ eſperáraõ os inimigos, que elle chegaſſe a abordar a Ilha; porque vieraõ recebello no mar com huma Armada de mais de 300 Corocoras, em que ſe aſſegura haverem 30♂000 homens. O fogo da noſſa artelharia os ſervio de modo, que fazendo o temor os ſeus officios, elles mudáraõ de intentos, e retrocederaõ para defender em terra o deſembarque. Antonio Galvaõ encontrou as praias bordadas de homens, que faziaõ ſemblante de animoſos combatentes. De nada ſe aſſuſta o noſſo Chéfe, que com confiança ſuperior, eſtima a multidaõ para maior gloria do triunfo; determina atacar a Cidadela na ſua meſma face; desfazer as prevenções com o deſembarque nocturno para enganar os Barbaros no dia

com

com outro fingido, que ſerviria de lhes Era vulg.
divertir as forças. Elle deſembarcou no maior ſilencio com 120 Portuguezes, e 180 de Ternate, marchando por caminhos occultos ſem ſer ſentido para lhe ir amanhecer á Cidadela. A eſta hora havia a Armada fazer as manobras de quem queria forçar o porto da Cidade para poſtar a gente em terra, e chamar por aquella parte á defenſa o groſſo dos inimigos.

Tudo aconteceo como Antonio Galvaõ o penſou. Quando o Sol lhe deo nas armas, os reflexos o deſcobriraõ ao Campo, que cobria a Cidade, mandado pelo Rei Ayalo, que era hum dos quatro Soberanos alliados. Elle bem armado ſe moveo intrepido ſobre os poucos Portuguezes para os fazer victimas do furor, como a inſtrumentos que o priváraõ da poſſe do ſeu Reino. O Galvaõ fingio que o temia, e ſe retirou a hum boſque para aproveitar a vantagem do terreno. Ayalo fez movimentos de quem queria rodear a noſſa gente; mas naõ lhe deo lugar o Galvaõ, que invocando o Apoſtolo

da

Era vulg. da India S. Thomé por ſer o ſeu dia, e a Sant-Iago, Patraõ das Heſpanhas, ſe lançou aos inimigos com impeto mais que humano. Ayalo combatia como tigre, e pode-ſe dizer, que elle ſó ſuſtentava o pezo de todo o campo. As muitas feridas lhe esfriáraõ o ardor; a perda do ſangue o fez cahir em terra tres vezes; eſmaiou a gentileza, e elle pedio aos ſeus o retiraſſem do campo, antes que os cães Portuguezes o acabaſſem de ſacrificar á ſua cólera indomavel. Auſente o Chéfe, desfaleceo nos ſoldados a corage; huns buſcavaõ o horror das grutas: outros quizeraõ ſalvar-ſe na Cidadela. O Galvaõ ſeguindo a victoria entrou miſturado com elles neſte Fórte, que logo reduzio a cinzas por ſer todo de madeira.

Para naõ esfriar o ardor, elle volta caras á Cidade, que defendia o ſeu Rei com os outros dous alliados. Aqui naõ encontrou o Galvaõ inimigos, que tiveſſem corage para a reſiſtencia. Surprendidos de vêrem as noſſas trópas em terra, Ayalo desfeito, a Cidadela abra-

ſa-

ſada ; os que naõ buſcavaõ o azilo das montanhas ſe deixavaõ matar indefenſos. O Rei de Tidore ſe poz em cobro com a ſua familia : os outros Principes poderaõ embarcar as peſſoas com grande perigo para ſe recolherem ás ſuas Ilhas, deixando as trópas á diſcriçaõ dos contrarios. A Cidade rendida em breve tempo foi viſta hum monte de ruinas ; os campos juncados de cadaveres ; quatro Reis rodeados de muitos mil homens a irrizaõ de 120 Portuguezes, ſem que eſtes tiveſſem mais perda, que a de hum eſcravo : Victoria, que os noſſos na fórma do coſtume, desfazendo no ſeu valor, a attribuiraõ a milagre, e que Couto para a fazer crivel, lhe chama nunca viſta, nem ouvida. O Rei de Tidore abandonado dos amigos, foi o primeiro em pedir a paz, que negociou, e ancioſamente deſejava ſeu irmaõ Cachil-Rade. O Galvaõ lha concedeo benevolo, e ajudou officioſo a reparar a ſua Corte arruinada. Politica com que trouxe á ſua devoçaõ os corações de Tidore, aſſim como já attraira os de Ternate. Era vulg.

Quan-

Era vulg.

Quando as acções de Antonio Galvaõ davaõ a conhecer aos Ilheos as ſuas qualidades, os Portuguezes entráraõ a affectar, que as ignoravaõ. Aquelles deſejavaõ hum homem juſto, que os governaſse com equidade, e na peſsoa do Galvaõ viaõ cumprido o ſeu deſejo. Eſtes queriaõ hum Chéfe, que os favoreceſse na ſua prevaricaçaõ, e na poſſe do que tinhaõ como reformador dos eſcandalos, a vontade ſe lhes agoniava. Inflexivel no cumprimento das ſuas obrigações, inexoravel aos vicios, elle naõ perdoava a expedientes, que podeſſem conter a diſſoluçaõ. Para dar a todos os ſervidores do Rei exemplo edificante de deſintereſſe, em todo o tempo do ſeu governo naõ fez negocio, de que lhe reſultaſſe a menor ganancia, antes deſpendeo no ſerviço quanto adquirira na India. Eſta heroicidade era mais para admirar, que para ſeguida de eſpiritos mal coſtumados. Todos os do humor de Triſtaõ de Ataide o fizeraõ cabeça do ſeu partido; e eſte homem ingrato aos beneficios, que acabava de receber de An-

Antonio Galvaõ; elle toma a confiança de fazer carregar os seus navios, com as armas na maõ, de todo o genero de contrabandos; elle fórma hum corpo dos sediciosos, que eraõ os mais, para os levar comsigo á India; o Governador he forçado a soffrer esta deserçaõ abominavel, e ella reduzio Ternate á mesma extremidade de miseria, em que estava antes. Era vulg.

Os Reis de Geilolo, e Bachaõ, que ainda naõ tinhaõ concluido com solemnidade a paz, quizeraõ aproveitar esta conjunctura favoravel para continuar a guerra. O Galvaõ para poupar o sangue dos poucos homens, que o Ataide lhe deixára, propôz a ambos hum combate singular de pessoa a pessoa. Elles o acceitáraõ; mas mediando nos ajustes o Rei de Tidore, e seu irmaõ Cachil Rade, elles se concluíraõ, e entráraõ a gozar as Molucas de huma tranquillidade perfeita. Nada perturbava já aos de Ternate, a excepçaõ da lembrança do seu Rei Tabarija, que Tristaõ de Ataide mandára preso para a India: lembrança sau-

Era vulg. ſaudoſa, que lhes fazia violencia para obedecerem a Aeyro, que lhe occupava a praça; que os eſtimulou a pedirem ao Galvaõ intercedeſſe pela reſtituiçaõ do ſeu Principe; ultima acçaõ, que faria immortal a ſua memoria em todo o Archipelago das Molucas.

Quando os Ternatezes faziaõ eſte requerimento, já o Governador da India Nuno da Cunha tinha reconhecido a innocencia de Tabarija, e o tratava em tom de grande Principe, agora mais recomendavel por haver abraçado o Chriſtianiſmo. Elle depois foi enviado a Malaca, donde havia ſer reconduzido ás Molucas para reentrar na poſſe do ſeu Reino. Antonio Galvaõ, que ignorava as aventuras deſte Principe; que piſára a ambos os pés o Sceptro de Ternate, que os Inſulanos lhe queriaõ metter na maõ: elle com á meſma força de eſpirito, que o animou a eſta repugnancia inimitavel, trabalhou por inclinar á Aeyro todas as almas dos Ternatezes. Indignado da inſolencia, com que os ſeus predeceſſores

tra-

tratavaõ aos Reis como escravos, valeo-se do pretexto da paz para soltar, dar plena liberdade a Aeyro; permittir que se casasse; que governasse em Soberano; que naõ parecesse hum fantasma, mas deposito real da Magestade. Era vulg.

Entaõ os póvos barbaros, que saõ barbaros em quanto a nós pelas idéas baixas que delles concebemos, quando no seu fundo saõ bem capazes de estimar a virtude, e de lhe dar o seu preço verdadeiro; elles o mostráraõ agora nas meditações da probidade de Antonio Galvaõ, que os encheo de assombro; que os deixou occupar de confiança para fiarem tudo do seu merecimento. Huma confiança semelhante á dos Sabinos com os Romanos, que fazia parecer Portuguezes, e Ternatezes hum mesmo Povo, e hum só os interesses de ambos. Com complacencia geral se vio entaõ derramada em Ternate a Civilidade Portugueza nos edificios, na cultura, nas Artes, nos costumes, em fim parecendo a Ilha huma Provincia do Continente de Portu-

Era vulg. gal: próva evidente, naõ ſó da força do bom exemplo, mas de quanto he facil a huma conducta edificante reparar os deſmanchos da relaxaçaõ, que tendo origem na enormidade do vicio, eſte naõ póde deixar de eſconder a cara, quando ſe lhe faz face com o ſeu contrario a virtude.

Com os Caſtelhanos, que naõ ſe podiaõ conter ſem nos repetirem as viſitas nas Molucas, moſtrou o Galvaõ a grandeza da ſua alma. Fernaõ Cortez o Conquiſtador do Mexico nos mandou moſtrar duas Náos, que ſahiraõ da Nova Heſpanha. Os tempos groſſos as arrojáraõ á Ilha de Tidore, aonde as ſuas gentes eſperavaõ encontrar azilo taõ ſeguro, como os paſſados, ignorantes dos obſequios, que ella rendia ao novo Chéfe de Portugal em Ternate. O Rei de Tidore, em quanto aviſava ao Galvaõ da ſua chegada, lhes negou a entrada do porto: ultima das ſuas infelicidades, que obrigou as Náos a vararem em terra, e desfazer-ſe nos cachopos, eſcapando do naufragio a menor parte dos homens. A gente de Ti-

do-

dore os tomou como cativos, e os enviou ao Galvaõ, para que dispoſeſſe delles ao ſeu arbitrio. Na humanidade do Chéfe encontráraõ elles taõ delicada a caridade, a hoſpitalidade taõ condeſcendente, que ſó a differença do Clima os fazia crêr, que naõ eſtavaõ em Heſpanha. Era vulg.

A nova tempeſtade de huma guerra dobrada, que ſe levantou nas outras Ilhas, deſafiou as attenções de Antonio Galvaõ, para que ella naõ perturbaſſe a formoſura da paz em todas as Molucas. O primeiro incendio ſe levantou em Java, Banda, Macaçar, e Amboino atiçado pelos Mercadores, que ſentindo alterado o comercio do cravo, ſe diſpoſeraõ a ſuſtentallo com as armas. O Galvaõ ſe determinou a abafar a faiſca, antes que ſe levantaſſe lavareda. Elle manda ás Ilhas inquietas a Diogo Lopes de Azevedo com quarenta Portuguezes, e 400 homens de Ternate, e de Tidore. Diogo Lopes encontrou os inimigos conjurados em Amboino. Elle os bateo com tanta corage, que lhes tomou todos os navios,

Era vulg. a ſua artelharia, fez muitos priſioneiros, diſſipou-os, e com hum golpe fundo acabou a guerra de repente.

Preparava-ſe a ſegunda tempeſtade nas Ilhas do Moro. Elle a prevenio, ordenando ao zeloſo Padre Fernando Vinagre, que repreſentando o cargo de General de huma pequena Eſquadra, com outros 40 Portuguezes, e vários homens da terra, foſſe vibrar a eſpada ſecular com a meſma dexteridade, com que manejava a lança penetrante da palavra divina. Elle executou as idéas do noſſo Chéfe, como tinhaõ ſido penſadas. Como os inimigos o eſperavaõ, o valeroſo Padre os combateo, lhes matou o General, e metteo em derrota. A victoria teve por conſequencia o rendimento das Ilhas rebeldes. Entaõ embainhadas as armas, o Padre Vinagre entrou a derramar nellas as doçuras de Apoſtolo; a piſallas com os pés eſpecioſos, que evangeliſaõ a paz, e a bondade; a tomar para ſi as almas, deixando tudo o mais para os outros, como idéa unica, que elle ſabia dominava a Antonio Galvaõ,

ſem-

ſempre ambicioſo de multiplicar os lucros na ſementeira do campo da Igreja. He verdade que as conversões ſe faziaõ com rapidez; que o General ſe accommodava a ellas com eſpirito mais militar, que theologico; mas elle naõ podia dilatar a complacencia, que lhe cauſava a preſſa, com que todas as Molucas ſe aliſtavaõ a ſervir debaixo das bandeiras do Redemptor. Era vulg.

Via o piedoſo General, que a torrente arrebatada de zelo levava as chamas ateadas neſtas Ilhas ás dos Celebes, de Mindanao, e outras adjacentes. Sim diſcorria que a carreira por agitada poderia parar opprimida: mas para naõ esfriar o ardor, edificou á ſua cuſta hum Seminario, aonde as Mocidades das Ilhas illuminadas appren-deſſem, e ſe confirmaſſem na crença dos Dogmas Catholicos para depois ſerem ellas os Catequiſtas das ſuas Pátrias. Elle foi o primeiro, que na India deo principio a eſtas ſórtes de fundações taõ uteis á ſociedade: ella a ultima, que acabou de render todos os corações em ſeu obſequio. Entaõ no

meio

Era vulg. meio do goſto os atacou a agonia, de que o Galvaõ hia acabando o ſeu tempo: que o viria ſubſtituir algum genio com ſemelhanças dos paſſados: que eſta perda para todas as Ilhas era irreparavel. Sentimentos de amor, que obrigaraõ os Ilheos a mandar Deputações ao Governador da India, e ao Rei de Portugal para prorogarem o governo de Antonio Galvaõ. Mas o ſeu ſucceſſor já ſe fazia preſtes para o ir render; e nós o deixaremos na ſábia, e pia adminiſtraçaõ do ſeu cargo, até chegar o tempo de fallarmos na ſua deſpedida das Molucas.

## CAPITULO III.

*Succeſſos de Africa neſte anno de 1537, e continuaõ os da India no meſmo anno.*

A POTENCIA dos Xerifes em Africa tinha ſobido ao eſtado eminente, que nós em várias partes havemos referido. A do Rei de Sus, irmaõ menor do de Marrocos, depois que o anno paſſado nos

nos conquiſtou a Villa de Santa Cruz no Cabo de Aguer, como tambem deixamos dito, deſafiou o ciume do de Marrocos, que deſejava romper com o irmaõ victorioſo. Daqui naſceo a ordem arrogante, com que lhe mandava foſſe em peſſoa dar-lhe do ſucceſſo do ſitio, e da victoria ſobre a Villa de Santa Cruz, huma relaçaõ individual para regularem a partilha dos deſpojos: ordem, que o Rei de Sus naõ quiz executar, e que foi origem do principio de diſcordia entre ambos. Cide Aral, Caciz bem reputado, fez o officio de medianeiro, e conſeguio que os irmãos ſe aviſtaſſem com ſemblante de pacificos no meio da diſtancia, que ha entre Tarudante, e Marrocos. Elles ſe aviſtáraõ, cada qual na frente de 500 cavallos; mas o de Marrocos, que foi o primeiro nos abraços, quiz dar com o de Tarudante em terra. Era vulg.

Eſte, que era mais forçoſo, o levou nos ares, derrubou-o, e fazendo a acçaõ de que o degollava, ſe contentou com dizer-lhe: Ainda tu, meu irmaõ, naõ perdeſte os coſtumes de trahidor?

Era vulg. dor? Como te enganas comigo, ſabendo que eu te conheço. O de Marrocos lhe reſpondeo: Que elle era o que vinha determinado a matallo; mas que com a ſua corage lhe abateria a ſoberba. Sem ſe dizerem mais palavra montáraõ a cavallo, e ſe recolhêraõ aos ſeus Eſtados reſpectivos. O de Marrocos naõ ſe demorou em declarar a guerra com felicidade nas primeiras eſcaramuças, que o animáraõ para arriſcar o Imperio á ſórte de huma batalha. Naõ podia o Rei de Sus pôr dúvida em acceitalla, depois de haver promettido á ſua gente, que elle raparia as barbas, ſenaõ trouxeſſe a ſeu irmaõ preſo para Tarudante. Á viſta eſtavaõ os dous Exercitos promptos a atacar-ſe, quando os diſcurſos dogmaticos de huns Cacizes piedoſos os obrigáraõ a depôr a cólera, a abandonarem o campo de Montes Claros, e recolher-ſe inteiros aos ſeus Dominios.

Nós ignoramos ſe neſte anno, ou em algum dos ſeguintes até o de 1539, foi o ſitio, que dizem poſera o Xerife de Marrocos á praça de Çafim com

hum

hum Exercito de 100ↀ000 homens. Da mesma sórte naõ sabemos quem governava entaõ a Cidade; porque em Africa tudo eraõ descuidos. Tanto crescêraõ os trabalhos dos inimigos, que em poucos dias chegáraõ as trincheiras á pórta de Almedina. A praça necessitada de tudo pedio soccorros a Portugal, e teve de postar as mulheres nas muralhas com fardas de Soldados para mostrarmos, que nella havia gente. A sua corage desmentio a fragilidade do sexo, taõ constantes nos perigos, que o chuveiro das ballas naõ as fazia mudar os pés dos lugares, em que huma vez os firmavaõ. Entre as muitas batarias, que laboravaõ sem descanço, incomodava muito á Cidade hum canhaõ monstruoso, que huns dos nossos artelheiros teve a fortuna de fazer em pedaços, mettendo-lhe huma balla pela bocca. Desesperou o Xerife com este successo; manda arrimar as mantas, e picar a muralha. Os nossos acodiraõ com tal quantidade de materias inflammaveis, que mantas, e homens ficáraõ feitos em cinza. Era vulg;

Quan-

Era vulg. Quando ſe via no maior aperto huma Cidade falta de todo o neceſſario para defender-ſe, apparecêraõ humas Fragatas de Azamor, que mandava Samuel, Judeo valeroſo de Valença. Pela figura da praça a ſuppoz ſitiada, e reſolveo-ſe magnanimo a ſoccorrella. Atropellando perigos, entrou nella com a ſua gente, e notando a manobra dos inimigos, diſſe ao Commandante que era neceſſario fazer huma ſahida para ſe informar com os olhos dos movimentos, que dalli naõ alcançava a viſta. No dia ſeguinte pedio ao meſmo Chéfe mandaſſe abrir no muro huma pórta muito eſtreita, aonde fez plantar quatro canhões: ſahio por ella nas horas do maior ſilencio com cem homens bem providos de alcanzias, panelas de polvora, e outros inſtrumentos de fogo: cahio ſobre os Mouros ao tempo, que dormiaõ a ſéſta: o eſtrondo das linguas, que levantavaõ os incendios os acorda; mas o ardor do ferro dilata a grande número mortal o ſomno. Ao clamor dos agonizantes acode o Xerife com o groſ-

ſo

ſo do campo, e porque entende que huma pórta taipada ſe havia aberto para eſta ſahida, endireita ſobre ella a marcha. Era vulg.

O Samuel ſe retirava matando, quando o Xerife, que ſe encontrou com a pórta fechada, e duvidava do lugar por onde ſahira; elle torce os paſſos, buſca-o, e de tropel o ataca, antes que lhe eſcape. Continuou o bravo homem airoſa a ſua retirada ſem perturbaçaõ, ſem perder hum ſoldado, e recolhido com todos na praça pela pórta deſconhecida, ſervio com várias deſcargas dos quatro canhões atacados a cartuxo aos Mouros apinhados, fazendo nelles hnm eſtrago horrivel. Hum feito taõ ſublime, aſſombrou o Rei de Marrocos. Elle entendeo que a praça tinha recebido algum grande ſoccorro, e ſuppondo mais difficultoſa a conquiſta, levantou o campo, aonde em ſeis mezes de continuos aſſaltos naõ póde abrir brecha na conſtancia de poucos Portuguezes. Elle quiz deſpicar depois a ſua affronta; mas nós veremos no tempo proprio

as

Era vulg. as cauſas, que lhe ſuſpenderaõ a vaſtidaõ dos deſignios; porque agora nos chamaõ para a India as revoluçoẽs do Reino de Decaõ.

A vaſta extenſaõ deſta Monarquia eſtava como dividida entre deſoito Tyrannos, que o ultimo Rei fizera Governadores de outras tantas Provincias. Elles meſmos entre ſi ſe dividiraõ, e deſtruindo onze, ficaraõ reduzidos a ſete, pouco depois a cinco, que eraõ o Hidalcaõ, o Nizamaluco, o Cotamaluco, o Madremaluco, e Melique Verido: uſurpadores, que foraõ origens de grandes guerras, em que os Portuguezes tomáraõ partido confórme a figura dos ſeus intereſſes. O Hidalcaõ Iſmael conſervou ſobre os outros huma eſpecie de ſuperioridade, talvez adquirida por maior trahidor, que tendo debaixo da ſua tutela o ultimo Principe herdeiro de Decaõ, lhe tirou a vida para retalhar com os ſeus ſocios os Eſtados. Elle tinha entaõ hum eſcravo chamado Çufolarim, o homem mais induſtrioſo, intrigante, e ſimulado, que ſe conhecia na ſua idade. O Hi-

Hidalcaõ o fez Accedecaõ, emprego que correſponde ao de Condeſtavel do Exercito. A eſte aſtucioſo, e a Melique Ibrahim ſe attribuio a mórte, que deraõ ao Hidalcaõ com veneno, por hum effeito de agradecidos ao muito, que elle os havia honrado. Era vulg.

Com lentidaõ hia o veneno produzindo no Hidalcaõ os ſeus effeitos; mas elle cego do amor pelos ſeus dous validos, imputou o crime ao Cotamaluco. Sem mais averiguaçaõ, que as ſuſpeitas, elle lhe declara a guerra, e com Exercito ſem número o ataca na Cidade de Golconda. Quatorze Portuguezes, que Cotamaluco tinha no ſeu ſerviço, matáraõ na defenſa da praça mais de 20$000 homens: na continuaçaõ do ſitio perdeo o Hidalcaõ outros 100$000, e Cotamaluco lhe mandou de preſente dez mil priſioneiros para os enviar com as orelhas cortadas a Melique Verido, que havia dado tratamento ſemelhante a alguns dos ſeus vaſſallos, e o influira para eſta guerra. Em fim laborou o veneno, e no meſmo ſitio de Golconda morreo

o

Era vulg. o Hidalcaõ. As revoltas, que se seguiraõ sobre a successaõ, as trahições continuas de Accedecaõ contra seu Amo, e as pretenções de Nuno da Cunha sobre as Terras firmes de Goa foraõ a causa da guerra, que tivemos com Accedecaõ, e a da perda de D. Gonçalo Coutinho, como eu aponto no principio do Capitulo passado. No mesmo lugar refiro eu a paz, que o Hidalcaõ atacado de muitos males, o maior a continua perfidia de Accedecaõ, propoz a Nuno da Cunha, e que elle estimou para accodir aos negocios de Dio, que chamavaõ pela sua presença.

Mas a paz com o Hidalcaõ naõ socegou as revoltas do Malabar. O Çamorim de Calecut, que naõ podia estar ocioso, nem dissimular o odio, que concebêra aos Portuguezes, e por sua causa ao Rei de Cochim; com o pretexto de visitar os seus Estados, elle marcha sobre Cranganor com o designio de se apoderar da Ilha de Repelim. Esta tentativa era hum rompimento de guerra, que havia inquietar o Rei de Cochim, e os Portuguezes

seus

ſeus iſſeparaveis alliados. Pedro Vaz, Governador da Fortaleza, ſe adiantou a tomar os paſſos das Ilhas de Vaipim, e Chatua. Immediatamente fez ſaber ao Çamorim, que ſe intentaſſe entrar na primeira deſtas Ilhas, a elle nada o eſcuſava para deixar de lhe impedir o trajecto. Como elle ſe moveo ſem fazer caſo das repreſentações; Vicente da Fonceca, criminoſo nas Molucas, já com o eſpirito em ſocego por muito honrado na India, que defendia aquelle poſto, o fez retroceder com mil ſoldados de menos. Fernando Annes de Sotomaior, que governava em Cranganor, reforçou o Fonceca com 200 homens em deſaſeis Fuſtas; mas o Çamorim ſabendo que Martim Affonſo de Souſa vinha reſoluto a darlhe huma batalha, entendeo prudente que naõ devia eſperallo por ſenaõ expôr ás contingencias. Era vulg.

Eſte illuſtre General ſe aproveitou da circunſpecçaõ do Çamorim para ſe lançar animoſo ſobre a Ilha de Repelim, que levou na marcha com derrota das forças do ſeu Regulo chamado

Rei.

Era vulg. Rei. Elle na fugida perdeo o chapeo, que era devisa real da sua Mageſtade poſtiça, e que por deſpojo eſtimavel foi apreſentado ao Rei de Cochim. Elle piſou aos pés eſta marca da vaidade do ſeu inimigo, como dando a entender que elle perdêra a Coroa com a meſma facilidade, com que largára o chapeo. Martim Affonſo ſeguio a victoria, e abrazou a Cidade Capital, aonde achou ricos deſpojos, entre elles a célebre pedra, ſobre a qual vinhaõ coroar-ſe os Imperadores de Calecut, que recebiaõ a Coroa da maõ do Bramane Maior, ou Sacerdote Summo, aſſim como a recebiaõ os Imperadores de Alemanha da do Pontifice Romano. Neſta pedra ſe viaõ gravados os nomes dos Reis fabuloſos, que haviaõ reinado por eſpaço de mais de trez mil annos; e em humas taboas, ou planchas de metal eſtavaõ eſculpidas imagens de Serpentes. Ellas eſtimadas como hum monumento ſagrado des de a origem de Seculos imaginarios, e que ſe dizia ſerem feitas pelos Imperadores da China, que no fun-

fundo das idades incognitas ſe affirma- Era vulg.
va haverem reinado no Malabar.

A auſencia do Çamorim ſervio-lhe para ſe reforçar. Com mais 40U000 homens ſe moſtrou elle reſoluto a forçar os paſſos. Martim Affonſo, que deixava o de Cranganor impenetravel, foi eſperallo no de Cambalaõ. Já elle ſe encontrou com 50U000 homens poſtados deſte lado; mas elles foraõ outras tantas victimas da noſſa corage, huma confuſaõ renovada para o Çamorim no meſmo lugar, em que o ſempre grande Duarte Pacheco Pereira tantas vezes fizera irriſaõ do formidavel poder de Calecut. Parece que eſte Heróe deixou alli gravados para os ſeus ſucceſſores os veſtigios de invenciveis. Duas vezes fez Martim Affonſo retroceder cortadas as trópas do Çamorim. Antonio de Brito, que elle deixou por ſeu ſubſtituto, o forçou a retirar-ſe ſeis vezes; oppondo a tantos milhares de homens 400 Portuguezes. Fazem-ſe incriveis os ſucceſſos deſta guerra. Se nós naõ quizermos que elles foſſem partos do noſſo valor humano, cha-

Era vulg. memos-lhes com os Eſcritores Portuguezes milagres divinos.

Naõ ſó na terra triunfava Martim Affonſo. Marcar, Cutial de Calecut, com huma numeroſa Eſquadra, que junto a Challe bateo, e tomou huma das cinco Fuſtas do bravo Diogo de Reinoſo, o chamou para o mar. O noſſo Chéfe, impedindo-lhe montar o Cabo de Coulete, o fez retirar a Tiracol. Dentro deſte porto foi Marcar acanhoado huma noite inteira até chegar o dia, que infallivelmente tinha de o] ent egar rendido nas noſſas mãos. A fortuna o favoreceo no maior aperto; porque na meſma noite recebeo Martim Affonſo hum expreſſo do Rei de Cochim pedindo, que ſem perda de inſtantes lhe acodiſſe na maior conſternaçaõ, a que o Çamorim o hia reduzindo. O Chéfe magnanimo abandonou a gloria propria por naõ faltar com os ſoccorros ao amigo mettido em anguſtia: mas aqui meſmo dobrou elle a reputaçaõ com tanto maior vantagem, quanta vai de vencer o vaſſallo a triunfar do Rei em peſſoa, que batido pe-

la

la eſpada de Martim Affonſo, deixou derrotado a empreza, e ſe recolheo corrido a Calecut com tanta vaidade, como ſoldados. Era vulg

Para concluirmos com os ſucceſſos deſte Chéfe na guerra do Malabar, nós diremos que nos annos ſeguintes elle continuou a ganhar victorias ſobre o Çamorim, a abater, a abyſmar os ſeus Generaes. Na Ilha de Ceilaõ o Rei de Cota, noſſo amigo, e alliado, ſe vio em grande aperto na ſediçaõ fomentada por ſeu irmaõ Madune Pandar, que com as forças de Calecut ſitiava o Principe na ſua meſma Capital. Martim Affonſo voou no ſeu ſoccorro: reconciliou os dous irmãos: perſeguio a Alli Hibraim, Comandante da Armada de Calecut, que queria ſalvar-ſe fugindo: elle o atraca nos mares de Mangalor, aonde o combate, e o derrota com mórte de 1$200 homens, com perda de navios, e liberdades.

Como a reconciliaçaõ dos irmãos de Cota foi ſuperficial, auſente Martim Affonſo, elles renováraõ a rotura,

Era vulg. e o Çamorim ſoccorreo a Madune com forças dobradas ás ordens de Paté Marcar, o rebelde de Cochim, em que já fallamos. Martim Affonſo torna a apparecer em Ceilaõ, e naõ póde trazer Paté á batalha, que deſejava. Quando hum buſca, o outro ſe retira, até que ſendo o inimigo encontrado na occaſiaõ de eſpalmar os ſeus navios, naõ teve mais refugio, que o de acceitar o combate. Elle foi hum dos mais horrendos, que viraõ aquelles mares. Combate para hum partido de deſejo, para outro de neceſſidade, ambos com motivos para apurarem o valor. O noſſo foi taõ extraordinario, que com partido muitas vezes deſigual, ganhamos huma victoria completa, queimamos muitos navios, apreſamos vinte e tres, tomamos muita artelharia, 1500 eſpingardas, fizemos muitos priſioneiros, abatemos a arrogancia de Calecut, e logo em Ceilaõ a ſoberba de Madune Pandar perjuro, e ſem palavra.

CA-

Era vulg.

## CAPITULO IV.

*Trataõ-se os successos de Cambaya até a mórte do seu Rei Sultaõ Badur.*

CORRIA o anno passado de 1536, e já os negocios de Cambaya mudavaõ tanto de figura, que obrigáraõ a Manoel de Sousa, Governador da Fortaleza de Dio, a mandar a Nuno da Cunha os avisos, que nós dissemos no principio do Capitulo III. deste Livro. Tudo estava de paz em Cambaya depois da retirada dos Mogores; depois da mórte desestrada de Tzarcaõ aos astilhaços de hum canhaõ, que rebentou, quando elle o provava: aquelle Tzarcaõ insolente, e fugitivo de Badur, protegido pelo Rei de Bengala, depois com elle taõ ingrato, que o derrotou, lhe tomou o Reino, foi causa da sua mórte, até pagar com a vida tantas atrocidades. Badur sem inimigos esqueceo todas as obrigações, que devia aos Portuguezes; fingio pretextos

Era vulg. tos já contra Nuno da Cunha, já contra Manoel de Sousa; aquelle, porque naõ lhe déra contra os Mogores os soccorros, que devêra; este porque amparára alguns dos seus vassallos rebeldes. Tudo idéas para metter em obra expedientes, com que tirasse do poder dos Portuguezes a Fortaleza, que lhes concedêra em Dio, com o freio pesado da sua liberdade, sendo hum Rei taõ grande.

O primeiro projecto, que naõ pode conseguir para levar ao fim os intentos, foi propôr a fabrica de hum muro de divisaõ entre a Cidade, e a Fortaleza. Como este abortou, e as calumnias naõ tinhaõ força para aballar a nossa constancia; elle solicitou em segredo contra nós huma liga geral com os Principes do Indostaõ. O Çamorim, e o Hidalcaõ, poucos officios necessitava elle metter em uso para os attrahir ao seu partido. O seu odio contra os Portuguezes era o agente mais activo da negociaçaõ. O Nizamaluco queria esperar os successos para se encostar ao viva quem reina.

Eraõ

Eraõ muitas as Cortes, em que Badur laborava. Naõ podiaõ todas guardar os ſegredos, que andavaõ por muitas boccas. Elles chegáraõ aos noſſos ouvidos por orgãos differentes, ou attrahidos da amizade, ou eſcandaliſados do horror da injuſtiça. Da ſimulaçaõ de Cambaya foi aviſado o Governador de Dio por hum rebuçado, que ſe entendeo ſer Medinarraõ, Chéfe da Cidade, ou noſſo amigo o Embaixador Xacoer. Das negociações com o Hidalcaõ deo Accedecaõ parte ao Governador da India. Em fim os fervores do vinho de Cambaya regorgitáraõ o ſegredo, de que Badur mandaria convidar o Governador da Fortaleza para hum feſtejo, em que lhe tinha de tirar a vida por modos a hum Soberano indignos. Era vulg.

Foi Manoel de Souſa aviſado da hora, em que Badur o havia chamar á ſua preſença, e aconſelhado ſe fingiſſe doente, e ſe eſcuſaſſe. Elle ao contrario com corage ſuperior á dos Decios Romanos, com huma corage ou ſua, ou inſpirada, apenas recebe o re-

ça-

Era vulg. cado, ſem querer levar os ſeſſenta homens da ſua guarda ordinaria, com hum ſó criado, e com toda a magnanimidade do coraçaõ poſta na cara, entra afouto, e intrepido na antecamara de Badur. Eſte Principe barbaro tomado da confuſaõ covarde, que naſce da perfidia torpe, á viſta da ſinceridade impavida de Manoel de Souſa, que lhe embota os fios aos punhais, ás eſpadas, ás lanças; que lhe entorpece as mãos, e faz cahir os braços, elle apenas fica com acordo para lhe dizer: Eu vos chamei para ſaber de vós ſe o Governador da India virá a Dio com brevidade. Eu o deſejo vêr, agazalhar, e feſtejar. Manoel de Souſa lhe reſpondeo o que ſabia, e movendo-ſe com o meſmo ar heroico, ſe recolheo á Fortaleza com huma gloria, que devia ter por panegyriſtas aos Curcios, e Livios.

Como as acçöes de ſua natureza ſublimes tocaõ com ſenſibilidade os eſpiritos grandes, Badur invejoſo da de Manoel de Souſa, quiz moſtrar-lhe que elle tinha alma para compenſar a

ſua

ſua confiança com outra ſemelhante. Era vulg.
Em huma noite com pequeno ſequito foi elle bater á pórta da Fortaleza. Manoel de Souſa a fez abrir. Badur entrou pelo meio de duas alas de 900 homens da guarniçaõ, grande parte delles com luzes nas mãos, ſeguido ſó de quatro criados: entreteve-ſe largo tempo, mas a intençaõ da viſita era taõ perverſa, que ſe encaminhava a enganar-nos com a familiaridade para nos deſcuidarmos no reparo do golpe, que nos preparava. Manoel de Souſa quiz, e naõ ſe reſolveo a prendello por naõ ter ordem de Nuno da Cunha, que lho eſtranhou: priſaõ, que pouparia a vida que depois perderaõ ambos, e que aos intereſſes de Portugal em Cambaya ſeria incomparavelmente mais vantajoſa, que os acontecimentos futuros, com que vamos tecendo eſta Hiſtoria.

Em quanto eſtas couſas ſe paſſavaõ, Nuno da Cunha convidado pelo meſmo Badur para conferirem em Dio negocios de importancia, eſperou em Baçaim por Diogo de Meſquita, que el-

Era vulg elle mandára á Corte de Cambaya para examinar, e o inſtruir a fundo nas intenções de Badur. Como elle tardava, porque eſte Rei o entretinha, o Governador continuou a viagem na formoſa Armada de 400 vélas, em que entravaõ oito Náos do Reino, grandes Juncos de Malaca, quatorze Galeões, muitas Galez, e Galeaças, acompanhado de Martim Affonſo de Souſa, e de Antonio da Silveira, ſeu cunhado. Ao atraveſſar o Golfo encontrou elle a Diogo de Meſquita, que o informou como Badur ficava em Dio; quanto havia paſſado com Manoel de Souſa, e das ſuas intenções ſobre a Fortaleza, que determinava tomar a todo o riſco. Contra todas as evidencias da fraude o Monarca ſimulado mandou muitas vezes ſaber de Nuno da Cunha na viagem, e quando chegou a Madrefaval o regalou com hum grande refreſco, e muitas peças de caça mórtas pela ſua maõ, que tudo ſe lançou ao mar por determinaçaõ dos Fyſicos, que as ſuppoſeraõ envenenadas.

Antes da Armada chegar a Dio,

Ma-

Manoel de Souſa veio huma noite fallar ao Governador para o prevenir a reſpeito dos trabalhos, que o eſperavaõ com o Rei, ſobre fingido ingraro, tyranno, e ſem palavra, que na meſma noite convocou os ſeus Grandes para lhe aconſelharem o modo de matar a Nuno da Cunha. Preſume-ſe que Xacoez o aviſára á meſma hora da trahiçaõ, que eſtava armada contra elle, e contra todos os Cabos, que o acompanhaſſem, quando foſſe a terra viſitar a Sultaõ Badur; que por caſo algum ſahiſſe da Armada, ſe queria conſervar a vida. Para os cumprimentos, que o Rei lhe mandava fazer, Nuno da Cunha ſe metteo na cama como doente. Badur dizendo que entre amigos naõ havia ceremonias, reſolveoſe no outro dia viſitallo a bórdo para mais o eſtimular com eſtas honras a naõ lhe demorar o agradecimento em peſſoa. A chegada de Badur quaſi de repente ſobprendeo o Governador. Hum na cama, outro aſſentado, ambos emudecêraõ largo eſpaço: Badur reflectindo pelos movimentos da conſcien- Era vulg.

ſcien-

Era vulg. ciencia criminosa o perigo, em que se mettêra inconsiderado: Nuno da Cunha meditando nas injúrias da honra, se era decente á fé, e reputaçaõ Portugueza prender, ou matar hum Soberano, ainda que perfido, que em tom de amigo se viera pôr nas suas mãos.

Em discursos vagos se passou pouco tempo, até que chegou hum criado de Nuno da Cunha a dar-lhe hum recado em voz baixa. Badur se altera: o Governador que o percebe, naõ lhe responde: os officiaes occultamente armados esperaõ para se mover ao signal do seu Chéfe: os animos como interdictos estaõ suspensos; mas Badur naõ podendo já sopportar os sustos, elle se levanta accelerado, sahe da camara, e de hum salto se embarcou na sua Fusta. Treze dos seus Capitães mais famosos o acompanhavaõ, entre elles Coge Çofar, e Joaõ de Santiago, chamado em Cambaya Frangis-Caõ, que era hum escravo, que os Portuguezes tomáraõ em Africa; que se fez Christaõ; que depois de nos servir na In-

dia,

dia, de lhe ſucederem muitas aventuras, pelas ſuas raras habilidades eſtava feito hum grande Senhor em Cambaya com mais de 20000 cruzados de renda. Era vulg.

No meio da confuſaõ, que ſe agitava, foi ordenado a Manoel de Souſa, que conduziſſe Sultaõ Badur á Fortaleza, e o prendeſſe. Aos officiaes ordenou Nuno da Cunha, que nos navios ligeiros ſeguiſſem o meſmo Chéfe, e executaſſem quanto elle lhes determinaſſe. O Rei advertido por Frangiscaõ do ſeu perigo, fazia vogar a toda a força. Manoel de Souſa, que hia em huma Fuſta muito ligeira, lhe pôz a proa, e ſaltou dentro com Diogo de Meſquita, Pedro Alvares de Almeida, Antonio Correa, e alguns criados. Com eſtes Fidalgos ſe travàraõ os Capitães de Badur, e elle arrojou ao ar huma ſeta, que era o ſignal de rompimento de guerra entre os Orientaes, e deo ordem aos ſeus para matarem a Manoel de Souſa. Diogo de Meſquita, que o ouvio, lhe deſcarregou huma cutilada na cabeça. Ferido ſe lan-

çou

Era vulg. çou Badur a Manoel de Sousa, e na força da luta ambos foraõ ao mar, aonde pelo peso das armas se sumio o nosso Chéfe sem mais apparecer: perda sensivel de Fidalgo tamanho, ainda maior nas virtudes, que na qualidade, que recebêra de seus Pais Gonçalo de Sousa, e D. Violante de Tavora. Pedro Alveres de Almeida tambem acabou valeroso depois de haver com os companheiros dado a mórte a sete dos Capitães de Cambaya. Diogo de Mesquita com Antonio Correa, e os criados se salváraõ nadando em duas das nossas Fustas.

Sultaõ Badur, Monarca potentissimo, fluctuava sobre as ondas como irrisaõ da fortuna, hum espectaculo tocante da miseria das cousas caducas. Elle trabalhava por ganhar a terra; mas a corrente da maré, que descia, o levava para o mar. Ja sem alentos, sentindo pela fadiga submergir-se, teve acordo para se pegar a hum dos remos da Fusta de Tristaõ de Payva, que correo para o recolher. Naõ lhe servio a diligencia; porque hum homem

mem vil, baixo Portuguez, temerario, e ſem reſpeito a huma Teſta Coroada, ainda que dizem, que o naõ conhecêra, o atraveſſou duas vezes com hum chuço, levou-o a corrente, e deſappareceo o cadaver do infeliz Sultaõ Badur, do grande Rei de Cambaya, que pela miſtura das ſuas boas, e más qualidades ſe fez hum grande homem; que pela vaſtidaõ longa dos ſeus Eſtados merecia o reſpeito correſpondente á dignidade de grande Principe. Era vulg.

Os famoſos Capitães Coge Çofar, Carecen, e Frangis-Caõ tambem lutavaõ com as ondas abertos em feridas. Çofar foi recolhido por Antonio de Sotomaior, e por ſeu irmaõ Diogo de Reinoſo a peſar dos ſoldados, que queriaõ degollalo: Carecen ferrou a terra com trabalho: Frangis-Caõ chegou á praia do baluarte do Cais, e chamou para lhe acodirem no ſeu eſtado deploravel; mas os Portuguezes, que o conhecêraõ, e viraõ que naõ podia mover-ſe, o cobriraõ de pedras, e com mórte cruel deſpacháraõ do mundo eſte eſpantalho de tantas differentes aventu-

Era vulg. turas. A eſte tempo chegavaõ tres fuſtas de Mangalor em ſoccorro de Badur: ſoccorro, que achou o mar coberto dos noſſos navios, e bateis, que as fizeraõ em cinza, e ao pôr do Sol ſe acabou a acçaõ, em que perdemos oito homens, e tivemos 40 feridos, muitos delles das ſettas, que com deſtreza notavel deſpedia hum criado de Badur Abexim de naçaõ.

Da Capitania via o Governador a refrega ſem ſaber o que nella ſe paſſava. Os moradores de Dio ſobre as muralhas eraõ teſtemunhas oculares do eſpectaculo de horror, em que os ſeus olhos preſenciáraõ o maſſacro cruel do ſeu Soberano ſem o poderem ſoccorrer: viſta horrivel, que depois de hum aſſaſſinato taõ barbaro os deixava fóra da eſperança de poderem ſobſiſtir: que occupados de imaginaçőes funeſtas, apenas lhes permittíraõ acordo para huma fugida precipitada, taõ cega, e rapida, que ſobre abandonarem quanto ha no mundo de amavel, á ſahida das pórtas muitos ſe eſmagáraõ, encontrando no medo a meſma mórte, de que fu-

fugiaõ. Nuno da Cunha, já bem informado, uſou de vários expedientes para remediar eſtas deſordens. Elle fez publicar hum bando com pena de mórte contra os Portuguezes, que tiraſſem da Cidade o menos importante deſpojo: mandou aſſegurar franqueza plena aos Capitáes dos navios, que eſtavaõ no porto: poz em liberdade a Coge Çofar, para que eſte foſſe á Cidade, e com o ſeu grande reſpeito obrigaſſe os moradores a voltarem para ella, lhes deſterraſſe o temor panico, o eſcuſaſſe na mórte de Badur, que lhes devia propôr como hum accidente caſual, a que o meſmo Badur déra a origem, ſem deſignio algum premeditado da parte dos Portuguezes. Era vulg.

Nuno da Cunha veio a terra, e ſe apoderou do Palacio Real, dos Arſenaes, dos Armazens, de 120 navios, de joias infinitas, de moveis precioſos, de artelharia em quantidade, de munições, e viveres immenſos, de riquezas de hum Rei de Cambaya. Em dinheiro naõ ſe acháraõ as ſomas, que ſe eſperavaõ, ou foſſe porque Badur

Era vulg. havia mandado hum thesouro para Meca, ou porque a Rainha tivesse outro em Novanager, ou porque os seus Generaes divertiraõ, e seguráraõ a tempo o que elle trouxéra para Dio. Sem demora mandou o Governador Emissarios para consolarem a Rainha na mórte de seu filho; para o escusarem na causa della; para lhe fazerem os cumprimentos de pezames; mas a Rainha naõ se considerava em situaçaõ de acceitar nem cumprimentos, nem escusas de Nuno da Cunha. Ella fugio com as suas gentes, e thesouros de Novanager sem responder a civilidades corades, que sem demencia naõ podia estimar sincéras, quando as encontravaõ os effeitos.

Tiveraõ os nossos Chéfes por grande fortuna apparecerem na Secretaria de Estado de Sultaõ Badur papeis, que provavaõ, como elle contra os Portuguezes pedíra soccorros ao Turco, e negociava em seu prejuiso por todas as Cortes do Indostaõ. Com estes papeis tremolando nas mãos de Coge Çofar, entaõ nosso officioso apparente,

co-

como tropheos do triunfo ſobre Badur, nós quizemos juſtificar o barbaro attentado, deſculpar a noſſa conducta, fazer menos horrivel a fealdade da ſua mórte. Elles poderiaõ cauſar alguma impreſſaõ nos eſpiritos eſcuros; mas os illuminados haviaõ clamar, que pretexto algum podia juſtificar attentado taõ atroz como o da mórte de hum Soberano, que de qualquer Religiaõ, genio, e condiçaõ, que elle ſeja, ſe deve eſtimar como Ungido de Deos, Chriſto do Senhor, Vice-Gerente do Altiſſimo; epithetos ſublimes, que o Eſpirito Supremo dá nas Eſcrituras Divinas aos impios, barbaros, e Idolatras Nabuco, e Cyro. Em fim, Coge Çofar tudo adoçou como bom politico: nós o veremos logo o primeiro vingador do ſangue de Badur, como noſſo contrario. Era vulg.

## CAPITULO V.

### *Continuaõ os ſucceſſos de Cambaya depois da mórte do Rei Sultaõ Badur.*

Era vulg.

AO TEMPO que acontecia em Dio o cataſtrophe, que acabo de referir, aſſiſtia em huma quinta de Melique o Principe Mir Mahamet Zaman, que alcançou de Badur o azilo de Cambaya, quando foi lançado do Reino de Delli, que os ſeus antepaſſados haviaõ poſſuido. Como Principe grande no naſcimento, e pela repreſentaçaõ de irmaõ da Rainha dos Mogores, elle eſperava occaſiaõ de reentrar na poſſe de parte dos Reinos uſurpados, ſe lhe foſſe poſſivel dethronar algum dos intruſos Tyrannos. Pública em Cambaya a noticia da mórte de Badur, entendeo Zaman, que elle tinha direito para ſe aclamar Rei pela razaõ, de que Cambaya havia ſido antigamente parte do ſeu Reino de Delli. Com eſte deſignio, auxiliado por 2000 Mogores, veio

veio á Cidade de Novanager, duas legoas diſtante de Dio, e começou a chamar-ſe Rei do Guzarate. Elle ſe apreſentou á Rainha Mãi de Badur, que entaõ ſó cuidava em ſe pôr longe da viſta dos Portuguezes ſem ſe embaraçar com as pretençõs de Zaman. Era vulg.

Como lhe faltou eſte amparo, o novo Rei buſcou o recurſo do Governador da India para ſe firmar na ſua alliança por meio de vantajoſas promeſſas. Ellas naõ conſiſtiaõ em menos, que ceder á Coroa de Portugal a Cidade de Mangalor com o grande número de Villas, e Aldêas da ſua Comarca: em lhe largar Damaõ com todas a Tanadarias, e vaſto terreno até Baçaim: em nos mandar entregar todos os navios de Cambaya, que andavaõ por fóra, quando chegaſſem aos portos: em naõ conſentir que na Monarquia ſe fabricaſſem embarcações de guerra, com outros intereſſes ſemelhantes, de que ſe formou o Tratado de paz, e alliança entre elle, e o Eſtado da India. No eſpaço breve de cinco dias ſe concluio eſte grande negocio,

Era vulg. cio, que sería para nós de altas consequencias, se Zaman se postasse logo em campanha, como Nuno da Cunha lhe aconselhava, para se sustentar no Throno, que necessariamente havia ser aballado por algum pretendente poderoso em huma conjuntura taõ critica.

O Governador, que desejava recolher-se a Goa, porque já naquellas partes declinava o Veraõ, fez reparar a Fortaleza, que encarregou á corage magnanima de seu cunhado Antonio da Silveira, irmaõ do Conde da Sortelha D. Luiz, o primeiro valído d'El-Rei, e seu Guarda-Mór, com a guarniçaõ de 800 homens, que pouco depois pelas suas façanhas obradas em Dio ás ordens deste Chéfe, enchêraõ os cem orgãos da Fama. Antes da sua partida teve Nuno da Cunha o gosto de vêr o célebre Velho, na Asia outro Joaõ dos Tempos, que deo todas as próvas de ter 335 annos de idade: que ainda tinha dous filhos, hum de doze annos, outro de noventa: que affirmava haver mudado os dentes cinco vezes: que se fez admirar pela sua simpli-

plicidade, juiſo, e memoria: que pedio, e o Governador lhe concedeo a tença de cruzado, e meio cada mez, que os Reis de Cambaya lhe davaõ para a ſua paſſagem, e que ainda viveo até o anno de 1547; mas morreo. Era vulg.

Naõ podéraõ ſopportar os Grandes de Cambaya o horror, de que Mir Mahamet Zaman ſe alliaſſe com os matadores do ſeu Rei Badur, e reſolvêraõ-ſe a affogar-lhe as idéas no berço. Elles ſe ajuntaõ na Corte de Amadaba, aonde eſtava o minino Soltaõ Mamud, filho de hum irmaõ de Sultaõ Badur, e o elegem por ſeu Rei. Para ſeus Tutores foraõ deſtinados tres Principes poderoſos, que eraõ o Madre Maluco, genro de Çofar, Driarcaõ, e Alucaõ, Turcos poderoſos em Cambaya. Zaman naõ marchando logo ſobre os ſeus inimigos, como Nuno da Cunha lhe perſuadíra, deo-lhes tempo para ſe prevenirem, para elles o buſcarem, para o vencerem, e lançarem de Cambaya. Por ultimo refugio ſe valeo Zaman da protecçaõ de ſeu cunhado o Rei dos Mogores, que

lhe

Era vulg. lhe conferio o Reino de Bengala, aonde o ſeu dominio tambem teve pouca duraçaõ.

1538 Em Goa foi o Governador informado da deſgraça de Zaman; de que Mamud eſtava pacifico Rei de Cambaya, já querendo pedir contas a Antonio da Silveira da mórte de ſeu Tio Badur: projecto, que naõ podendo entaõ levar avante, elle o obrigou a propôr huma paz ſimulada, que o Silveira naõ quiz acceitar ſem as meſmas condições do Tratado, pouco antes feito com Zaman. Bem ponderou Nuno da Cunha que o novo Rei, menos pelo deſaggravo da mórte de Badur, que pelo ſeu proprio intereſſe, elle naõ quereria perder hum retalho taõ rico do ſeu Reino, como era a Ilha de Dio. Occupado deſtes penſamentos ſe reſolveo a voltar a ella logo que chegaſſem as náos do Reino, que neſte anno foraõ cinco, mandadas por Jorge de Lima, que trazia ás ſuas ordens os Capitães D. Fernando de Lima, Lopo Vaz Vogado, D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde

Al-

Almirante, e Martim de Freitas. Estes dous ultimos Cabos vinhaõ com ordem da Corte para irem a Dio descarregar a gente, e munições, que traziaõ para reforçar a nova Fortaleza, de que El-Rei tivéra noticia por Diogo Botelho, como com effeito executáraõ. Era vulg.

Sabendo o Governador, que sem embargo da guerra naõ se haver declarado em Dio, a Corte de Cambaya estava desconfiada, o commercio roto, e que o Graõ Turco preparava em Suez huma poderosa Armada para vir sobre a Fortaleza; elle se embarcou em outra de 80 náos, e foi regular os negocios respectivos á ameaçada Ilha, e pôr a Fortaleza em estado de fazer vigorosa defensa. Entaõ se fez a famosa cisterna para recolher a agua, que era na praça a sua mais sensivel falta: levantou o baluarte da Villa dos Rumes para segurança dos Officiaes da Alfandega: reparou humas obras, e mandou se fizessem outras de novo, sendo Coge Çofar o agente, que entaõ se desvelava sobre todos nas nossas vantagens,

Era vulg. gens. Para ſe informar dos deſignios dos Turcos, e melhorar de fortuna a D. Fernando de Lima, o mandou com huma Eſquadra ao Mar Roxo com regimento de ir invernar a Ormuz, aonde acharia depoſto do governo a D. Pedro de Caſtello Branco, e lhe ſuccederia nelle, por ſer mais rendoſo, que o de Goa, em que viera provido.

Eſte Fidalgo des de Ormuz, e El-Rei de Lisboa aviſáraõ ao Governador da India das diſpoſições dos Turcos no Cairo, e em Suez. Ellas tiveraõ origem nas negociações de Çafar-Caõ, aquelle Mouro, que Sultaõ Badur, quando ſe vio apertado dos Mogores, mandou a Meca com a Rainha ſua mulher, com grande parte dos ſeus theſouros para merecer por elles a protecçaõ do Graõ Turco. Çafar-Caõ tratou amizade em Meca com o Baxa Solimaõ, que o fez tranſportar a Conſtantinopla, aonde foi attendido dos Miniſtros do Turco. Nada executou o Menſageiro de Badur, nem deſcobrio ao Imperador Selim os theſouros, que levava, ſenaõ depois da mórte do meſ-

mo

mo Badur. Ella se fez pública por huma carta, que o simulado Coge Çofar escreveo ao Rei de Zebit, em que lhe pedia metesse em obra todos os seus esforços para conseguir de Selim enviar a sua Armada de Suez a Dio para vingar aquella mórte com a tomada da Fortaleza, donde lhe ficavaõ faceis as expedições para lançar os Portuguezes da India. Era vulg

Foraõ entaõ abertos os cofres de Badur na presença de Selim, que formou huma alta idéa da riqueza de Cambaya: taõ alta, que ficou nella resoluta, naõ a vingança da mórte de Badur, mas a conquista do Reino, que em huma parte do thesouro do Principe mostrava soberba a sua opulencia. Com o pretexto de soccorrer o novo Rei contra os Portuguezes, o mesmo Solimaõ, Baxá do Cairo, foi nomeado para General da expediçaõ, mais pelas intrigas do Serralho, que pelos merecimentos da pessoa. Elle era hum velho de 80 annos, de naçaõ Grego, natural da Morea, hum Eunuco horrorosamente feio, que por isso escolhido pa-

Era vulg. para Guarda-Damas do Turco mereceo eſtimações na Corte. Mais torpe que o corpo era a fealdade da alma deſte homem abandonado a huma brutalidade dominante, que o deixava vêr mais deshumano, que as meſmas féras. Com poderes plenos, e independentes lhe foraõ encarregados os apreſtos de huma Armada de 70 velas, em que embarcou 7000 homens entre Genizeros, e Mamelucos. Entaõ ſe ſervio eſte monſtro das atrocidades mais enormes, de proſcripções, roubos, effusões de ſangue por todo o Egypto, ſem lhe eſcapar a dignidade de David, Rei da Thebaida, que elle pendurou em huma forca por premio de apromptar ás ſuas ordens tudo o que delle pretendeo.

Em quanto a Armada Turca naõ ſahe ao mar, demos nós huma volta á Ilha de Dio. Depois que partio della para Goa o Governador Nuno da Cunha, Coge Çofar continuou a ſervirnos com as apparencias bem coradas de bom amigo, em quanto a ſua ſagacidade diſpunha os meios de ſe eſcapar

com

com a ſua numeroſa familia para o continente de Cambaya. Depois de ſeu filho Rumecaõ á viſta de todos vadear o paſſo da Ilha em hum cavallo ſoberbo, o Pai continuou a enganar o Governador Antonio da Silveira, attribuindo a fugida do moço á acçaõ ſua, e firmando as próvas da fidelidade peſſoal na importancia dos generos, que carregava á ſua cuſta em huma náo para Meca. Tal foi a induſtria de Çofar, que nella fugio para Surrate com toda a ſua caſa, e fazenda. Paſſou logo para a Corte de Amadaba, aonde foi recebido com grandes honras por Sultaõ Mamud, e com as meſmas achou já tratado a ſeu filho Rumecaõ. Paſſados poucos dias pedio Çofar audiencia a El-Rei na preſença dos ſeus Officiaes, e Conſelho, e ſendo-lhe concedida, lhe fez a falla ſeguinte: Era vulg.

Naõ concebais, Senhor potentiſſimo, contra mim a idéa, de que o haver-me demorado até agora em Dio entre os perfidos Portuguezes, foi crime, ou falta de fidelidade á memoria do grande Badur, que me honrou,

me

Era vulg. me enriqueceo, me fez o homem que ſou. Eu tinha naquella Praça todas as prendas as mais eſtimaveis. Se eu as abandonaſſe a inimigos inflexiveis, e vieſſe buſcar-vos com a peſſoa, que ſerviços poderia fazer-vos faltando-me a familia, as riquezas, a mulher, e os filhos? De neceſſidade havia eu diſſimular até pôr tudo em cobro, como o conſegui, para vir mais habilitado offerecer-vos a caſa, os cabedaes, o ſangue, e a vida, que tudo quero ſacrificar em deſaggravo da mórte affrontoſa do Rei voſſo tio. Ha de ſer poſſivel, que fiquem impunidos os ſacrilegos temerarios, que com tanta perfidia privárão da vida ao maior Monarca do Oriente? E em que conjuntura ſe arrojárão elles a eſte aſſaſſino barbaro? Não foi quando Badur, eſquecido da ſua grandeza, como amigo fiel fez ao ſeu Chéfe a honra de o viſitar em peſſoa? Sois vós capaz de não ſacrificar todo o poder de Cambaya ao deſpique da rotura eſpantoſa de tantas leis ſantas naquelle ſó acto da barbaridade Portugueza?

Não

Naõ ſe diga no mundo que eſtes monſtros acantonados no ultimo Occidente, fechados em Dio entre quatro paredes, daõ leis ao voſſo Imperio, devaçaõ os voſſos mares, perturbaõ o voſſo Commercio, eſtragaõ a voſſa Religiaõ, fechaõ os tranſitos á piedade, que vai render cultos, reſpirar aromas de devoçaõ á ſanta caſa de Meca. Depois diſto, o ſangue de Badur naõ clama vingança? A ſua alma na preſença de Mafamede naõ ha de conſeguir delle, que abençoe as voſſas armas para aquella vingança; para arrancares da Aſia eſtes eſcandalos do Alcoraõ? Grande Mamud, he tempo de moſtrardes quem ſois; e no conceito da gente polida nada ſereis, ſenaõ marchais já para Dio pedir contas aos Barbaros da mórte de Badur. Marchai, que entra o Inverno, em que elles naõ pódem ſer ſoccorridos: marchai a reſtaurar em Dio o melhor porto da voſſa Monarquia, o mais ſeguro para a navegaçaõ de Meca: marchai, que huma Armada poderoſa de Turcos vem em voſſo ſoccorro, como me aviſa o Rei Era vulg.

Era vulg. Rei de Zebit : ſobre tudo marchai a vingar o ſangue de Badur ; e porque naõ entendais, que vos convido a marchar ficando eu, eu ſou o que hei de ir na voſſa vã-guarda com mil cavallos, e tres mil infantes, pagos á minha cuſta, e na voſſa caixa militar a parte mais groſſa dos meus avultados theſouros para vós pagardes outros muitos. « Sultaõ Mamud ouvio attento, agradeceo officioſo, acceitou benevolo as offertas de Çofar, e ficou reſoluta a guerra contra os Portuguezes em Dio, que intrépidos a eſperavaõ.

## CAPITULO VI.

*Eſcreve-ſe o primeiro ſitio de Dio, que defendeo o grande Antonio da Silveira.*

LOGO que El-Rei ſoube em Lisboa da Armada de Turcos, que ſe preparava em Suez contra Dio, nos principios de Outubro do anno paſſado mandou ſahir cinco náos de ſoccorro pa-

para a India, já regulados os seus destinos, que eraõ a náo de Diogo Lopes de Sousa, o Traquinas, para Goa, a de Fernaõ de Castro para Ormuz, a de Fernaõ de Moraes para Dio, e as duas dos dous irmãos Aleixo, e Henrique de Sousa Chichorro para Moçambique, pelo receio, de que por todas estas partes passassem os Turcos. Em quanto estes Officiaes navegavaõ papara os lugares, que traziaõ em regimento, as trópas de Cambaya se moviaõ em demanda da Ilha de Dio, e Coge Çofar com o corpo de gente, que promettêra cobrindo a vã-guarda de Alucaõ, que marchava no centro do Exercito. Entrava o mez de Junho, quando elle partio de Amadaba para Novanager, donde haviaõ sahir os destacamentos destinados para forçarem os passos da Ilha. Era vulg

Já a este tempo o Baxá Solimaõ navegava a vélas cheias para a India; mas deixando vestigios atrozes de crueldade pelas paragens do seu transito. A primeira foi metter a remo 400 soldados, que naõ podiaõ deixar de sen-

Era vulg. tir hum tratamento taõ indigno. Para os foccegar mandou cortar a cabeça a 200. Chegou á Cidade de Judá refpirando arrogancia. O Governador, que lhe conhecia a ferocidade, fe embrenhou nos bofques para efcapar á furia. O miferavel Rei de Zebit, que fe facilitou a vêllo, pagou a confiança com a cabeça. O de Adem foi outra victima do furor do Tyranno. Depois delle receber os refrefcos, que lhe mandou efte pobre Principe; depois de o fazer acceitar na Cidade como enfermos foldados deftinados á carnagem; promettendo-lhe a boa fé em huma entrevifta, o mandou enforcar com todos os Fidalgos da Corte. Affim fe enfaiava o barbaro para defcarregar na garganta dos Portuguezes o golpe, que a Providencia tinha refervado para a fua.

Antonio da Silveira naõ fe poupava á diligencia para fuftentar os paffos da Ilha, conduzir-fe em tudo por hum tom taõ heroico, que vencedor, ou vencido encheffe o mundo de affombro. Elle ajuntou todos os provimentos de guerra, e bocca; defarmou os

Mou-

Mouros da Cidade ; aperfeiçoou as obras da Fortaleza ; esperou intrepido por qualquer das fortunas. Çofar se avançou em huma madrugada a atacar o baluarte da Villa dos Rumes, aonde estava Francisco Pacheco com vinte homens. Tres vezes o investio Çofar com valor ; mas outras tantas foi repellido com perda, e elle teve a de huma das mãos, que lhe levou huma balla de arcabuz : incidente, que o esfriou no avance, donde se retirava mortal, quando chegou Antonio da Silveira com 200 homens. Porque este Chéfe advertido entendeo que o repelaõ de Çofar era industria para Alucaõ vadear os passos, mandou a Lopo de Sousa, que se postasse com a sua gente sobre o muro da Cidade da parte do Continente para flanquear o seu fogo. Era vulg.

Elle sustentou os passos todo o mez de Julho ; mas ja curado Çofar da sua ferida, com estimulos novos se dispõe a investillos sem fazer caso do baluarte dos Rumes, que taõ mal o hospedára. Elle postou as suas trópas na

Era vulg. fr [illegible] a
ſa [illegible] forças la
15 [illegible] Moſtra
ce [illegible] Iſa
R [illegible] Eſt
en [illegible] entr
co [illegible] Na
M [illegible] de Jeſu
os [illegible] aux
ve [illegible] Santa Fé
m [illegible] a
al [illegible] noſ
o [illegible] e
çõ [illegible] De
le [illegible]
ac [illegible] o
do [illegible]
já [illegible]
cr [illegible]
ro [illegible]
era [illegible]
ton [illegible]
dos [illegible]
ſer [illegible]
ou [illegible]
Ell [illegible]

Era vulg. frente do que guardava Lopo de Sousa Coutinho. Alucaõ passou avante com 15000 homens, que dividio na face dos de Gonçalo Falcaõ, de Luiz Rodrigues de Carvalho, e na paragem em que Antonio da Veiga, e Francisco de Gouvea tinhaõ os seus navios. Muitos dias sustentáraõ estes Capitães os seus postos; mas Antonio da Silveira considerando-se inferior em número de gente aos inimigos, perdidas algumas embarcações, que defendiaõ o canal; mandou recolher as munições, artelharia, e soldados á Fortaleza, abandonou a Ilha, e a Cidade, aonde Alucaõ, e Çofar foraõ recebidos como redemptores do Povo, que já lhe parecia vêr rotas as cadêas da escravidaõ, e sacodido o jugo estrangeiro, que depois da mórte de Badur lhe era taõ pesado.

Sem perda de instantes applicou Antonio da Silveira todos os seus cuidados á defensa da Praça, que tinha de ser theatro brilhante das suas façanhas, ou sepulchro glorioso das suas cinzas. Elle encarregou o baluarte S. Thomé a Gon-

Gonçalo Falcaõ com 50 ſoldados: o da entrada da cava a Gaſpar de Souſa com o meſmo número: o da porta ao Alcaide-Mór Payo Rodrigues de Araujo: os do lado do mar, como menos expoſtos, fiou a ſoldados de capacidade; e a Lopo de Souſa Coutinho entregou ſeſſenta homens para eſcoltar a gente deſtinada a carretar agua, e lenha para a Fortaleza. O reſto da guarniçaõ bordava a muralha para acodir, aonde a neceſſidade o pediſſe. Sem embargo que do dia 14 de Agoſto em diante principiáraõ as eſcaramuças, e os inimigos apontáraõ o canhaõ contra o baluarte da villa dos Rumes; elles nada obráraõ de conſideravel até a chegada da Fróta Otomana, que no dia 14 de Setembro deo de ſi huma viſta alegre, e guerreira. Era vulg.

Deſta Frota ſe deſgarráraõ ſeis vélas com o tempo rijo, e huma dellas ferrou os Ilheos de Santa Maria, na cóſta do Canará, aonde foi atacada, e rendida depois de hum rudo combate por Antonio de Souto-Maior, que andava de corſo com alguns navios.

Da

Era vulg. Da pouca gente desta sultana, que ficou viva, se soube em Goa da chegada dos Rumes; e no mesmo dia o Governador Nuno da Cunha deo ordem a aprestar a Armada, e avisou a Martim Affonso de Sousa, que invernára em Cochim, viesse incorporar com ella a que tinha ás suas ordens. Nesse mesmo dia Antonio, e Gaspar de Araujo, irmãos do Alcaide-Mór de Dio Payo Rodrigues de Araujo, Fernaõ de Moraes, e Simaõ Rangel de Castello-Branco se embarcáraõ, como voluntarios, em outros tantos catures com vinte soldados cada hum, e demandáraõ Dio para serem companheiros nos perigos dos camaradas, a quem invejavaõ a glória.

Á vista daquella Praça appareceo a Armada Turca, fazendo-lhe a vãguarda huma linha de quatorze sultanas, que occupavaõ o largo, e formavaõ a ala direita. Outras sete sultanas vinhaõ no bórdo de terra em outra linha, que fazia o lado esquerdo. No centro navegava o resto da Fróta com os navios de transporte;

vis-

viſta pompoſa no número das náos, no empaveſado, nas flamulas, e galhardetes, que tremolavaõ: viſta, em que os olhos dos Portuguezes ſe empregáraõ com indifferença, como bem coſtumados a abater as meias luas; os de Alucaõ, e Çofar com temor, aprehendendo que armamento taõ reſpeitavel antes vieſſe conquiſtar, que ſoccorrer a Dio para depois dar golpes em Cambaya. O bravo Cavalleiro Miguel Vaz, que andava por fóra eſpiando a Armada para trazer della noticia, a examinou com miudeza, e rompendo por entre ella mettido debaixo do ſeu fogo, fiado na ligeireza do navio, voltou ſem damno a dar conta da commiſſaõ, de que fora encarregado. Era vulg.

Os dous Chéfes inimigos partíraõ logo a bórdo da Capitania, aonde foraõ recebidos da Baxá com honras diſtinctas, que no ſeu baixo caracter naõ podiaõ deixar de ſer violentas, mais acommodadas ao tempo, que ao genio. Alli tiveraõ huma conferencia longa ſobre a ſituaçaõ dos negocios,

e

Era vulg. e ſe aſſentou, que a conquiſta de Dio para as forças colligadas do Graõ Senhor, e de Cambaya era hum empenho ridiculo, bagatella ſem entidade. Solimaõ para dar de ſi huma idéa do tamanho da ſua ſoberba, mandou a terra 700 Genizaros, que entendeo número ſuperabundante para concluir todo o negocio de hum golpe de maõ. Entráraõ eſtes Barbaros na Cidade com tanta inſolencia, como ſe o fizeſſem em huma Praça levada por aſſalto: tudo foi pouco para materia da ſua libertinage, naõ eſcapando aos deſpreſos as cãs veneraveis das barbas do velho General Alucaõ, que a tom de cumprimento lhe foraõ arrepelladas. Elle teve de disfarçar o inſulto cobrindo-o com a politica, de que elle ſería coſtume civíl daquelles eſtrangeiros: mas por naõ ſe expôr a outros, tomou o expediente de deixar o Exercito, ſahir da Ilha, e recolher-ſe a ſua caſa acompanhado de muitos dos moradores.

A arrogancia dos Genizaros depreſſa foi abatida; porque indo moſtrar-

ſe

ſe á Fortaleza, dada a primeira carga, recebêraõ outra, que lhes derrubou cincoenta, ferio muitos, e fez que os mais ſe retiraſſem ſem vaidade, antes corridos, que reportados. Antonio da Silveira conſiderando a neceſſidade de aviſar ao Governador da chegada dos Turcos, fiou eſta diligencia do deſembaraço de Miguel Vaz. Elle ſahio de Dio em huma curveta, encarregado de dar informações conformes ao exame, que tinha feito nas forças dos inimigos. Para ſe capacitar melhor do que havia repreſentar, tanto ſe coſeo com a Armada, que vio nella tudo; mas a confiança lhe hia cuſtando caro. O Baxá picado do ſeu attrevimento, mandou ſobre elle duas galez, que por muitas vezes o tiveraõ pilhado. Nos maiores apertos foi tanta a ſua fortuna, que por baixo de diluvios de fogo pode ganhar o largo, chegar a Goa, cumprir exactamente a ſua commiſſaõ para apreſſar os ſoccorros, em quanto o Governador naõ marchava em peſſoa a medir as armas. Era vulg.

No

Era vulg. No dia ſeguinte ao deſembarque dos Genizaros ſe levantou huma furioſa tormenta, que divertio os ſitiados, vendo chocar os vaſos da Armada inimiga huns contra os outros a perigo de ſe ſubmergirem, como elles pediaõ ao Ceo com votos: mas ao ſeu valor tinha a Providencia deſtinado mais glorioſo o triunfo. O temporal levou a Frota deſgarrada a Madrefaval, onde perdeo quatro náos, e o Baxá foi obrigado a eſpalmar as mais para lhes reparar as ruinas. Como do naufragio ſahíraõ a terra muitos arreios de cavallos, os Guzarates ſe atemoriſáraõ com o receio, de que Solimaõ naõ vinha tanto a tomar a Ilha de Dio, quanto a conquiſtar Cambaya. Antonio da Silveira ſe approveitou da auſencia dos Turcos para fortificar os lugares fracos da Praça, ſem que lho podeſſe impedir a actividade de Çofar, e dos Genizaros, que ficáraõ em Dio. Elles ſim plantáraõ batarias contra o baluarte da Villa dos Rumes; mandáraõ vir de Madrefaval hum baſiliſco de grandeza deſmarcada com trabalho im-

immenſo, e levantáraõ huma máquina, que igualava a altura dos parapeitos do baluarte para naõ eſtarem ocioſos. Era vulg.

Em Portugal era o cuidado em Dio maior, que na India. El-Rei depois de deſpedir as náos, que temos dito, com as noticias dos apreſtos, que ſe faziaõ em Conſtantinopla, ou ſe determinou, ou o Infante D. Luiz ſe offereceo para ir á India em peſſoa. Entaõ quiz El-Rei obrigar os primogenitos das caſas a acompanharem o Infante; mas porque elles, e ſeus pais fizeraõ evidente a injuſtiça da ordem; porque a Rainha, e o Conde da Caſtanheira divertíraõ a jornada do Infante, com grande ſentimento de Triſtaõ da Cunha, por ſe tirar occaſiaõ de tanta honra a ſeu filho Nuno da Cunha, que havia déz annos ſervia com tanta diſtinçaõ na India; foi nomeado D. Garcia de Noronha com o caracter de Viſo-Rei. Elle embarcou com o primeiro Biſpo de Goa em huma Armada de onze náos, que levava 4ↀooo homens de guarniçaõ, e além dos ſeus Capitães quaſi todos qualifica-

Era vulg. cados, muitos Fidalgos voluntarios da primeira Nobreza, que por entre perigos hiaõ buſcar a glória. Nós a deixaremos ſeguindo a ſua viagem, que ella fazia ao meſmo tempo, que em Dio ſe batalhava, como vamos a vêr no Capitulo ſeguinte.

## CAPITULO VII.

*Continuaçaõ do ſitio de Dio, viagem, e chegada do Viſo-Rei D. Garcia a Goa.*

COMO o baluarte da villa dos Rumes, chamado o Caſtello de Gogalá, ficava apartado da Fortaleza, Antonio da Silveira teve por infallivel a ſua perda, ſenaõ mandaſſe desfazer a grande maquina, que lhe ficava a cavalleiro. Franciſco Pacheco, que governava o Caſtello, quando vio ſahir da Cidade ſobre barcas a máquina formidavel cheia de materias combuſtiveis, que na occaſiaõ de arderem haviaõ lançar hum fedor infernal, receou dous perigos; hum o do ſeu fogo, a que ficava deſ-

co-

coberto o interior do baluarte, outro o do incendio, quando a arrimassem aos seus muros, e a fizessem arder. Firmadas as barcas sobre quatro ancoras na distancia necessaria para laborar o fogo, os inimigos entrárað a fazello vivo sobre o centro do Castello; mas a vigilancia de Antonio da Silveira derrotou na mesma noite as idéas dos inimigos. Quando elle a vio em estado de produzir os dous effeitos, lembrado do exemplo do grande Albuquerque em outra occasiaõ semelhante, elle deo a commissaõ a Francisco de Gouvea para a favor da noite ir em duas fustas pôr-lhe fogo; o que elle executou com tanto de felicidade, como de intrepidez. Era vulg.

No dia seguinte a esta vantagem os sitiados tiveraõ outro prazer com a chegada dos navios, em que vinhaõ os dous irmãos Araujos, Fernaõ de Moraes, Simaõ Rangel, e Pedro Vaz Guedes, Fidalgos de valor, que logo foraõ testemunhas do vigor com que os barbaros, estimulados da ruina da sua maquina, entrárað a atacar o Castel-

tel-

Era vulg. tello com hum fogo horrivel, que causava effeitos lastimosos. Cinco dias durou este ataque, e no fim delles se soube da chegada do Viso-Rei D. Garcia de Noronha ao porto de Goa com o grande poder, que trazia do Reino: noticia, que metteo em alvoroço alegre aos sitiados, e que sabida em Madrefaval obrigou o Baxá Solimaõ a vir com toda a diligencia consumar o sitio, antes que o Viso-Rei fosse em estado de soccorrer a praça. Na entrada da Fróta a Fortaleza a foi servindo com huma salva dos melhores canhões, que lhe desarvoráraõ muitos navios, e metteraõ huma Galé no fundo; mas as batarias de terra respondêraõ com tanta furia sobre o Castello dos Rumes, que depois de cegarem toda a artelharia, acabáraõ de arrazar os muros, naõ lhe ficando outra defensa álem dos peitos valerosos dos homens.

Setecentos Genizaros se movêraõ no dia seguinte a atacar as postradas ruinas, taõ certos da victoria, que começáraõ a sobir confiados. Elles o fizeraõ por parte, aonde a rotura naõ

sof-

soffria mais de dous homens formados de hombro a hombro para a defenderem. Nella se encontrárao os barbaros com dous Heróes, hum a que o descuido, ou a inveja Portugueza tirou o nome, outro moço de 25 annos, que o pode deixar gravado nas memorias, e se chamava Antonio Pinheiro, filho de hum Cavalleiro honrado desta Cidade de Fáro, aonde eu entendo, que ainda delle se conservao parentes em estado desigual ao merecimento deste seu ascendente. Largas horas sustentárao os dous façanhosos Portuguezes o seu posto, fazendo nos Genizaros tal estrago, que elles os olhavao com espanto, os nossos da Fortaleza com inveja. O Capitao Francisco Pacheco veio ao sitio do combate, e pedio lhe fizessem lugar entre si para ser participante da grande honra, que estavao ganhando. Era vulg.

Elles lhe respondêrao que o buscasse em outra parte; porque naquelle alguem mais o nao teria em quanto elles vivessem: e continuando generosos a sua porfia até ao pôr do Sol, já

Era vulg. já brigando com armas curtas, já arrojando ſobre os Barbaros diluvios de fogo, rotos em feridas, inſenſiveis á dôr, fizeraõ nos Genizaros tal eſtrago, que naõ podendo ſobir os vivos pelo monte dos mórtos, elles ſe retiraõ covardes, cedendo ſetecentos a victoria a dous homens. Do alto daquelle arrazado Capitolio levou o Capitaõ nos braços aos dous Manlios Portuguezes, que acabavaõ de eſcurecer com luzes novas a antiga glória dos Romanos. Teve eſta gentileza as conſequencias mais infelices. Como o Baluarte eſtava ſeparado da Fortaleza, as ſuas defenſas em ruina, ou foſſe pelas ſuggeſtões do perfido Antonio Faleiro, que andava entre os Mouros levando, e trazendo recados, ou que o Capitaõ Pacheco ſe deixaſſe tomar do medo; elle capitulou a entrega do poſto, que com tanta corage ſuſtentou vinte dias.

Já elle eſtava a bórdo da náo do Baxá, quando os Genizaros, ſem eſperarem a ſahida da guarniçaõ, entráraõ o Baluarte, abatêraõ no noſſo

Pa-

Pavilhaõ a Cruz, arvoráraõ na ſua bandeira as meias luas. O velho Joaõ Pires, e cinco camaradas taõ cheios de valor, e piedade como elle, naõ tiveraõ ſoffrimento para verem tremolar o Eſtandarte de Mafoma no lugar, em que eſtivéra o de Jeſu Chriſto. Elles ſe lançaõ aos Turcos com impeto mais que humano: por tres, ou quatro vezes deitaõ a terra a inſignia infame, e levantaõ o Labaro ſanto: peleijaõ todos ſeis como leões, até que todos morrem depois de matar a muitos. Os ſeus corpos lançados no rio, rompendo contra a corrente oppoſta da maré, foraõ viſtos da Fortaleza com aſſombro vararem á pórta da Couraça. Antonio da Silveira clamando *Milagre*, deſceo a recolhellos, e os ſepultou com a honra de Martyres, que entendeo indicada no acontecimento ſuperior na viſta á ordem natural dos caſos vulgares. Era vulg.

Como daqui em diante principiou com formalidade o ſitio de Dio, que nós reſervamos para o Livro ſeguinte, agora concluiremos o Capitulo com a

Era vulg. narraçaõ da viagem do Viſo-Rei D. Garcia de Noronha, naõ nos lembrando mais do covarde Capitaõ Franciſco Pacheco, nem de outros companheiros da ſua fraqueza: Portuguezes indignos da vida, que depois de perderem a liberdade promettida pelo Baxá fraudulento; elles a conſerváraõ poucos dias, ſem lhes valer o refugio do Turbante, a que a impiedade lhes ſobmetteo as cabeças. Apoſtaſia, que o meſmo Baxá, entaõ juſto ſem merecimento, vingou pelas ſuas mãos por deſafogo da cólera.

Sahio D. Garcia de Noronha do rio de Lisboa com a Armada, que diſſemos. Os Capitães, que com elle embarcáraõ, foraõ Bernardim da Silveira o Drago em huma náo, em que os facinoroſos tirados de todas as cadêas do Reino, ſe ſobmergíraõ com elle, ſem ſe ſaber aonde, nem como, e Joaõ de Sepulveda, que por erro dos ſeus Officiaes do mar, foi invernar a Ormuz. Os Comandantes das outras nove náos, que chegáraõ na conſerva do Viſo-Rei a Goa, eraõ D. Joaõ de

 Caſ-

Caſtro, que naõ quiz acceitar o governo de Ormuz, em que El-Rei o provia, pelo naõ ter merecido, como ſe já previſſe eſte grande Varaõ, que elle devia ir á India como voluntario para ſe fazer digno do governo, naõ de huma praça, mas de toda ella: D. Franciſco de Menezes da Caſa de Villa Real, que levava o deſpacho de Baçaim: D. Chriſtovaõ da Gama, filho do Conde Almirante, que havia governar Malaca: D. Garcia de Caſtro nomeado Governador de Goa: Luiz Falcaõ, Ruy Lourenço de Tavora, D. Joaõ Deça, e Franciſco Pereira de Berredo, que já fora Capitaõ de Chaul. Era vulg.

Além dos 4ↀooo homens, que guarneciaõ eſta Armada, naõ ſó embarcou nella muita Nobreza das Provincias, mas muitos dos grandes Fidalgos, que ſe offerecêraõ voluntarios para irem ſervir em occaſiaõ de tanta honra. Entre elles naõ devemos eſquecer D. Alvaro, e D. Bernardo de Noronha, filhos do Viſo-Rei; D. Martinho de Souſa, D. Joaõ Manoel o Alabaſtro, D. Luiz de Ataide, depois

Era vulg. Conde da Atouguia, D. Antonio de Noronha o Catarraz, Fernaõ da Silva, Commendador de Alpalhaõ; D. Diogo de Almeida, D. Joaõ Maſcarenhas, que hia vêr em Dio o theatro, onde depois tinha de repreſentar figuras ſublimes; os dous irmãos Franciſco, e Diogo Lopes de Souſa, D. Joaõ Henriques, D. Duarte Deça, os tres irmãos Manoel, Joaõ, e Diogo de Mendoça; D. Jorge de Menezes, que depois foi chamado o Baroche em memoria do aſſignalado feito, que a ſeu tempo referiremos.

Corria o mez de Setembro, quando o Viſo-Rei chegou a Goa: tempo, em que Nuno da Cunha ſe apreſtava com o maior ardor para marchar em peſſoa ao ſoccorro de Dio. Elle ſe ſobprendeo com a vinda do ſucceſſor, que teve por hum agravo, e por huma recompenſa ingrata de tantos ſerviços, eſpecialmente por lhe arrancar das mãos o empenho honroſo de livrar a meſma Praça, que fundára. Mas naõ ſe queixe o Heróe, imitador glorioſo do Albuquerque; que ſe a pou-

ca fortuna do Succeſſor lhe vingou as injúrias, outro tanto vio o mundo a reſpeito de Nuno da Cunha com o novo ſubſtituto. Ás agonias do eſpirito, duras para diſſimuladas, ſe rendeo o Governador, que perdeo de golpe a natural alegria; que ſentio vêr-ſe abandonado de repente pela Nobreza, que adorava o Sol que naſcia, e apedrejava o que ſe punha; que nos tranſportes de melancolico a hum dos da ſua claſſe menos groſſeiro, que lhe pedio licença para ir viſitar o novo Viſo-Rei, reſpondeo: Ide, Senhor, fallareis ao louco mais entendido, que ainda naſceo em Portugal. Era vulg.

Tomou D. Garcia de Noronha poſſe do governo da India, aonde achou de verga d'alto huma Armada de 80 vélas, em que entravaõ 40 náos, e galeões de alto bordo. Nella ſe embarcou o Viſo-Rei, a tempo que chegava Martim Affonſo de Souſa com os navios, que tinha ás ſuas ordens como General do mar, e que em razaõ deſte cargo havia cobrir a vanguarda na batalha, que eſperava, e

naõ

Era vulg. naõ veio a dar D. Garcia. Como elle ſoube por Miguel Vaz, que os Turcos haviaõ marchado de Madrefaval para continuarem o ſitio de Dio, mandou cinco navios a ſoccorrer a Praça: deſpedio a Lourenço Botelho com quatro para ir á ponta de Dio aviſar as náos de Ormuz, que tomaſſem o rumo de Goa; e ordenou a Luiz Coutinho que ſe poſtaſſe com ſeis na enſeada de Cambaya a impedir, que pela coſta de Baçaim, e Damaõ ſe tranſportaſſem mantimentos para os ſitiadores.

Em quanto o novo Viſo-Rei ſe occupava neſtas manobras, Antonio da Silveira ſe enchia de huma afflicçaõ extrema, por ignorar o que ſe tinha paſſado no ultimo avance do Baluarte da Villa dos Rumes. Quando elle diſcorria ſobre imaginaçóes triſtes, chegou aos muros da Fortaleza o trahidor Antonio Faleiro com a guarda de quatro Genizaros, e em nome do Baxá entregou huma carta do Capitaõ Franciſco Pacheco para o Governador. Elle ſe deſculpava da neceſſidade, que

o

o obrigára a entregar aos Turcos: engrandecia o seu poder, a benignidade, as virtudes do Baxá, e segunda vez perfido, e covarde o aconselhava lhe entregasse a Fortaleza. Em todos os espiritos dos seus illustres defensores causou ella o horror, que devêra, e levou a descommedida, mas generosa resposta, que merecia. Apenas o Baxá a ouvio, tomado de furor, mandou metter a banco das galéz ao infame Pacheco com os sessenta imitadores da sua fraqueza: primeiro, e precedente castigo da sua abominavel apostasia. Naõ servindo ao Baxá as industrias para o fim dos seus designios, teve de empregar a força, e fazer com formalidade o sitio de Dio, que nós vamos a escrever no Livro seguinte com penna desigual ao merecimento. Era vulg.

LIVRO XLVII.

## *Da Hiſtoria Moderna de Portugal.*

## CAPITULO I.

*O Baxá Solimaõ deſenganado de levar a Praça de Dio por meio de negociações, a ataca com formalidade.*

Era vulg. A FAMOSA defenſa de Dio pela direcçaõ do illuſtre Antonio da Silveira fez em todo o mundo hum ruido taõ ſonoro, que nos obriga a dar mais extenſaõ ao brado da Fama. Deſenganado o Baxá Solimaõ, de que com Portuguezes empenhados pela honra ſó negociavaõ as lanças, e as eſpadas, o ferro, e o fogo; elle deo principio ás operações do ſitio, fazendo levantar ſeis batarias, aonde montou mais de cem peças de canhaõ, nove baſiliſcos, que arrojavaõ ballas de noventa libras, e cinco morteiros, que lan-

lançavaõ pedras de ſete pés de circunferencia. Quatrocentos artilheiros Eſclavões, Hungaros, e Venezianos ſerviaõ as ſeis batarias, cobertos pelo groſſo dos dous Exercitos, que ſe poſtáraõ entre ellas, e a Fortaleza. Faziaõ a ſua guarda principal com 20000 Turcos Çofar, e Çuf-Hamet, Governador de Alexandria. No dia quatro de Outubro principiáraõ ellas a laborar com a maior furia, que durou até 26 do meſmo mez ſem deſcontinuar, eſpecialmente ſobre o Baluarte de Gaſpar de Souſa, por onde os Turcos determinavaõ dar o primeiro aſſalto. Era vulg.

Pela continuaçaõ, e proximidade do fogo ſervido com todas as régras da arte, a Praça entrou a ſentir os ſeus effeitos. Muitos canhões foraõ deſmontados, razos os altos das torres, abatidas as ameias, e contraparapeitos dos Baluartes. Em quanto os inimigos batiaõ em brecha, elles avançáraõ a trincheira até ao foſſo, paſſáraõ além, e applicáraõ o minador ao baluarte ſobredito de Gaſpar de Souſa.

Era vulg. ſa. Era incrivel a noſſa vigilancia; mas a todas ſuperior a de Antonio da Silveira, digno de glória immortal pela actividade, e valor com que mettia em obra as funções de hum grande Capitaõ. Já mais as induſtrias, e os esforços dos Barbaros o apanháraõ deſprevenido: taõ regulares as ſuas diſpoſições, que todos os póſtos facilmente ſe davaõ as mãos. Sempre intrépido nos lugares do maior perigo, ſe naõ podia impedir que os inimigos paſſo a paſſo ſe avançaſſem; elle pela meſma medida lhes diſputava o terreno, já com os ardis do eſpirito fertil em inventar expedientes, já com a firmeza da alma ſempre preſente a tudo, nunca perturbada; já com a ſublimidade da corage, impavida em affrontar os horrores: Heróe, que ſe naõ podia prever tudo, tudo remediava.

Na continuaçaõ do ſitio parecia que a alma do Governador exhalava emanações contínuas, que todos os dias produzia eſpirito novo em cada hum dos ſoldados. Todos ſe fizeraõ hon-

honra taõ particular, que ella durará inextinguivel, em quanto no mundo ſe apontar com o dedo o lugar de Dio. Diminuindo a guarnição nos combates, parecia que os mórtos deixavaõ em legado as forças aos vivos. Chegáraõ a faltar armas, viveres, munições, a corromper-ſe as aguas da ciſterna, a perderem toda a eſperança de ſoccorro; mas elles a nada retrocedêraõ, por nada deſmaiáraõ, conſervando até ao fim paſmoſa a ſua intrepidez. Entre muitas occaſiões, ella ſe deixou vêr na noite, em que eſperavaõ o primeiro aſſalto; porque chegando á Fortaleza Miguel Vaz, que trazia comſigo a D. Duarte de Lima mandado pelo Viſo-Rei com a noticia, de que ficava apreſtando em ſeu ſoccorro huma poderoſa Armada, ella baſtou para levarem o reſto da noite em danças; para amanhecer a Fortaleza embandeirada, como quem dava a entender aos Turcos, que naõ ſó deixavaõ de os temer, mas que os deſpreſavaõ. Era vulg.

Entre eſta generalidade de valor,

os

Era vulg. os noſſos Chroniſtas referem caſos particulares de alguns dos ſoldados, e das matronas preſentes ao ſitio, que eſcurecem a fama dos Heróes, e Heroinas da antiga Roma. Nós naõ podemos fazer memoria de todos; mas lembraremos a Joaõ Rodrigues, ſoldado commum, homem de tantas forças, como valor, que ſempre expoſto aos maiores perigos, ou foſſe brigando com armas curtas, ou foſſe arrojando ſobre os inimigos panellas de fogo, e barrís inteiros de polvora; elle matou tantos, como ſe fora huma peſte devorante no ſeu campo: a hum ſoldado ſem nome, ſendo digno de lho gravarmos nos bronzes, que faltando-lhe as ballas em hum dos combates, as ſubſtituio com os dentes da ſua bocca: a hum natural de Galliza, criado de pouca idade entre os Portuguezes, que obrigando a fugir hum Mouro pelo mar dentro, o ſeguio; e porque era de pequena eſtatura, e o Barbaro de deſmarcada grandeza, o agarrou para ſubmergillo; mas o Gallego á viſta do Exercito inimi-

migo, depois de o matar ás punhaladas debaixo da agua, lho moſtrou morto; ſahio do mar a paſſo lento; marchou fleugmatico para a Fortaleza, fazendo taõ pouco caſo da rociada de ballas, e flechas, que lhe apontavaõ, como ſe ellas foſſem no ſeu triunfo as flores, de que o cobriaõ: a Joaõ da Fonceca, que atraveſſado o braço direito ſem poder dar uſo á eſpada, a paſſou para a eſquerda, dando golpes eſpantoſos, e ſe eſcandaliſou, de que Duarte Mendes de Vaſconcellos o aconſelhaſſe para deixar o combate: em fim, a Fernando Penteado, que levando huma grande ferida na cabeça, atou nella hum lenço ſem querer retirar-ſe; recebeo ſegunda, e levado para o ſangrarem, tornou a eſcapar-ſe, e veio buſcar ao combate terceiro golpe. Era vulg.

Das Matronas ſe fez exemplar ſublime Iſabel da Veiga, mulher de Manoel de Vaſconcellos, hum Fidalgo da Ilha da Madeira, que querendo mandalla para Goa, ella lhe reſpondeo animoſa: Que tinha muito valor

Era vulg. lor para o acompanhar nos perigos, para eſtar ao ſeu lado nos combates, para morrer, aonde elle acabaſſe. Em deſempenho da promeſſa, obſervando em Anna Fernandes, mulher do Cirurgiaõ-Mór, huma coragem com ſemelhanças da ſua, a unio a ſi em vinculos da caridade; ellas ajuntáraõ as outras mulheres, e á força de razões, de exemplos, de promeſſas, ellas as capacitáraõ, de que eraõ capazes de emprenderem acções viris nas conjunturas, em que ſe achavaõ. Com effeito o Eſquadraõ das Amazonas Luſitanas tendo na ſua teſta as duas Heroinas, em toda a extenſaõ do ſitio, ellas ſoffrêraõ conſtantes as deſgraças vulgares nas Praças ſitiadas; ellas ſe lançavaõ intrepidas aos combates, faziaõ ſentinelas, e rondas; ellas animavaõ os timidos, redobravaõ o esforço aos valentes, inſpiravaõ mais heroicidade aos Heróes; ellas carretavaõ as armas, as alcanzias, as panellas de polvora; ellas eraõ na Fortaleza outros defenſores impavidos, ſem mais differença dos homens fa-

ça-

çanhosos, que nos vestidos mulheris. Era vulg.

Já em estado de ser montada a brecha do Baluarte de Gaspar de Sousa, os Genizaros ao romper do dia se avançáraõ a investilla. A defensa foi taõ gentil, o seu estrago taõ grande, que todo o Exercito se moveo a sustentallos. Sobre o maior número foi mais crescida a mortandade, mais geral a consternaçaõ dos Turcos, que ao meio dia tocáraõ á retirada. Elles se envergonháraõ, de que á vista dos de Cambaya a sua corage ficasse abatida. Segunda, e terceira vez renováraõ o assalto no primeiro dia; mas sempre encontráraõ os Portuguezes os mesmos homens. Elles se retiráraõ com grande perda: nós tivemos a de dous mórtos, e muitos feridos. Como D. Duarte de Lima mais com as mãos, que com os olhos, foi testemunha da formosura deste dia, o Governador lhe ordenou que na fórma das ordens do Viso-Rei, nesta mesma noite se embarcasse, e fosse a Goa informallo do vigor, com que os Barbaros faziaõ o sitio

Era vulg. tio para o obrigar a apreſſar os ſoccorros, naõ eſmaiaſſe o valor na ſua falta.

Eſtimulado o Baxá da perda do aſſalto, picado do atrevimento, com que pequenos catures rompiaõ pelo centro da ſua Armada para entrarem, e ſahírem da Fortaleza, medroſo da vinda do Viſo-Rei, cujo encontro deſejava deſviar: todos eſtes motivos o obrigáraõ como covarde a redobrar os esforços para vêr ſe apreſſava a victoria; para moſtrar a ſua ſoberba que nos caſtigava os atrevimentos, e para ſe reſtituir os danos com os deſpojos. Entaõ foi horrivel a contiuuaçaõ do fogo ſobre o Baluarte arruinado, quando já os Portuguezes laboravaõ com a epidemia do eſcorbuto cauſado da corrupçaõ das aguas da ciſterna. Mas elles como inſenſiveis ás moleſtias da natureza, ſempre promptos de dia á repetiçaõ continua dos avances, de noite trabalháraõ ſem deſcanço no reparo das ruinas, acompanhados das Matronas, que lhes eraõ iſſeparaveis nos perigos, e nas fadigas.

Tantas ſábias induſtrias, taõ bizar-

ra resistencia mettêraõ ao Baxá em desesperaçaõ para dar hum assalto geral á Fortaleza. Ao romper o dia se moveo o grosso do Exercito contra o Baluarte de Gaspar de Sousa, que era o mais arruinado. O resto atacou em torno a Fortaleza para nos divertir as forças. Logo foi ensanguentado o combate pelo illustre Gonçalo Falcaõ, que andando sobre o seu Baluarte exposto ao fogo, huma balla perdida lhe levou a cabeça. A mórte deste Fidalgo foi sentida, e vingada. Gaspar de Sousa com os seus camaradas fazia huma defensa, que desafiava as attenções, e a enveja. Os Genizaros que subiaõ confiados, rodavaõ mórtos sobre os vivos. Estes lhes substituiaõ á praça; mas o lugar outra vez se deixava vêr vazio. Corridos os Capitães Turcos, de que taõ poucos homens em espaços taõ breves amontoassem as victorias, fazem que de tropel monte a brecha hum grande número, que se naõ vencesse com o valor, attropelasse com o peso. Era vulg.

Aqui foi pasmosa a resistencia, e nel-

Era vulg. nella obrou Joaõ da Fonceca a gentileza, que eu deixo referida, como hum Aod alentado, que ſem uſo na maõ direita, dava golpes eſpantoſos com a eſquerda. Os inimigos apinhados ſoffriaõ maiores danos; mas Antonio da Silveira notando que na defenſa continuada ſobre a multidaõ poderiaõ desfalecer os eſpiritos; vêndo, que ſe mandaſſe hum corpo de gente á cava do muro podia atacar os Turcos pelo flanco com grande vantágem; elle fia eſta commiſſaõ heroica ao valor inimitavel de Lopo de Souſa Coutinho, que com 35 ſoldados foi lançado do Baluarte S. Thomé ao campo por eſcadas de corda. De repente rebentou pela bocca da cava eſte turbilhaõ, que cahindo ſobre o flanco dos contrarios, a ira os conſumio, o medo os enrolou. Ao eſtrondo da pendencia ſe deſpenhárao os que brigavaõ no alto; e ſeguindo-os os noſſos, elles occupados do temor panico, offerecèraõ as coſtas ás feridas para buſcarem o amparo das trincheiras.

Con-

Conſeguida victoria taõ admiravel, Era vulg.
Lopo de Souſa ſem perder hum homem ſe recolheo á cava, que dalli em diante a guarnecia todos os dias hum Capitaõ com a ſua companhia; ſendo Lopo de Souſa o primeiro, que em premio da façanha quiz ficar expoſto aos perigos. Quando guardava eſta cava ſuccedeo ao moço Gallego a aventura de perſeguir o Mouro pelo mar dentro, como fica dito. Os Barbaros quizeraõ deſpicar a ſua injúria atacando a meſma cava. Elles o fizeraõ em hum dos dias, em que tocou a guarda a Lopo de Souſa, que ſegunda vez os fez retirar com grande perda. Deſenganados de que eſtas tentativas eraõ inuteis, elles tornáraõ ás batarias, que ſem ceſſar fulmináraõ a Fortaleza quatro dias continuos. Ainda naõ ſatisfeitos de vêrem rotos os muros, abatidas as torres, a Praça hum monte de ruinas, para alargarem a entrada determináraõ fazer voar por meio das minas o Baluarte de Gaſpar de Souſa. O Governador ſentindo picar o muro, ordenou ao meſmo Capitaõ que deſ-

Era vulg. ceſſe á cava com 70 homens para impedir a obra.

Eſte bravo Official ſe portou com tanto deſembaraço, que queimou as mantas, entulhou os vãos, degolou cem Turcos, e pôz em armas o Exercito, que mandava ſobre a obra groſſos deſtacamentos de ſoccorro. Já Gaſpar de Souſa ſe retirava triunfante pelo foſſo, quando notou a falta de alguns ſoldados attrevidos, que ficáraõ para moſtrarem aos Turcos geſtos de valeroſos. Voltou ſó em ſua buſca o intrepido Souſa; mas por parte, em que foi cercado por hum tropel de inimigos. Bem podêra elle retirar-ſe com honra; mas incapaz de conſentir que os Turcos o viſſem pelas eſpaldas, ſe lançou a elles como hum tigre. Depois de brigar eſpaço longo á viſta da Fortaleza, que naõ o podia ſoccorrer, tendo matado a muitos, elle foi morto. Os Barbaros leváraõ a ſua cabeça eſpetada em huma lança, e com ella corrêraõ as linhas do Exercito em ſignal de triunfo. Antonio da Silveira, e toda a guarniçaõ ſentio a perda de

taõ

taõ grande homem, que teve no ſeu lugar por ſubſtituto ao Capitaõ Rodrigo de Proença para lhe vingar a mórte ſem demora. Era vulg.

Os Turcos ſuppondo o Baluarte ſem defenſa, ſe lançáraõ a elle com tanta rapidez, que correo geral a voz de o havermos perdido. Ao ſeu écco triſte accodio Antonio da Silveira com a gente, que o acompanhava. Elle ſe encontrou com o Proença taõ empenhado na reſiſtencia, que os inimigos naõ podiaõ ganhar hum palmo de terreno. Mas como a multidaõ era taõ grande, que a cada inſtante ſe reveſavaõ os Barbaros, alguns dos noſſos ſoldados queriaõ retroceder. O Silveira que o advertio, mandou romper alguns dos degráos, que deſciaõ para o Baluarte: advertencia reprehenſivel, que encheo os defenſores de corage para ſopportarem dia, e noite infatigaveis todo o peſo dos inimigos, ferindo, matando, ſempre reſiſtindo; eſpectaculos merecedores da attençaõ das idades, que ſabem dar valor ao merecimento.

Já

Era vulg. Já a eſte tempo as mórtes repetidas, as doenças continuadas, a diminuiçaõ das munições, a careſtia dos mantimentos, a falta dos ſoccorros de Goa, de Baçaim, de Chaul hiaõ reduzindo a Praça a huma deſolaçaõ extrema. Os eſpiritos menos generoſos occupados das imagens triſtes da fome cruel, das repreſentações da mórte deshumana, elles ſe enchiaõ de profunda malancolia, eſpecialmente hum Joaõ da Nova, que abandonado a eſtas cogitações funeſtas ſe fez huma victima ſacrificada ſem remedio aos horrores do medo. Bem longe delle eſtava o bravo Proença, e os intrepidos defenſores do ſeu Baluarte, que ficando inteiros com o trabalho da noite, e ao romper da manhã inveſtidos com maior furia; elles eſcogitáraõ a induſtria de bordar o muro com copia de lenha, que carretavaõ as illuſtres Matronas, e dando-lhes fogo ſuſtentáraõ doze dias o ſeu poſto com a renovaçaõ do incendio.

## CAPITULO II.

*Trata-se a continuaçaõ do sitio de Dio até ao geral, e espantoso assalto, que os Turcos deraõ á Fortaleza no dia 31 de Outubro.*

DETERMINADA a firmeza do Baxá Solimaõ, influida pelo espirito de vingança de Coge Çofar, a prevalecer sobre a constancia de Antonio da Silveira, e dos bizarros defensores de Dio; elles mettêraõ em uso tantos esforços, taes estratagemas, e industrias, que eraõ bem capazes de abater a corage a outros quaesquer homens, que naõ fossem os Portuguezes. Nos Baluartes do mar, que defendia Antonio de Sousa, e no de Rodrigo de Proença, que todo arruinado era o que mais se differençava na resistencia, empregáraõ elles todos os seus cuidados. Entendendo que ganhando o primeiro lhe ficaria facil a entrada na Fortaleza, e evitavaõ o damno, que a sua artelharia fazia no campo, o mandáraõ bater Era vulg.

com

Era vulg. com tanta furia por batarias plantadas em mar, e terra, que alguns lanços do muro em pouco tempo foraõ arrazados. Contra o ſegundo, que ſe defendia com o incendio, que eu acabei de dizer, reſolvêraõ hum ataque feito por Genizaros armados de bicheiros com haſtes largas, que deſviaſſem a lenha, abriſſem o paſſo, ficando franca a entrada ſem o embaraço do fogo.

Eſte avance particular foi hum dos mais viſtoſos do ſitio, empenhados os dous partidos, hum em ſuſtentar o fogo, o outro em divertillo: pendencia de Cyclopes horrendos, ſenſiveis ao valor, no meio das chammas ſem ſentimento. As Matronas carretando materias combuſtiveis; os homens inflammando-as, peleijando, combatendo, fizeraõ nos Turcos tal eſtrago, que naõ podendo ſoffrer o horror da carnagem, ſe retiráraõ atonitos. Nós perdemos neſte dia quatro homens, e tivemos 25 feridos, entre elles o bravo Proença de huma flecha pela bocca. Acções taõ glorioſas nós as viamos contrapeſadas com a falta de mais de

cem

cem ſoldados entre mórtos, e incapazes do ſerviço: quanto era neceſſario para a vida, e para a defenſa nos hia faltando: chegava a neceſſidade aos ultimos apertos, quando a Providencia vigilante nos trouxe a ſalvamento alguns navios de Goa, em que vinhaõ Gonçalo Vaz Coutinho, Franciſco Mendes de Vaſconcellos, e outros Fidalgos com ſoccorro. Na meſma noite deſpedio Antonio da Silveira os navios, ſem que ſoubeſſem os Turcos a vinda, e a volta delles, que ſuppozeraõ, quando víraõ ao outro dia embandeiradas as poſtradas ruinas da Fortaleza. Primeiro ſuſto, que lhes prognoſticava naõ tardaria muito a chegada do Viſo-Rei com todas as forças da India a combatellos. Era vulg.

Na retaguarda deſte pequeno ſoccorro navegáraõ dous mais conſideraveis. O primeiro era de 40 navios ligeiros, mandados por Antonio da Silva, que entre muitos Fidalgos trazia a D. Luiz de Ataide, depois o grande Conde de Atouguia, que nos theatros da India ſe andava enſaiando para as

por-

Era vulg. portentosas façanhas, que tinha de obrar nella no tempo d'El Rei D. Sebastiaõ. O segundo de 24 navios vinha commandado por Jorge de Lima, que havia cruzar da altura dos Ilheos queimados até Chaul para todos os dias mandar noticias a Goa do estado da Fortaleza. Em quanto os soccorros navegavaõ, os Turcos combatiaõ. Empenhados em se fazer senhores do Baluarte do mar, elles disposeraõ hum assalto com 50 navios ligeiros, em que embarcáraõ 1500 Turcos ás ordens do feroz Mamede-Caõ, que com o credito bem estabelecido em Constantinopla, queria voltar a ella com o penacho de hum triunfo sobre os Portuguezes tremolando no cocar da sua vaidade.

Avança-se o apparato formidavel; põe as prôas nas arruinadas paredes, aonde estava plantado como hum promontorio o Capitaõ Antonio de Sousa com trinta creaturas da sua disciplina; desembarcaõ tantos homens valerosos contra taõ poucos; mas elles primeira, e segunda vez répellidos, des-

desbaratados, com quantidade de mór- Era vulg.
tos, tambem primeira, e ſegunda vez embarcaõ, e deſembarcaõ. Já em longa diſtancia do lugar dos combates, retirando-ſe cortados, ſoffrendo o fogo, e as irrisões dos ſoldados da Fortaleza; Mamede-Caõ envergonhado, manda levar remos para a ſua gente ouvir com attençaõ eſtas vozes. Que covardia he a voſſa alentados Genizaros da Guarda do Graõ Senhor? Como ſereis admittidos á ſua preſença em ſabendo, que 30 homens poſtados ſobre hum monte de ruinas vos poſeraõ em vergonhoſa fugida? Voltemos terceira vez ao combate: façamos victimas da noſſa cólera aquelles monſtros: ſenaõ os podermos vencer, morramos, naõ ſe diga, que lhes fugimos. Todos ſe movêraõ ás perſuasões do ſeu Chéfe, e terceira vez arrogantes buſcaõ a peleija; mas querendo deſembarcar para inveſtir, Mamede-Caõ cahe attraveſſado de huma balla pelos peitos, e todos os ſeus acabaõ de perder os eſpiritos com a ſua mórte.

Naõ póde o Exercito diſſimular a per-

Era vulg. perda de Official taõ diſtinto, o deſtroço dos camaradas, a rotura do credito Otomano ſem huma vingança de eſtrondo. Elles a buſcáraõ por meio de hum aſſalto no Baluarte arrazado de Rodrigo de Proença, que teve o ſucceſſo dos paſſados. Nelle prendemos dous Turcos, que diſſeraõ haver perdido o ſeu Exercito 800 homens; que tinha mais de mil feridos, e que no de Coge Çofar era muito maior o eſtrago. Entre os noſſos já os mórtos paſſavaõ de 50, os feridos chegavaõ a 70, e a polvora quaſi que eſtava acabada. Mas na noite deſte conflicto chegou á Fortaleza hum catur, em que vinha Franciſco de Siqueira o Malabar, mandado por Antonio da Silva com a noticia de eſtar perto o ſoccorro, que elle conduzia: noticia, que alentou os animos cahidos para tolerarem os trabalhos com vigor, como ſe elles entaõ principiaſſem ſem figura de trabalhos.

Já naõ tinha ſocego o eſpirito covarde do Baxá Solimaõ, atemoriſado da vinda do Viſo-Rei, que ſe dizia naõ

naõ teria demora de muitos dias. Concebida na ſua idéa a reſoluçaõ de levantar o ſitio quanto antes, elle o quiz fazer dando á Praça hum aſſalto geral por deſpedida com todas as forças dos dous Exercitos Turco, e Guzarate. Para melhor enganar os Portuguezes, e os meter em deſcuido, publicou a voz, de que ſe retirava para o Eſtreito; mandou preparar a Armada; fez ceſſar o fogo das batarias, e embarcar mil homens á viſta dos ſitiados. Na noite de 30 de Outubro ordenou que ſe eſcondeſſem no foſſo quantidade de eſcadas para ſerem montados os muros; mas quando elle preſumia adormecer com eſtes movimentos a Antonio da Silveira, a ſua perſpicacia, que lhe penetrou os intentos, cuidou em fazer abortallos com a mais activa diligencia. Ao apontar o dia apparecêraõ no campo 14ↀ000 homens ſobre as armas; divididos em tres corpos 3ↀ000 Turcos, e unidos em hum 11ↀ000 Guzarates: eſtes mandados por Coge Çofar, aquelles por Iſuf Amet, pelo Baxá Beran, e por Mamede Baxá.

Era vulg.

Foi

Era vulg. Foi o ſignal do ataque huma deſcarga de todas as batarias para alimpar as brechas. Logo ſe movêraõ os corpos formados com gritos horroroſos, que feriaõ os horiſontes ainda mal illuminados com os creſpuſculos da Aurora. O primeiro ſe avançou ao Baluarte, aonde eſtavaõ as caſas do Governador, que as batarias dos contrarios tinhaõ quaſi demolidas. Outro deſceo ao foſſo a tirar as eſcadas, que arvoráraõ pelo muro, que corria do Baluarte do Proença ao de S. Thomé. Em quanto os noſſos ſerviaõ aos Turcos com fogos de arremeço, Antonio da Silveira, que tudo tinha prevenido, mandou a Gonçalo Vaz Coutinho, e a Antonio Mendes de Vaſconcellos, que acodiſſem ao muro entre os ditos Baluartes: a Manoel de Vaſconcellos, e a Franciſco Mendes de Vaſconcellos, que marchaſſem a defender as caſas da ſua reſidencia. Iſuf Amet com a ſua gente montou o Baluarte de Rodrigo de Proença, aonde fez arvorar hum Eſtandarte. Eſte impavido homem com os poucos camara-

ra-

radas se lançou aos Turcos com a furia de hum leaõ, e feitos em postas os mais attrevidos, com a bandeira varreraõ o Baluarte. Era vulg.

Os Genizaros affrontados pelo desprezo da sua insignia, trabalháraõ valerosos para a tornarem a arvorar triunfante. Como subiaõ muitos neste empenho furioso, e o lugar era estreito, os nossos naõ perdiaõ golpe. Elles se víraõ obrigados a abandonar a empreza para se reunirem, e tornarem a montar o Baluarte, aonde se postáraõ mais de 200, que déraõ principio ao choque formidavel contra trinta, como logo veremos. Ao mesmo tempo o Baxá Beran fazia o ataque pelo lado das casas do Governador com tanta furia, que parecia naõ poder ter resistencia. Elle a encontrou taõ heroica nos nossos espingardeiros, que mórtos muitos, outros atropelados, as escadas rotas; o seu corpo teve de abandonar o assalto por aquella parte, e marchar em soccorro de Isuf-Amet, que se sustentava teimoso no Baluarte de Rodrigo de Proença.

En-

Era vulg. Entaõ foi o combate de deſeſperados, animados os defenſores com a chegada dos Fidalgos, que corriaõ dos outros lugares para eſte, que era o de maior perigo. O Proença obrava acções dignas de hum grande Capitaõ. O mais infimo dos ſoldados cumpria os deveres de hum Heróe, eſpecialmente os dous primos Martim Vaz Pacheco, e Gabriel Pacheco, que com extremo ſe amavaõ. Morto o primeiro, depois de ter obrado façanhas admiraveis, o ſegundo que eſtava ao ſeu lado, com huma eſpada, e rodella ſe arrojou ao centro dos Turcos para lhe vingar a mórte. Depois de fazer huma grande praça, rodeado de cadaveres, roto em feridas, o perſuadíraõ para que ſe retiraſſe; que aſſás de honra tinha ganhado, que o ſangue de ſeu primo bem ſe podia dar por ſatisfeito. A nada cedeo o coraçaõ intrepido, proteſtando que ou os Turcos todos haviaõ ſer victimas da ſua indignaçaõ, ou elle acompanhar na mórte ao parente, que tanto quizera na vida. Com eſta reſoluçaõ foi de-

degollando inimigos, até que de huma balla pelos peitos acabou a vida para se immortalizar na fama. Era vulg.

O Baluarte de S. Thomé, e o do mar, que ficavaõ aos lados do do Proença, serviaõ com a sua artelharia pelos flancos aos inimigos, que soffriaõ consideravel destroço. A imagem da mórte era horrivel no lugar atacado, e os poucos Portuguezes pareciaõ mais que homens. Soldados particulares obráraõ façanhas, que as outras Nações as estimaráõ por fabulas. Entre outros, dous se pozeraõ em parte, donde naõ podiaõ ser vistos dos Turcos, e sem socego em atacar, e dar fogo ás suas armas, tantos eraõ os tiros, quantas as mórtes. Hum delles teve a felicidade de deitar a terra, sem vida, o Alferes, que levava a bandeira, sobre que ambos os partidos disputavaõ, hum para a abater, o outro para a arvorar. Entaõ clamáraõ os nossos victoria; affrouxáraõ os Turcos, e já para os sitiados eraõ outras as imagens do combate.

Porém como elles eraõ muitos o re-

Era vulg. renováraõ com tanto vigor, que os Portuguezes com as forças laſſas ſe víraõ no maior aperto. Acodíraõ a elle as generoſas Matronas Iſabel da Veiga, e Anna Fernandes. Eſta com hum Crucifixo levantado entrou no lugar da peleija clamando: Naõ percais o animo, Cavalleiros de Jeſu Chriſto, que aqui o tendes como auxilio ſoberano: defendei a ſua Santa Fé, que elle vos vem trazer a victoria a Dio, como a deo em Ourique ao noſſo primeiro Rei: peleijai, ninguem eſmaie, que aqui eſtá em campo o Deos das batalhas. Os Portuguezes ouvindo as vozes das Heroinas, vendo o Tranſumpto ſagrado do Redemptor, com impulſos ſobrehumanos obravaõ acções com apparencias de divinas. Sem lhes fazer impreſſaõ o eſpectaculo triſte de verem cahir morto de huma ſetta por hum dos olhos ao ſeu magnanimo Capitaõ Rodrigo de Proença, ao valeroſo Antonio Mendes de Vaſconcellos de outra pela garganta; elles ſuſtentavaõ a batalha com porfia para os vingar, ou morrer com elles.

Na

Na occaſiaõ deſte maior aperto entrou pelo Baluarte o ſempre memoravel Joaõ Rodrigues com hum cantaro cheio de polvora ao hombro, dizendo aos camaradas: Fazei-me lugar, Senhores, que eu venho dar fim á teima deſte dia: e rompendo até chegar ao Eſquadraõ dos Turcos, arrojou o cantaro no centro delles. Pegou fogo na polvora, que levou cem Barbaros pelos ares; deixou vinte feitos em carvaõ; os mais ſe arrojáraõ dos muros ao campo; acabou-ſe a batalha, e os noſſos a altas vozes acclamáraõ os vivas da victoria. Para lhe pôr tropeços, laſtimado do deſtroço dos ſeus camaradas, o terceiro corpo, que mandava Mafamede Baxá ſe moveo a vingallos. Sendo recebido dos noſſos com igual valor, elle perdeo a corage, e ſe retirou cortado, eſpecialmente depois da deſgraça ſuccedida a Caracen, genro de Coge Çofar, que ficou abrazado pela violencia do fogo de huma panella de polvora. Eſte incidente conſummou o noſſo triunfo naquelle Baluarte, que ficou juncado Era vulg.

Era vulg. com mais de 500 cadaveres Turcos, quatorze dos noſſos, e mais de 200 feridos.

Em quanto duráraõ tantos combates, Coge Çofar, e a Armada naõ eſtiveraõ ocioſos. Deſta ſe deſtacáraõ quatorze galés deſtinadas a inveſtir huma eſtacada proxima á Fortaleza, que foi atacada com a maior furia. Franciſco de Gouvea, Comandante do Baluarte ſobre a barra, eſtimulado com a viſta de tantas imagens de horror, obrou da ſua parte com tanta magnanimidade, que bateo os Turcos até lhe metter duas galés no fundo, deſarvorar algumas, pôr as mais em fugida. Coge Çofar andava com o Exercito de Cambaya em torno da Fortaleza, ſoccorrendo os lugares do combate, deſpedindo ſobre os ſitiados nuvens de ſetas, e innundações de fogo. Eſpirito intrepido, ingrato, vingativo; mas das repreſentações funebres taõ melancolico, do noſſo ferro taõ cortado, que houve de ſe retirar ás ſuas trincheiras para applicar os cuidados á cura de muitos mil feridos.

CA-

## CAPITULO III.

*Os Turcos levantaõ o sitio de Dio, e o que succedeo depois delle.*

SE o Baxá Solimaõ naõ fora taõ cobarde, taõ tyranno, naõ tivera escandalisado tanto aos Guzarates, com especialidade a Çofar, que já naõ podia soffrello; os Portuguezes de Dio encontrariaõ a sua ruina na mesma formosura de huma victoria taõ bella. A guarniçaõ da Fortaleza, que era numerosa, quando principiou o sitio, depois do ultimo ataque ficou reduzida a quarenta homens sãos; os mais enfermos, estropeados, feridos, e mórtos. Tudo o mais padecia igual necessidade; os canhões rebentados, as armas inuteis, polvora a de que estavaõ atacados quatro canhões. Miseria extrema, que fazia que os vivos se estimassem como victimas do furor, já involvidos no número dos seus mórtos. Mas neste estado de deploraçaõ, se o sitio continuasse, os Portuguezes estavaõ reso-

Era vulg:

lu-

Era vulg. lutos antes a deixar-ſe conſumir, que a render-ſe.

Bem ſabiaõ elles o temor, que o Baxá moſtrava da vinda do Viſo-Rei, da ſua diſcordia com Çofar, e que na noite do meſmo dia do aſſalto elle fazia diſpoſições de quem queria embarcar as trópas, furioſo pela perda, que ellas acabavaõ de ſentir. Entendendo Antonio da Silveira, que tudo podiaõ ſer induſtrias para cobrir outro repelaõ; elle ſe reſolveo a eſperar a ultima ſórte das armas, achando diſpoſtos para apparecêrem ſobre os muros, como deſpreſadores da mórte, os poucos homens sãos, a maior parte dos feridos, todas as mulheres, que com corage viril inimitavel eraõ as primeiras em ſe offerecer para affrontarem todo o genero de horrores. Neſta ſituaçaõ triſte da noite do ultimo dia de Outubro eſtavaõ os ſitiados, quando de repente lhe chegou a alegria com a vinda de Franciſco de Siqueira o Malabar, que trazia a noticia de que Antonio da Silva de Menezes com hum ſoccorro, atraveſſando o golfo,

por

por inſtantes chegaria a Dio. Amanheceo o dia depois do aſſalto geral dedicado pela Igreja á memoria de Todos os Santos, e apparecêraõ coroados de bandeiras os arruinados Baluartes; os homens, e mulheres veſtidos de galla, como feſtejando a guerra com as eſperanças nos Patronos do dia, e no ſoccorro, que lhes chegava. Mas elles no campo já naõ víraõ as batarias, naõ ſe ouviaõ as bombardas, as eſcadas tinhaõ deſapparecido, todas as imagens do terror, do eſpanto ſe ſumíraõ, os Turcos eſtavaõ embarcados, menos 400 feridos, que o deshumano Baxá abandonou á diſcriçaõ dos Guzarates, ou dos Portuguezes. Em fim, elle levantou o ſitio com medo de vir ás mãos com o Viſo-Rei, e ſuppondo que a Fróta de Antonio da Silva era a ſua Armada, fez força de véla, e remo para fugir. Era vulg.

Eſte Official deſembarcou a gente, viveres, e munições, que tudo foi recebido por Antonio da Silveira com o alvoroço de quem ainda receava, que Coge Çofar, livre das oppreſsões de

So-

Era vulg. Solimaõ, quizesse para si só a gloria do triunfo no rendimento da Fortaleza. Elle pensava o contrario, ou por estar satisfeito com a retirada dos Turcos, ou por naõ querer expôr a reputaçaõ a maior abatimento com a vinda do Visò-Rei. Qualquer que fosse o motivo, para Çofar deixar a empreza concorreo muito o desgosto, com que elle via que o arrogante Baxá, sem nunca sahir da camara da sua galé, commandava com tanto de altenaria, que elle naõ podia escusarse ao arrependimento de chamar em seu auxilio este inimigo mais terrivel, que os Portuguezes. Determinado a retirar-se para a terra firme, deo fogo ao seu campo; fez o mesmo a alguns quarteis da Cidade, e desapparecêraõ inimigos em todos os contornos da Ilha.

Tal foi o fim do primeiro sitio de Dio, que fez alto estrondo na Asia, e na Europa. Bem o experimentou Antonio da Silveira glorioso, entaõ na India, depois da sua chegada a Lisboa em todos os Monarcas Catholicos, que pe-

pelos ſeus Embaixadores, que tinhaõ naquella Corte, ſe congratuláraõ com elle pelas aſſignaladas victorias, que havia ganhado na India. A todos excedeo Franciſco I. de França, que mandou a Portugal hum Expreſſo para lhe levar o ſeu retrato, que elle fez collocar na antecamara entre os dos Varões mais famoſos, que a guarneciaõ. Dos Portuguezes foi elle hum dos ſublimes, que os deſpachos naõ chegáraõ aos filhos, e os peſſoaes ſe limitáraõ á mercê da Capitanía de Machico na Ilha da Madeira, que entaõ rendia dous mil cruzados, e que elle depois vendeo ao Conde do Vimioſo, para morrer pobre como Heróe Luſitano, naõ bem viſto da Corte pelo crime de liberal. Era vulg.

Mas tornando á narraçaõ do Baxá fugitivo, eſte Barbaro chegou na cóſta da Arabia a hum lugar do Rei de Dofar, que ſabendo da ſua chegada, prendeo 40 Portuguezes, que negociavaõ no porto, e lhos mandou de preſente. Elle os eſtimou tanto, que os pôz a bom recato no fundo das galés.

Aqui

Era vulg. Aqui deixou todos os enfermos, e conſtante a noticia, de que elle expulſára todos os Portuguezes da India, que devia á ſua eſpada vêr-ſe livre de taes flagellos. Depois paſſou a Adem, e ſeguindo ſempre os tranſportes da ſua ferocidade, mandou cortar a cabeça a Çafarcaõ, que podia deſcobrir ao Graõ Turco as ſuas cobardias, atrocidades, e diſſoluções. Já dentro do Eſtreito deo tratamento ſemelhante por igual cauſa ao Rei de Zebit. Na praia de Cobit mandou vir á ſua preſença os Portuguezes, naõ ſó os 40, que lhe entregou o Rei de Dofar, mas o infeliz Capitaõ Franciſco Pacheco com todos os que ſe lhe entregáraõ no Baluarte da Villa dos Rumes com promeſſa da liberdade, e das vidas.

Elle lhes eſteve vendo cortar as orelhas, os narizes, depois as cabeças, que fez ſalgar para as remetter de preſente ao Graõ Turco, como teſtemunhos do ſeu valor, quando elle fazia as vezes de inſtrumento da cólera Divina, que vingava nelles a injúria feita á Religiaõ ſanta, que haviaõ

ab-

abjurado. Por caminhos ſemelhantes ſe conduzio Solimaõ até chegar a Conſtantinopla, aonde o meſmo Deos das vinganças lhe tinha guardado o ultimo ſupplicio. Huma das Sultanas validas, que o abominava, unida ao Baxá Ucera, para o fazer levar hum garrote, revelou todas as concuſsões, que elle havia feito no Egypto, as enormidades executadas na ida, e na volta de Cambaya: accuſações, a que elle prevenio os effeitos matando-ſe com veneno, para que recebeſſe a juſta pena de ſer verdugo da vida propria, quem o tinha ſido inexoravel de tantas alheias. Era vulg.

Tornando aos negocios de Dio, já levantado o ſitio, e chegado Antonio da Silva de Menezes com o ſoccorro, Franciſco de Siqueira o Malabar foi logo mandado a Goa com eſte aviſo a D. Garcia de Noronha, que com a Armada já preſtes o eſperava. A nomeaçaõ deſte Fidalgo para Viſo-Rei da India, e a ſua chegada a Goa, taõ longe eſtiveraõ de ſer uteis ao ſitio de Dio, que ellas lhe movêraõ

Era vulg. raõ o maior prejuiſo, como cauſas de ſe perderem tantos bravos ſoldados, que nelle foraõ mórtos. Eſte Viſo-Rei, ainda que ornado de qualidades grandes, parece que a Providencia quiz caſtigar nelle os tratamentos deſconfórmes, que ſe acabavaõ de dar ao ſeu predeceſſor. Elle debaixo do pretexto de querer ir em peſſóa ſoccorrer os ſitiados, e combater a Fróta Otomana, que era o objecto principal da ſua viagem á India em annos taõ avançados, e a vontade do Rei expreſſa. Suſpendeo a partida de 80 navios carregados de gente, munições, e viveres, que Nuno da Cunha tinha promptos para ſoccorrer a Dio ſem demora. Eſta a cauſa evidente de ſe alongar o ſitio, de morrerem tantos homens, de chegar a Fortaleza á extremidade de ſe perder.

He verdade que quando chegou o Malabar com a noticia da retirada dos Turcos, o Viſo-Rei tinha feito hum bello armamento de mais de 160 vélas deſtinado para a imaginada batalha com os Turcos. Mas humas con-

ſi-

ſiderações fleugmaticas ſobre deliberar o modo, com que elle a havia dar, o deteve, o ſuſpendeo, nada o deixou obrar. Eu ſempre goſtei cada vez que via confeſſar Diogo de Couto, que era huma voz conſtante na India, que ſe D. Garcia naõ tiveſſe vindo do Reino, Nuno da Cunha tivera ido buſcar os Turcos, e que nem huma ſó das ſuas galés voltaria para o Eſtreito: concluir elle a reſpeito de D. Garcia com eſte alto elogio: Mas o bom velho, qual outro Quinto Fabio Maximo, com ſuas dilações, e artes fez levantar o inimigo. Certamente que Couto eſcreveo em tempo de ſer adulador de neceſſidade, ou de goſto contra a verdade da Hiſtoria; porque elle até bem longe deixou correr a liſonja. A noticia das artes, de que ſe ſervio D. Garcia, naõ chegou á ſua, nem ás noſſas idades. As ſuas dilações cotejadas com as de Fabio Maximo tem huma eſſencial differença: as de Fabio ſalváraõ Roma, e Italia: as de D. Garcia hiaõ perdendo Dio, e a India. Era vulg.

Ora naõ nos faça eſpecie a liſonja

de

Era vulg. de Couto, quando nós a temos á face nas mesmas dilações do Viso-Rei D. Garcia de Noronha, hum Fidalgo taõ grande, hum soldado taõ valente, que na India vimos nós dar tantas próvas do seu valor debaixo das ordens do grande Affonso de Albuquerque, seu tio. Nesta jornada do Reino, D. Garcia mais Aulico, que guerreiro, vinha prevenido por inimigos poderosos, ou invejosos de Nuno da Cunha para em nada seguir os seus conselhos, ainda que elles fossem os mais uteis, e saudaveis. Semelhante condescendencia forçou a D. Garcia até o fazer abandonar os dictames proprios na expediçaõ de Dio, porque aos Ministros de Portugal naõ parecesse que eraõ de Nuno da Cunha pela conformidade. Eis-aqui a causa das dilações do Fabio Portuguez, que naõ só escureceo a gloria antiga das suas acções illustres; mas se privou de adquirir huma das mais sublimes, que na sua Época podia dar a India.

Sobre o grande Nuno da Cunha se avançou tanto a paixaõ de D. Garcia,

ou

ou a ſua contemplaçaõ para com os emulos do Heróe benemerito, que para com elle eſqueceo a politica, e deſterrou a juſtiça. Ainda que pelas meſmas ordens da Corté Nuno da Cunha eſtava livre, e totalmente iſento do poder do Viſo-Rei, quando elle houve de ſe embarcar para o Reino com Martim Affonſo de Souſa, que picado de o naõ deixarem ſeguir os Turcos na retirada de Dio, naõ quiz mais ſervir na India; D. Garcia recuſou a homem tamanho hum lugar nas náos d'El-Rei, e foi obrigado a pagar a ſua paſſagem em navio mercante, que alugou. Sempre atacado da afflicçaõ de tratamento taõ indigno, paſſado o Cabo de Boa Eſperança, ſentindo-ſe morrer, cantou como ciſne a triſte, e deſentoada letra: Ingrata Patria, tu naõ lograrás os meus oſſos. Era vulg.

Morreo Nuno da Cunha nos braços dos deſgoſtos, ainda ignorante das injúrias, que o eſperavaõ, ſe chegaſſe ás Ilhas Terceiras, em premio de déz annos de ſerviço admiravel na India, aonde álem das victorias, fundou

dou

Era vulg. dou as Fortalezas de Chale, de Baçaim, e de Dio. Aberto o seu testamento, dizia nelle, que se morresse no mar, lançassem o seu corpo ao fundo delle atado a camaras de falcaõ, que se pagariaõ a El-Rei, protestando pela hora em que estava, que outra cousa naõ devia á sua fazenda em todo o tempo que o servio. Ambas as mandas foraõ executadas; e quando seus filhos acompanhados de seu Avó o veneravel velho Tristaõ da Cunha se apresentáraõ a El-Rei para lhe pagarem o valor das camaras, declarando-lhe as suas disposições testamentarias, entaõ este Principe deo mostras de que acordava de hum lethargo, advertio quem era Nuno da Cunha, comprehendeo a desgraça dos Principes, que pela credulidade facil se deixaõ fazer Promotores nas causas da inveja, das prevenções, da paixaõ daquelles, que lhes rodeiaõ os lados como féras devorantes da honra alheia.

Pelas suggestões de homens deste caracter, resuscitado o exemplo de Lopo Vaz de Sampayo, El-Rei mandára an-

antes ás Ilhas Terceiras a Antonio Correâ Baharem com hum grande, e pezado grilhaõ para trazer carregado, e preſo com elle para o Caſtello de Lisboa a Nuno da Cunha: aquelle Heróe, que depois do Grande Albuquerque, era o mais digno dos Portuguezes, que com o maior zelo, e deſintereſſe ſervira a Pátria, e fizera honra á Naçaõ. Eu formára hum cotejo eſpecioſo, e triſte entre as acções, e as remunerações deſtes dous Portuguezes taõ grandes. Eſquecendo a ſegunda parte, bem ſei que na primeira naõ os igualaria em tudo. Mas ſe diſſeſſe de Affonſo de Albuquerque, que elle tinha hum eſpirito heroico, huma grande ſuperioridade na extenſaõ do genio, firmeza na alma, ſciencia da guerra, conſtancia nos trabalhos, expedientes nos negocios, reſoluções deciſivas nas emprezas, e outras qualidades mais bem ponderadas por quem melhor ſoube conhecellas:

Era vulg.

De Nuno da Cunha diria: Que elle naõ eſtava deſpido de muitas deſtas prerogativas: que ſe naõ as poſſuio taõ

Era vulg. luminoſas, que com inimitavel deſinteresse as ſoube fazer brilhantes: que depois de déz annos de governo da India já nas idades da ganancia, acabou taõ pobre, que declarou, quando morria, que em ſeu poder naõ tinha mais bens alheios, que ſeis moedas de ouro de Sultaõ Badur, que pela ſingularidade do ſeu cunho, havia guardado para as offerecer a El-Rei: que elle era hum Fidalgo generoſo, intrepido nos combates, amigo da gloria, na guerra humano; que a perda de hum dos olhos em hum jogo de canas era o unico defeito do ſeu formoſo talhe, alta eſtatura, e agradavel preſença.

## CAPITULO IV.

*Do que obrou o Viſo-Rei D. Garcia de Noronha depois do levantamento do ſitio de Dio, e outros ſucceſſos do ſeu tempo.*

EU deixo dito que quando Franciſco de Siqueira, o Malabar, chegou a Goa com a noticia de haverem os Turcos levantado o ſitio de Dio, achou com a Armada prompta ao Viſo-Rei, que o eſperava para tomar as ſuas reſoluções ulteriores. Tanto que elle ſoube o ſucceſſo glorioſo, em que naõ tivera a menor parte, todo devido á corage de Antonio da Silveira; D. Garcia, tranſportado de prazer, mandou embandeirar a ſua Capitánia, deſcarregar toda a artelharia, e ordenou que fizeſſem o meſmo as náos da Armada. Os ſeus Officiaes recebêraõ eſta ordem com affectos bem oppoſtos aos da alegria do Viſo-Rei. Elles, e todos os ſoldados mettidos em furor, tomados da cólera clama-

Era vulg.

Era vulg. vaõ, que ſe elles tiveſſem na ſua teſta a Nuno da Cunha naõ ſentiriaõ a deſgraça de ſe vêr privados da honra de bater os Turcos: que com o grande nome de Antonio da Silveira, e dos bravos defenſores de Dio ſoaríaõ os ſeus de miſtura nos orgãos da fama: que elles naõ podiaõ deixar de ſe queixar do velho fleugmatico, que depois de os eſcandaliſar com delongas indiſculpaveis, que lhes roubáraõ a honra, agora os obrigava a celebrar com prazer fóra de propoſito o triunfo para quatro Portuguezes ſublime, para todos os da Armada affrontoſo: em fim, que ſe no dia, em que Nuno da Cunha ſe lhe offereceo para o acompanhar a Dio como voluntario, elle partiſſe logo, abataria a arrogancia dos Turcos, naõ voltaria a Suez huma ſó das ſuas Sultanas, elles ganhariaõ honra, os Portuguezes recobrariaõ na India as glorias primitivas, toda a Naçaõ ficaria reputada no Univerſo.

Martim Affonſo de Souſa, que entrava no número dos eſcandaliſados, foi pedir licença a D. Garcia para ſeguir

guir os inimigos até os encontrar, batellos, e acabar de deſtruillos ſó com a Armada, que como General do mar coſtumava ter ás ſuas ordens. Foi-lhe negada a licença com tanto ſentimento do illuſtre Official, que tomou o expediente de voltar para o Reino, e deixar o emprego, que o Viſo-Rei provêo em ſeu filho D. Alvaro de Noronha. Immediatamente ſe ſeguio a viagem de Dio com toda a Armada; ella hum novo aſſumpto de murmuraçaõ pela ſegunda fleugma, com que D. Garcia marchava de porto em porto, moſtrando-ſe a todos os do Nórte a tempo, que ſe ſabia naõ terem ſocego os Generaes de Cambaya em perſeguir os Portuguezes. Em fim, o Viſo-Rei chegou a Dio rodeado do deſprazer geral dos homens, huns que o notavaõ de amigo dos intereſſes, outros que lhe ſuppunhaõ o valor resfriado com a velhice. Era vulg.

Acabáraõ de ſe deſentoar as vozes do ſentimento commum, quando ſe ouvio publicar o Tratado da paz com Cambaya: Tratado vergonhoſo, feito

no

Era vulg. no tempo, em que ſe acabava de ganhar huma victoria ſublime: Tratado pedido, rogado, requerido com induſtrias na conjuntura, em que todo elle devia ſer lavrado com palavras de triunfo, pelo meſmo Viſo-Rei em tom ſupremo: Tratado, em que elle conſentio que os Portuguezes da Fortaleza ficaſſem nella acantonados com hum muro de diviſaõ de mar a mar, que lhes tirava a communicaçaõ da Cidade: Tratado em fim todo de vantagens para o Rei de Cambaya, aos Portuguezes taõ odioſo, que elles ſe capacitáraõ era hum tratado vendido. Elle foi a cauſa do ſegundo ſitio de Dio no governo de D. Joaõ de Caſtro, como veremos a ſeu tempo: elle a origem do meſmo deſpreſo de Cambaya, que ſem fazer caſo delle nos mandou pouco depois invadir as terras de Baçaim, naõ tirando o Viſo-Rei outro fruto deſta jornada de Dio, ſenaõ deixar as obras da Fortaleza em melhor eſtado que antes.

No governo della foi provido Diogo Lopes de Souſa; ao de Ormuz reſti-

tituido D. Pedro de Caſtello-Branco, Era vulg.
que Nuno da Cunha mandára depôr por cauſa de Capitulos, que deraõ contra elle; a Miguel Ferreira ſe encarregou o ſoccorro ao Rei de Cota em Ceilaõ, aonde ſeu irmaõ Madune foi obrigado a fazer com elle a paz; e nós concluimos os ſucceſſos deſte anno com os ultimos de Malaca. No fim do paſſado intentáraõ os Achens tomar-nos a Fortaleza; mas encontráraõ taõ prevenido o Governador D. Eſtevaõ da Gama, que naõ ſatisfeito com ſuſtentar a defenſiva, ſahio contra elles a campo, e em hum choque todo de opiniaõ lhes degolou 500, e obrigou a embarcar o reſto. Agora eſtimulados vieraõ elles com forças dobradas deſpicar a primeira injúria. D. Eſtevaõ os hoſpedou do meſmo modo; e derrotados em terra, Triſtaõ de Ataíde, que chegára das Molucas, e ſe achou em ambas as expedições com muito valor, foi mandado na noſſa Armada a picar a ſua na fugida.

Diogo Lopes de Souſa provído na 1539.
Fortaleza de Dio, viera eſte anno por

Co-

Era vulg. Commandante de cinco náos do Reino, que augmentárað as noſſas forças para podermos intentar acções de eſtrondo. Entaõ ſoáraõ dous na India, ambos com admiraçaõ de quem os ouvia. O primeiro, eſtando o Viſo-Rei ainda em Dio, foi o do deſpreſo, com que os Guzarates tratáraõ os ajuſtes da paz acabada de celebrar, entrando, com as armas na maõ pelas terras de Baçaim, como quem moſtrava a eſtimaçaõ, que fazia de amizade comprada. Ruy Lourenço de Tavora governava a Praça, e porque receou ſer ſitiado, pedio ſoccorros ao Viſo-Rei para os deſalojar dos ſeus poſtos, antes que ſe engroſſaſſem. Elle lhe mandou a Triſtaõ de Ataide, que eſquecidos na India os ſeus crimes comettidos em Maluco, fazia nella taõ alta figura, que depois de honrado em Malaca, o ſeu Governador D. Eſtevaõ da Gama o enviou com 200 homens a ſoccorrer Dio; agora o Viſo-Rei com mais gente a defender o Tavora.

Os dous Chéfes ſe conduzíraõ com tanto valor no primeiro encontro, que dor-

derrotados os Guzarates, elles acantonáraõ as ſuas reliquias em huma Ilha. Depois ſe renovou eſta guerra com tanto empenho, que Coge Çofar com hum corpo de Exercito a veio ſuſtentar em peſſoa. Naõ perdoou eſte General á diligencia, que houveſſe de ſer neceſſaria para reduzir Rui Lourenço de Tavora á ultima extremidade. Nella lhe acodio D. Jorge de Lima, Governador de Chaul, com parte da ſua guarniçaõ, que obrigou Çofar a conduzir-ſe mais circunſpecto. Deſenganado de que Portuguezes teimoſos eraõ invenciveis, tomou tal faſtio á guerra, que abandonou a empreza, e nos deixou por algum tempo pacificos em Cambaya. Era vulg...

Geral na Aſia foi o ſegundo eſtrondo, como écco de repercuçaõ ſahido do grande brado da victoria de Dio. Toda ella na longa duraçaõ do ſitio tinha os olhos fitos no formidavel poder de Cambaya, que o emprehendia auxiliado das forças Otomanas. Taõ alta era no Oriente a reputaçaõ dos Rumes, taõ conſtantes as eſperanças na

Fró-

Era vulg. Fróta taõ refpeitavel do Baxá, que além de dar efpiritos á decadencia dos Principes do Indoftaõ, como fe eftiveffem já livres do jugo eftrangeiro, que os opprimia: elles entendêraõ, que fe abririaõ as pórtas de todas as Praças, aonde os Rumes chégaffem: que em todos os Póvos, efpecialmente nos Portuguezes derramariaõ o terror, o efpanto; e que em parte alguma elles encontrariaõ refiftencia. Já aquelles Principes mutuamente fe convidavaõ para repartirem entre fi os defpojos, os bens inventariados dos inimigos, que hiaõ a fer efmagados para lhes ficar fem impedimentos a partilha. Agora vendo a formidavel Armada, que atroára o mundo, recolher-fe desbaratada, quafi desfeita, com a reputaçaõ perdida, os Turcos mórtos, ou feridos, e ifto ás mãos de quatro Portuguezes ilhados em Dio: elles mudaõ de affectos, e de exterioridades; elles fe apreffaõ a mandar beijar a maõ, que os carregava; elles mefmos offerecem mais fuzis para gravarem o pefo da cadêa, que os opprimia.

Taes

Taes foraõ o Idalcaõ, o Nizamaluco, Accedecaõ, outros Principes visinhos, especialmente o soberbo Çamorim, que todos se consideráraõ na necessidade de seguir, e deixar levar da torrente da felicidade Portugueza. Todos elles se adiantáraõ diligentes a procurar a renovaçaõ dos Tratados antigos com condições mais abatidas, especialmente o ultimo daquelles Monarcas, se sempre arrogante, nunca como agora sobmettido. Elle negociou os primeiros Officios com Manoel de Brito, Capitaõ da Fortaleza de Chale, sendo as instancias taõ vivas, que o obrigáraõ a prometter a sua companhia aos Embaixadores, que havia mandar a Goa para mediar com o Viso-Rei nos ajustes. Se com as vantagens desta paz de Calecut houvesse sido a de Cambaya, o Viso-Rei deixaria a sua reputaçaõ mais bem estabelecida na India. Regulados os Artigos, D. Garcia naõ podendo ir a Panane em pessoa, aonde o Çamorim os havia jurar, e confirmar, como se tinha convencionado, mandou a esta diligencia a seu Era vulg.

fi-

Era vulg. filho D. Alvaro, que a executou com explendor.

Eſte Fidalgo foi de Panane para Cochim expedir as náos do Reino, em que havia embarcar D. Eſtevaõ da Gama, que chegára de Malaca acabado o ſeu governo. Elle o naõ fez por achar cartas do Conde de Vimioſo, ſogro de ſeu irmaõ o Conde Almirante, que lhe dizia naõ ſahiſſe da India, no caſo de haver Martim Affonſo de Souſa partido já para Portugal. Inſinuaçaõ clara, de que tinha de recahir nelle o governo depois de D. Garcia. Embarcou porém o grande Antonio da Silveira, que na ſua chegada a Lisboa El-Rei o mandou ir da náo á ſua preſença acompanhado da Nobreza da Corte, e o recebeo com as honras bem merecidas pelas ſuas memoraveis acções. Com a meſma comitiva ſahio do Paço para caſa da filha de Lopo Vaz de Sampaio, Governador que foi da India, com a qual eſtava deſpoſado por palavras de futuro, e neſſe dia a recebeo com ellas de preſente.

Achou

Achou este Fidalgo a Corte occupada de consternaçaõ pelas mórtes immaturas do Infante D. Filippe, e da Imperatriz D. Isabel, mulher de Carlos V., irmã d'El-Rei. Os dous Soberanos se mandáraõ visitar nos seus sentimentos mutuos; o Imperador a El-Rei pelo Embaixador D. Luiz de Zuniga, Gentil-Homem da sua Camara, e Fidalgo adornado de qualidades illustres; El-Rei ao Imperador pelo Duque de Aveiro, com ordem de se hospedar em casa de D. Francisco Lobo, irmaõ do Baraõ de Alvito, que havia succedido a D. Aleixo de Menezes na Embaixada de Castella: ordem, que o Duque naõ póde observar, por lhe naõ ser possivel resistir ás instancias cortezes, e officiosas do Arcebispo de Toledo. Na occasiaõ da mórte da Imperatriz conquistou o Ceo para si a grande alma de S. Francisco de Borja, entaõ Duque de Gandia. Descobrindo o cadaver desta Senhora para fazer delle a entrega de que hia encarregado no lugar da sepultura: Vendo a formosura especiosa, a grandeza magnifica,

Era vulg.

Era vulg. ca, a Mageſtade ſublime reduzidas a huma podridaõ intoleravel, a paſto das ſevandijas mais humildes, a hum cadaver hidiondo: ſuſpenſo, paſmado, como extatico rompeo em vozes intercadentes: *Nunca mas ſervir Señor, que ſe me pueda morir*: deſengano ultimo, que o obrigou a abandonar a pompa, o fauſto, a grandeza do mundo, veſtir a roupeta de Jeſuita, trocar a ventura caduca pela felicidade eterna, paſſar de valído do Ceſar a amigo de Deos; que ſó ſaõ os verdadeiros homens exceſſivamente honrados com imperio permanente.

## CAPITULO V.

*Mórte do Viſo-Rei D. Garcia de Noronha: ſuccede no governo D. Eſtevaõ da Gama, e ſe trataõ os ſucceſſos do anno de 1540.*

1540. Pouco tempo goſtou o Viſo-Rei as doçuras da paz geral, que acabára de ajuſtar. A idade, mais que a doença, o cha-

chamava para a mórte, que elle esperou constante, naõ o perturbando os sustos da noticia para cumprir até ao ultimo ponto com os deveres de General, e de Catholico. Elle tentou em vaõ que seu filho governasse por elle, até que por sua mórte se abrissem as Vias. A Nobreza naõ estava em disposições de acceitar proposta semelhante, que regeitou com politica, por naõ confórme á sua dignidade. Obrigado a dar no governo os ultimos passos, depois de despachar para as Molucas a D. Jorge de Castro, que havia render o illustre Antonio Galvaõ; de prover muitas das Fortalezas da India, recolhido com o seu Confessor, sem consentir que mais se lhe fallasse em negocios temporaes, tratando dos eternos, o Viso-Rei D. Garcia acabou a sua larga vida aos 4 de Abril deste anno de 1540. com anno, e meio de Viso-Rei da India, que agora o chorou pouco, e o sentio menos do que merecia a sua alta qualidade, e os seus longos serviços feitos na mesma India. Era vulg.

An-

Era vulg. Antes de ſepultado o cadaver, foraõ abertas as vias das ſuccesſsões pelo Védor da Fazenda Fernaõ Rodrigues de Caſtello-Branco, e nellas ſe achou nomeado em primeiro lugar Martim Affonſo de Souſa, que tinha embarcado para o Reino. Na ſegunda Via lembráraõ os merecimentos de D. Eſtevaõ da Gama, que eſtava preſente, e ouvio a noticia da ſua inauguraçaõ a taõ alto emprego com tanta indifferença, como ſe naõ fora com elle. Talvez que o ſeu grande eſpirito ſe recolheſſe logo a fazer reflexões na deſgraça dos ſeus predeceſſores, que pela maior parte haviaõ encontrado abatimentos nas elevações da India. Como elle a amava mais por ſer hum deſcobrimento do Conde Almirante ſeu Pai; D. Eſtevaõ para ſe naõ entender que obrava cego do amor do intereſſe, que arraſta, ou para prevenir os inconvenientes futuros, que arraſtáraõ a muitos, ordenou aos Officiaes da Fazenda lhe fizeſſem hum inventario exacto dos ſeus bens para juſtificar por hum acto público, que quanto tinha

o adquiríra antes de Governador, e que para depois nada menos tinha na vista, que servir-se do cargo para engrossar a riqueza. Era vulg.

O mesmo mez de Abril, em que falleceo o Viso-Rei D. Garcia, foi fatal para Portugal na perda de Reaes vidas. Nelle entrou a mórte a formar o circulo funebre do anno com a do Infante D. Antonio, filho d'El-Rei, e com a de seus irmãos o Infante Cardeal D. Affonso, e do Senhor D. Duarte: Principes ambos, que serviaõ de ornato mageſtoso, hum ás purpuras, o outro ás Coroas. Muita resignaçaõ era necessaria, para que a dôr naõ rompesse as medidas na sensibilidade destes golpes, que se descarregavaõ sobre as feridas ainda abertas de outros semelhantes no anno passado. Mas o Rei, que sabia buscar o conforto daquelle, que assiste com os atribulados, todos levou com a mesma conformidade catholica, que tambem o ensinava a adorar os juizos occultos de Deos na permissaõ da potencia, a que se hia sublimando o Xerife de Africa,

Era vulg. como se estivesse prevendo, que ella havia descarregar sobre Portugal outro golpe mais que todos sensivel.

Este Barbaro descontente do máo successo, que tivera sobre a nossa praça de Çafim, quiz desaffogar a cólera marchando de Marrocos contra seu irmaõ o Rei de Sus, que tinha de unir na sua cabeça muitas Coroas. Avistáraõ-se os dous Exercitos na Serra de Boibon, donde o de Sus destacou a seu filho Arroni para sustentar as escaramuças com os de Marrocos até receber segunda ordem. Agora, refere Joaõ da Serra, homem de vida proba; taõ bom Christaõ, que promessas, ameaças, e tres mil açoutes mandados dar pelo Xerife, naõ foraõ bastantes a reduzillo para exercitar o seu officio de fabricador de polvora. Que o de Sus, subindo com elle, com outro cativo, e com hum Mouro ao alto da Serra, depois que destacou o filho; elle olhando para o Ceo começára a rezar em alta voz; que tirára da manga cinco canudos de cana; que os arrojára á direita, á esquerda, adian-

te,

te, a traz, e o ultimo para o alto; Era vulg.
que feitas eſtas ſuperſtições, ordenára a toda a preſſa ao filho déſſe principio á batalha; que ao arrojar os canudos, todo o ſeu esforço lhe fora neceſſario para ſe firmar na ſella, tremulo ao horror das concuſsões infernaes, que ſe ſentiaõ no campo, eſpecialmente no de Marrocos, que entendia o tragava a terra.

A verdade do ſucceſſo he, que o Xerife maior foi deſtroçado, e preſo com ſeu filho Buazon por ſeu irmaõ o menor Xerife Rei de Sus. Se o Diabo, que dizem era ſeu familiar, lhe deo a victoria, hum ſoberbo abateo o outro; porque o de Marrocos aos pés do irmaõ humilhado implorou a ſua clemencia. Elle o recebeo nos braços com taes exterioridades de compaixaõ, como ſe foſſe o vencido. Exterioridades viſtoſas, que entaõ ſerviraõ de diſſimular os tranſportes do odio, que veio em fim a produzir os ſeus effeitos coſtumados.

Pouco depois deſte ſucceſſo o Alcaide Almançor foi com duas mil lan-

Era vulg. ças a Azamor desafiar a nossa corage. Sahiraõ os Portuguezes á escaramuça, e como em Africa já eraõ outros homens, elles se retiráraõ com perda. Só Vicente Riscardo, Cavalleiro intrepido, quiz mostrar, que conservava a raça dos primitivos. Elle se deixou ficar firme no campo; e Almançor, que podera matallo, se divertio em combatello. Depois de huma disputa vistosa, o Mouro com huma lançada pelo grosso da perna o préga na sella do seu cavallo. Entaõ immovel o Riscardo se rende, he levado a Morrocos, o Xerife o trata por valeroso, naõ escravo; mas amigo. Quando o Xerife de Sus se fez senhor de Marrocos mandou assassinar este bravo homem pelo crime do valimento, que tivera com seu irmaõ.

Entre os Embaixadores, que El-Rei tinha este anno pelas Cortes da Europa, era hum delles D. Pedro Mascarenhas na de Roma junto á pessoa do Papa Paulo III. A este tempo, em que o Rei desejava que da promulgaçaõ do Evangelho na Asia resultassem

ſem á Igreja tantas vantagens, quantas recolhia o Eſtado na reputaçaõ das armas, e nos intereſſes do Commercio. O Jeſuita Simaõ Rodrigues, fazendo-ſe lugar diſtincto na amizade do Embaixador, conſeguio delle que eſcreveſſe a El-Rei, e lhe propozeſſe os Socios da Companhia, acabada de eſtabelecer pelo Padre Santo Ignacio, para Miſſionario da India. Offerta mais acceitavel naõ ſe podia apreſentar aos animos pios dos Reis D. Joaõ, e D. Catharina. Sem dilaçaõ recebeo ordem o Embaixador para fazer paſſar a Portugal o meſmo Simaõ Rodrigues, e com elle, já eſcolhido pela Providencia para nova luz do Oriente, o Padre Franciſco Xavier. Era vulg.

Chegando a Portugal eſtes dous grandes Varões, e engolfados nas ondas empoladas da Corte de Lisboa, cada hum delles ſe determinou a navegar por differente rumo. O S. Franciſco Xavier, que do ſeu Patriarca aprendêra a dizer, e a moſtrar que a terra lhe parecia immundice, quando olhava para o Ceo, tomou eſte rumo,

Era vulg. mo, embarcando para a India no anno seguinte com o Governador Martim Affonso de Sousa, parecendo-lhe elle mais seguro para com passos de Apostolo naõ errar a jornada da Pátria. O Padre Simaõ Rodrigues quiz persuadir, que tambem se acertava com o mesmo rumo pela via da terra, ficando em Lisboa para attrahir os espiritos com o exemplo, que nasce da prégaçaõ da palavra de Deos, do ensino da Moral santa, das visitas dos carceres, e hospitaes, de todas as mais obras edificantes, que era necessario ser vistas para estabelecer com credito em Paiz estranho hum Instituto novo. Estas exterioridades pias foraõ os fundamentos solidissimos, sobre que firmou a sociedade dos Jesuitas a máquina da sua Congregaçaõ em Portugal, aonde subio a huma sublimidade desmarcada, aos pinaculos do Templo, e do Paço, aonde parece que as tentações só encontraõ resistencia em huma corage divina, que naõ póde arrojar-se voluntaria aos precipicios para rebentar na quéda.

Em

Em poucos annos cresceo esta Congregaçaõ em número de individuos, naõ só pelos que Simaõ Rodrigues mandou vir de Hespanha, França, e Italia, mas pelo que cathequisavaõ em Coimbra, em Lisboa, por muitas partes do Reino Jesuitas, huns delles á cara descoberta, outros disfarçados, como foraõ os Padres Manoel Godinho, e Affonso Barreto. Entrou pela Nobreza mais qualificada a selecçaõ, a escolha de sugeitos para Congregados, que deraõ occasiaõ ás queixas dos parentes por lhes arrancarem dos braços as prendas do amor, e das esperanças. Entre outros naõ podéraõ conter-se D. Diogo da Silveira, Conde da Sortelha, D. Henrique de Menezes, D. Joaõ Telo de Menezes, e sobre todos o Duque de Bragança D. Theodosio, que se queixou a El-Rei do Padre Simaõ Rodrigues haver sobprendido a seu irmaõ D. Theotonio para o incorporar na sociedade. Já a este tempo o Padre Simaõ estava senhor da vontade do Rei, e tinha conseguido a nomeaçaõ de Mestre do Principe: dous passos tanto

Era vulg.

de

Era vulg. de gigante, que lhe ficou ſobordinada a Corte, como dizem.

Quando eſtas couſas paſſavaõ em Portugal, e em Africa, o novo Governador da India D. Eſtevaõ da Gama nos primeiros movimentos do governo promettia felices os auſpicios na continuaçaõ delle. Obſervou o ſeu eſpirito illuminado, que a licença introduzida nos homens da ſua naçaõ, naõ ſó os fazia deſconhecer a neceſſidade da ſobordinaçaõ; mas lhes derrotava o credito entre as gentes civiliſadas da India: Que elles authoriſavaõ as deſordens com as liberdades da guerra, que lhes inſpiravaõ huma vida de tumulto: Que com eſpecialidade a Nobreza, ella ſe arrogava hum deſpotiſmo ſem freio, huma libertinage como privilegio do naſcimento, hum deſpreſo para os Póvos Mahometano, e Gentilico, com o predicado do ſangue, que tinha authoridade para as injuſtiças, para os aggravos, para as oppreſſões: Que as mulheres, e as filhas dos Indios naõ tinhaõ azylo, quando ella os perſeguia com os repelões do ap-

pe-

petite: Que fazendas, e honras alheias eraõ despojos da maledicencia, e da avareza; esta que enriquecia por meios injustos; aquella que despicava com vingança infame, que com vulgaridade passava da lingua para as mãos. Era vulg.

D. Estevaõ da Gama, que se regia pelas maximas da probidade, sentido de tantas desordens escolheo para Chéfe-acçaõ do seu governo escogitar os meios de as remediar. Elle chamou a Nobreza a huma Assembléa particular. Principiou a tecer-lhe hum discurso vivo, e pathetico, em que lhe foi persuadindo com vozes geraes a força dos exemplos bom, e máo em pessoas de alta qualidade, que facilmente produziaõ nos outros effeitos conformes a elles. Fez comprehender-lhe, quanto era necessario aos seus mesmos interesses, que elle naõ tivesse descuidos em se lançar de peitos a ter maõ no enchurro dos excessos, que rápidamente a levavaõ á ultima ruina. Tanto tocou ao corpo veneravel do congresso com demonstrações evidentes, que elle naõ pode deixar de consentir nos regu-

Era vulg. gulamentos ſábios, huns que vingaſſem, outros que fizeſſem ſuſpender o crime.

O bom ſucceſſo deſta negociaçaõ o animou para entrar mais reſoluto na refórma dos negocios de Eſtado. A arrecadaçaõ da Fazenda era a que mais a neceſſitava á viſta dos roubos, que ſem conſciencia ſe faziaõ ao Rei, ou lhe faziaõ os ſeus Depoſitarios em tempo, que todos pareciaõ diligentes, e naõ ſe achava algum fiel. Elle cuidou em encher os armazens vaſios, em reparar os navios varados, em arrecadar melhor os generos, as eſpeciarias, que chegavaõ ao Reino podres: vindo aos eſtaleiros, e contando no trabalho das náos ſó 700 homens, gritou que no tempo de Nuno da Cunha haviaõ 800, e que elle queria muitos de mais, e nem hum ſó de menos. No augmento da Chriſtandade naõ foi D. Eſtevaõ menos zeloſo: elle fundou em Goa o Collegio da Santa Fé para a educaçaõ das Mocidades, debaixo da direcçaõ, e doutrina do Veneravel Padre Miguel Vaz, Vigario Geral da In-

India, que com zelo fervoroſo plantou a vinha do Deos de Sabaoth em muitas Regiões da Aſia. Era vulg.

Todas as couſas da India no tempo de D. Eſtevaõ pareciaõ como no ſeu primeiro eſtado, da ſórte que o dizia hum dos Reis de Cochim, affirmando que a noſſa Naçaõ levára a ella tres couſas excellentes, a ſaber, verdade, eſpadas largas, e Portuguezes de ouro ſem liga. Tudo appareceo renovado no tempo deſte Governador, que do fundo do ſeu cabedal tirou groſſas ſommas, para que naõ apparecesse com fezes o ouro dos Portuguezes com verdade, que bem manejavaõ a eſpada. Depois de deſpachar muitos Officiaes benemeritos, porque nas Memorias do Viſo-Rei D. Garcia achou huma inſtrucçaõ para o ſeu Succeſſor, em que lhe propunha quanto era conveniente ao Eſtado mandar queimar no porto de Suez a Fróta dos Rumes. D. Eſtevaõ da Gama entendeo, que eſta expediçaõ era digna da ſua propria peſſoa, e ſe reſolveo a executalla, preparando logo a Armada, de que fallaremos a ſeu tempo.

CA-

Era vulg.

## CAPITULO VI.

*Trataõ se outros successos da India no anno de 1540, e a viagem do Governador D. Estevaõ da Gama ao Estreito do Mar Roxo.*

NA companhia de D. Estevaõ da Gama servia na India o mais moço de seus irmãos D. Christovaõ, que por ser revestido de talentos muito superiores á verdura da idade, elle o pôz na tésta da primeira expediçaõ do seu governo. Foi D. Christovaõ mandado a Cochim despachar os navios de carga, que haviaõ ir para o Reino, e preparar parte da Armada, que estava naquelle porto, e havia servir na viagem do Estreito. Com as suas virtudes, especialmente com a da liberalidade, se fez recommendavel D. Christovaõ a todas as gentes; com a sua prudencia cumprio exactamente as commissões, de que fora encarregado: com o seu valor castigou os atrevimentos do Arel de Porcá, e de hum Caimal seu

vi-

visinho, que obrando de concerto, comettiaõ insolencias contra os Portuguezes no exercicio de pyratas. O Caimal perdeo a vida, e o Arel foi reduzido a tal extremidade, que teve de se sobmetter a quantas condições humiliantes lhe prescreveo D. Christovaõ. Era vulg.

Outro bom principio do governo de D. Estevaõ foraõ as vantagens, que Ruy Lourenço de Tavora alcançou das forças de Bramaluco. Este tinha sido senhor das terras de Baçaim, que lhe tirára Sultaõ Badur para as doar aos Portuguezes na occasiaõ da alliança contra os Mogores. Agora com a noticia da morte do Viso-Rei, Bramaluco quiz reentrar na posse do seu patrimonio, e invadio as terras com hum corpo de 300 cavallos, e de 5ȹ000 infantes. Ruy Lourenço sahio contra elle a campo com 50 cavallos, e 600 infantes, que dividio em quatro corpos ás ordens de Fernaõ da Silva, Alcaide-Mór de Alpalhaõ, de D. Luiz de Ataide, de Francisco de Sá o dos Oculos, e de Antonio de Sotomaior,

co-

Era vulg. cobrindo elle o corpo de cavallaria. Ruy Lourenço querendo ſaltar nos Barbaros de improviſo, a elle ſuccedeo o meſmo, que penſava. Atacado de repente com forças ſuperiores, os Portuguezes eſtiveraõ perdidos; mas remediando o valor a deſordem, os bravos Officiaes remettendo aos inimigos por todos os lados, os derrotáraõ, os pozéraõ em fugida, largáraõ as terras, e ſe embrenháraõ pelas margens do rio de Antora.

Pouco depois ſoube o Tavora, que do eſtaleiro de Agaçaim ſe havia lançado ao mar a célebre náo Zambuco, que fez várias viagens a Portugal. Deſejou o Tavora tomar eſta náo ainda deſmaſteada; e marchando elle por terra a Agaçaim, ordenou a D. Luiz de Ataide, que com 200 homens em déz navios entraſſe pelo rio para dar cabos á náo, e trazella a reboque. O Bramaluco tinha a povoaçaõ fortificada, e nas margens do rio muitas trincheiras guarnecidas. Todas desbaratou D. Luiz, e marchava a invadir a Villa, quando o Tavora por outra parte

a

a entrava. Os inimigos a abandonáraõ depois de destroçados; Agaçaim foi queimada, o grande Zambuco, destinado para Meca, veio para Baçaim: duas expedições gloriosas, de que se servio Ruy Lourenço de Tavora para adoçar os Artigos da paz vergonhosa, que o Viso-Rei D. Garcia ajustára com o Rei de Cambaya. Era vulg.

Com impaciencia esperava D. Estevaõ da Gama a vinda das náos do Reino para fazer a viagem do Estreito, quando á barra de Goa chegáraõ quatro commandadas por Francisco de Sousa Tavares, que trazia ás suas ordens os Capitães Vicente Gil, Simaõ da Veiga, e Vicente Lourenço Batavias. Nella vinhaõ reiteradas por El-Rei as instancias a D. Garcia de Noronha, para que sem perda de tempo mandasse queimar as galéz dos Turcos no mesmo porto de Suez. Estas instancias acabáraõ de resolver o Governador á viagem do Estreito contra os votos de Diogo Alvares Teles, de Ruy Vaz Pereira, e de Garcia de Sá: viagem, que devendo ser feita com

se-

Era vulg. ſegredo, e promptidaõ, o ſeu principal projecto ſe mallogrou por haver cahido neſtas faltas enormes hum General da illuminaçaõ de D. Eſtevaõ da Gama, como ſuccede ao tempo, que iſto eſcrevemos neſte anno de 1775 á grande expediçaõ de Heſpanha ſobre Argel, que por ſe haver emprendido ſem promptidaõ, nem ſegredo; o ſeu primeiro deſembarque no mez de Junho paſſado foi taõ infeliz, como nos indicaõ as Memorias do tempo.

Quando ſe preparava a Armada veio de Baçaim Ruy Lourenço de Tavora para ſe embarcar para o Reino, e Baçaim foi provido em D. Franciſco de Menezes. A reſpeito do provimento ſe deshouveraõ, e ſe deſafiáraõ eſtes dous Fidalgos, que da pendencia ſahiraõ amigos; mas Ruy Lourenço com huma cutilada na teſta, e D. Franciſco ferido em hum braço. Elles guardáraõ tanto ſegredo na cauſa do deſafio, que muitas vezes perguntados, ambos ſe comprometiaõ no que o outro diſſeſſe, e aſſim ſe calláraõ ambos. Depois ſuccedeo no Paço de Lisboa, que repa-

parando Ruy Lourenço na attençaõ, com que o olhava huma Dama, filha de D. Jeronymo de Menezes, irmaõ de D. Francisco. Elle pondo o dedo na cicatriz, lhe disse alegre: Senhora, que me olha? Esta ferida me fez seu tio o Senhor D. Francisco, e he a maior honra, que tenho. Partio Ruy Lourenço, e D. Alvaro de Noronha nas náos, que este anno vieraõ para o Reino: o Governador poz de verga d'alto a Armada, em que havia navegar para Suez. Era vulg.

Apenas elle foi encarregado do Governo da India, cahio logo na primeira falta de publicar, que quanto antes iria em pessoa ao Estreito queimar a Frota dos Turcos. Revelado hum segredo de tanta importancia por toda a India, chegou a noticia aos ouvidos de Coge Çofar, que para se introduzir na graça do Sultaõ, sem perda de instantes mandou expressos a todos os portos do Estreito até Suez prevenir os Turcos para repararem o golpe, que os ameaçava. Nós veremos que este primeiro erro foi acompanha-

Era vulg. do da ſegunda falta, que era a promptidaõ na empreza. Porque D. Eſtevaõ da Gama, que devia logo levar as proas direitas a Suez, até entaõ ſem alguma defenſa; elle desbaratou a precioſidade do tempo em viſitar os Portos da Cóſta de Africa, em dar lugar á vaidade dos bons ſucceſſos, nos ricos deſpojos feitos nas Ilhas de Maçuá, de Suaquem, em Alcocer, em Toro; ſendo eſtas manobras outros tantos volantes, que marchavaõ na ſua vanguarda, e hiaõ publicando: Ahi vem D. Eſtevaõ com huma poderoſa Armada de Portuguezes dar fogo em Suez á dos Turcos.

1541 Em fim, no primeiro dia de Janeiro, encarregado do Governo da India o Védor da Fazenda Fernaõ Rodrigues de Caſtello-Branco com o Governador de Goa, e o Ouvidor geral por adjuntos, D. Eſtevaõ da Gama ſahio da barra com o formoſo apparato de 72 náos, em que entravaõ doze de altò bordo. Com elle embarcou D. Joaõ Bermudes, Patriarca da Ethiopia, que viera do Reino para ir exercitar as fun-

ções da ſua Dignidade nos Eſtados do Preſte Joaõ, e hum corpo igualmente numeroſo, e brilhante da Nobreza, que entaõ era muita na India. Ora ſeguindo nós os movimentos deſta Armada, em poucos dias a vêmos na Cóſta da Arabia, poſto que derramada, por iſſo detida na bocca do Eſtreito eſperando alguns dos navios da ſua conſerva. Á entrada delle ſe encontrou com o de Garcia de Noronha, hum Geniſaro, que o Viſo-Rei do meſmo nome fizera Chriſtaõ em Dio, e o informou, como naquella Cóſta ainda ninguem eſperava a ſua vinda; que as galés Turcas eſtavaõ ſem guarda; e que chegar a Suez, e abrazallas eraõ duas acções indiſtinctas. Era vulg.

Juſtamente ſe alvoroçou D. Eſtevaõ com taõ alegres novas, que deviaõ obrigallo a fazer toda a força de véla para chegar á paragem do ſeu deſtino. Elle obrou tanto pelo contrario, que foi com todo o vagar coſteando, e notando a Enſeada do Palmar: paſſou pelas Ilhas primeiras á outra Enſeada da Fortuna com tanta lentidaõ, que

Era vulg. o grande D. Joaõ de Caſtro, entaõ hum Fidalgo aventureiro, depois magnanimo Viſo-Rei da India, foi tomando as alturas do Sol, fazendo roteiros, ſondando as Enſeadas, notando as couſas célebres do Eſtreito, as cauſas naturaes das manchas vermelhas, de que toma nome aquelle mar. Tudo fructos das applicações Mathematicas, em que fora inſtruido pelo célebre Pedro Nunes, e com que elle teceo hum Tratado curioſo para o apreſentar ao Infante D. Luiz, que tinha ſido ſeu condiſcipulo na Aula daquelle grande Meſtre.

Partio a Armada da Enſeada da Fortuna para as Ilhas da Paſcoa, e ſervindo-lhe o tempo chegou a Arquico, donde paſſou a Maçuá. Aqui mandou o Governador alimpar as náos, ajuntar provimentos, e fez conſelhos ſem outras conſequencias, que a de reſolver ficaſſem naquelle porto as náos de alto bordo, por naõ ter o Eſtreito fundo para ellas navegarem. Perſuadido pelos Regedores de Maçuá, que caſtigaſſe ao Rei de Suaquem;

por-

porque ſendo amigo dos Portuguezes, e tributario do Preſte Joaõ, ſe fizera vaſſallo do Imperio Turco. Elle ſe encarrega da commiſſaõ, e antes de ſahir do porto, manda a ſeu irmaõ D. Chriſtovaõ, que com doze navios ſe foſſe poſtar entre a Ilha, e a terra firme, para onde o Rei já tinha paſſado com o temor das noticias da Armada; ſendo as que elle entaõ mandou as primeiras, que chegáraõ a Suez, e ellas a cauſa dos ſoccorros, que recebeo a praça tres dias antes de D. Eſtevaõ da Gama apparecer ſobre a embocadura do ſeu porto. Era vulg.

Deſpedido D. Chriſtovaõ, o Governador ainda ſe demorou alguns dias para fazer a entrega do Patriarca, e dar as ordens a Manoel da Gama, que ficava encarregado do commandamento das náos groſſas com 700 homens de guarniçaõ. Chegou D. Eſtevaõ a Suaquem, aonde havia ſete dias, que ſeu irmaõ o eſperava. O Rei o entreteve mais oito com propoſtas fingidas de paz, até que deſenganado das induſtrias, com que queria ganhar tempo,

Era vulg. o foi atacar na terra firme com mil homens. Elle ſe poz logo em fugida, abandonando o campo, que achamos rico; mas muito mais a Ilha de Suaquem, aonde foi imponderavel o valor do deſpojo. Houveraõ ſoldados, que tiveraõ cinco mil cruzados de partilha, e Officiaes de trezentos, e de quinhentos mil. Houve outra demora em Suaquem na diſputa de navios incapazes de navegarem o Eſtreito, que ainda hiaõ na Armada, e ſe deviaõ fazer retroceder para ſe incorporarem com os que ficavaõ em Maçuá. Muito mais ardente, e dilatada foi a dos Fidalgos, que haviaõ voltar nelles, e nenhum queria. Diſputa, que o Governador trabalhou por adoçar, e teve bem de difficuldade em a compôr, ficando ella em memoria naquelle lugar, a que ſe deo o nome da Enſeada dos Aggravados.

A 14 de Abril quando a Armada Turca já podia eſtar reduzida a cinzas ſem reſiſtencia, D. Eſtevaõ, ſem recolher algum fructo, foi queimar a Cidade de Alcocer com tres córpos

de

de gente, que mandavaõ D. Chriſto- Era vulg.
vaõ na vã-guarda, Triſtaõ de Ataide
no centro, elle na retaguarda. O receio de que voltaſſem os Turcos deſtroçados, nem deo lugar, para que a cubiça ſe cevaſſe nos deſpojos. Continuou a viagem, e no fim de quatro dias aviſtámos a Villa de Tor, e na praia hum corpo de 200 Turcos armados. Naõ pode conter-ſe a noſſa paciencia ſem ſaltarmos em terra, inveſtillos, dèrrotallos, marchar a abrazar a Villa. Quando D. Chriſtovaõ lhe queria dar fogo, apparecêraõ dous Monges Baſilios de Santa Catharina de Monte Sinai, que ficava á viſta de Tor, aonde elles tinhaõ outro Convento. Os ſeus rógos impedíraõ o incendio, e a ſua viſta moveo no Governador, e em todos os Portuguezes lagrimas doces de conſolaçaõ pela providencia, com que Deos ſuſtentava entre Barbaros nas Regiões remotas homens Catholicos para vivos Padrões da verdade do Chriſtianiſmo.

Elles conſeguíraõ do Governador ir viſitar o ſeu Convento, donde ſe

deſ-

Era vulg. descobría o de Monte-Sinay. Passados os prazeres mutuos dos nossos, e dos Monges, os Fidalgos pedíraõ ao Governador que para memoria de jornada taõ feliz, á vista de lugar taõ santo os armasse Cavalleiros: o que fez a muitos, entre elles aos dous grandes homens D. Joaõ de Castro, e D. Luiz de Ataide: honra, que a este ultimo invejou depois o Imperador Carlos V., quando elle recusou acceitalla das suas mãos pela haver recebido no memoravel lugar pelas de D. Estevaõ da Gama, que tinhaõ de valerosas o que lhes faltava de Reaes.

## CAPITULO VII.

*Chega D. Estevaõ da Gama á Cidade de Suez: o que nella lhe succede, e na sua volta para a India.*

DESPEDIDO D. Estevaõ da Gama com grande ternura dos Monges Basilios de Tor, e continuando a sua viagem, no fim de oito dias surgio duas le-

legoas diſtante de Suez, ſituada no Era vulg. Iſthmo do ſeu nome, em terreno eſteril, ſecco, e deſagradavel. Quizera elle haver á maõ alguns homens da terra, que o guiaſſem por aquelle mar incognito até a embocadura do porto, e encarregou deſta diligencia a Triſtaõ de Ataide, que naõ a conſeguio por errar os canaes com o eſcuro da noite. Como ſe ſuppunha que em Suez naõ havia alma viva além dos poucos moradores, que habitavaõ em quarenta caſas de palha; miſeria a que eſtava reduzida a grande Cidade, que alguns quizeraõ foſſe na antiguidade a celebrada Heroas, muitos a memoravel Arcinoe, alguns a reſpeitavel Cleopatrida; D. Eſtevaõ da Gama mandou pôr nella as prôas, entrar o porto, levarem os ſoldados o fogo acceſo, pegarem-o ás galés, vêllas arder, e ſahir do Eſtreito. Para eſta manobra ſonhada ſe avançáraõ D. Joaõ de Caſtro, Triſtaõ de Ataide, e D. Franciſco de Menezes ſeguidos por D. Chriſtovaõ da Gama.

Entaõ ſoou das galés hum tiro, de ca-

Era vulg. canhaõ, que era o ſignal para ſe mover o Exercito Turço chegado do Cairo havia tres dias, por terem naquella Cidade recebido as noticias, que mandára Coge Çofar, e o Rei de Suaquem da vinda da noſſa Armada. Os Chéfes Portuguezes ſe ſobprendêraõ com a viſta naõ eſperada dos Turcos, que naõ podiaõ inveſtir taõ poucos ſem a certeza conſtante de ſe perder. Elles retrocedêraõ para informar deſta novidade ao Governador, que entaõ conheceo os defeitos da revelaçaõ do ſegredo da ſua jornada, da lentidaõ com que a fizera; e receoſo de que os Turcos preparaſſem as galés para ſeguirem os poucos navios ligeiros, que levava, ſe aproveitou do bom tempo para ſahir quanto antes do Eſtreito. Todo o fructo, que tiramos deſta viagem, foi o de romperem as noſſas quilhas as aguas no lugar, em que ellas ſe abríraõ para paſſar o Povo de Iſrael a pé enchuto, quando Faraó o perſeguia na ſua retirada do Egypto, e vermos na terra os doze poços de Moyſés, como conſolaçaõ de naõ podermos colher na noſ-

nossa victoria o fructo das suas seten- ta palmas. Era vulg.

Com viagem de poucos dias chegou D. Estevaõ a Maçua, aonde achou a novidade sensivel da deserçaõ de 80 homens, que fugíraõ para a Ethiopia por naõ poderem sopportar o genio duro de seu tio Manoel da Gama, que elle deixára encarregado da Armada. Por sabedores presumidos desta retirada vio enforcados na praia cinco Portuguezes innocentes, que emprazáraõ a Manoel da Gama para apparecer com elles no Tribunal Divino. O certo he que o Gama enlouqueceo, ao sahir do Estreito acabou a vida, e nós na pouca fortuna desta expediçaõ de Suez tiramos a vantagem, ainda que sem utilidade, de fazer a Naçaõ Portugueza gloriosa no successo, que eu passo a referir.

Gradá Hamet, Rei de Zeila, e de toda a Cósta de Adel, arrogante com a amizade, e protecçaõ do Graõ Turco, se fez temivel ao Imperador da Ethiopia Athana Sagad, de quem elle antes era vassallo. Depois de conquistar algu-

mas

Era vulg. mas Provincias, Hamet tomou taõ grande aſcendencia ſobre o Imperador, que ſe receava ſentir mais funeſtas as conſequencias. Elle, e a Rainha Sabani, ſua Mãi, retirados á fragoſidade de huma ſerra para eſcaparem á furia do Barbaro, tiveraõ por huma mercê eſpecial da Providencia ſuprema a chegada dos Portuguezes á fronteira do Imperio na decadencia dos ſeus negocios. Firmes na ſua amizade os Principes afflictos, conſtantes na boa vontade dos noſſos Chéfes para os ſervirem, ſabendo que a noſſa Armada eſtava no porto de Maçua, commandada pelo Governador da India em peſſoa; elles lhe deſpacháraõ com cartas aos principaes Officiaes da Corte, acompanhados do Bernagais, para lhe repreſentarem o eſtado triſte da Chriſtandade da Ethiopia, depois que nella entráraõ os impios Muſulmãos, como auxiliares do Rei de Zeila.

Com eloquencia taõ viva, e taõ tocante expozéraõ os Legados o abatimento da Religiaõ, e dos ſeus Principes, que o ardor dos Portuguezes der-

derretido em lagrimas de ternura os movia a offerecer-ſe em competencia para irem dar a vida no ſerviço dos Principes, para derramarem todo o ſangue na defenſa da Fé. Para os acabar de reduzir já naõ foraõ neceſſarios os diſcurſos inflammados do Patriarca D. Joaõ Bermudes: elles eſtavaõ ardendo. Pedia a prudencia que em materia taõ importante ſe convocaſſe hum Conſelho. Naõ houve nelle voto, que deixaſſe de a reconhecer bem conforme á inclinaçaõ do Rei de Portugal, hum empenho digno da piedade Portugueza, e ſó ſe agitou qual havia ſer a qualidade do ſoccorro. Conformáraõ-ſe os pareceres com o do Governador, que arbitrou o número de 400 homens. Eſta tropa verdadeiramente ſe póde chamar eſcolhida; porque grande número da Nobreza, e os Officiaes mais diſtinctos ſe offereciaõ com emulaçaõ ſanta para ſervirem na empreza em qualidade de voluntarios. Era vulg.

Faltava a nomeaçaõ do General: emprego, de que todos os Fidalgos ſe julgavaõ dignos, naõ podendo diſſimular

Era vulg. lar o ſentimento, quando víraõ, que o Governador nomeára a ſeu irmaõ D. Chriſtovaõ da Gama, que naõ obſtante ſer ornado de muitas virtudes, como o olhavaõ ſó pela parte da ſua mocidade mui verde, aprehendêraõ os máos ſucceſſos, que ſaõ vulgares nas faltas de experiencia. Numerada, e dividida a tropa, apartados de toda a comitiva os dous irmãos pela aduſta praia, que regavaõ com lagrimas ternas, naſcidas do amor fraternal, ou como preſagio funeſto, de que aquella era a ultima vez, em que ſe haviaõ dar os braços: elles ſe deſpedíraõ, marchando a ſeis de Julho D. Chriſtovaõ na teſta de 150 homens, e na de 250 repartidos em cinco companhias os Capitães Manoel da Cunha, Franciſco Velho, os dous irmãos Onofre, e Franciſco de Abreo, e Joaõ da Fonſeca, todos homens de conhecido valor, provados com experiencias longas na guerra da India. O Governador forneceo eſte corpo das melhores armas, entre ellas oito peças de campanha, copioſas bagagens, que tu-

do

do era tranſportado pelos camelos, e mulas, que o Bernagais punha promptos nos caminhos. Era vulg.

Naõ he explicavel o trabalho, que os Portuguezes padecêraõ na marcha penoſa de muitos dias pelo Paiz intractavel, já aſſolado pela guerra. O ardor do Sol os abrazava, a difficuldade das eſtradas os detinha, a altura das montanhas os paſmava, as aguas eſtagnadas os affligia, a eſterilidade de viveres os debilitava, hum todo de miſerias os ſeguia; mas a ſua conſtancia portentoſa nada a aballava. A verde mocidade de D. Chriſtovaõ ſe deixava vêr hum promontorio de firmeza: ſó a ſi igual, ſuperior aos mais, era o exemplar de todos. Aſſim marchando rodeados, na noite, de fadigas, no dia, de afflicções, os Portuguezes deſcêraõ das montanhas para as vaſtas planicies da Abiſſinia, que ſendo extremoſamente ferteis, como regadas de immenſas aguas, pelos eſtragos da guerra ellas ſe repreſentavaõ outra vaſta ſolidaõ de horrores. Com a viſta neſtas imagens triſtes chegáraõ os noſſos

Era vulg. ſos á Cidade de Baroá, aonde os ſahiraõ a receber com figuras de compungir os Monges do Moſteiro em prociſſaõ, cantando Hymnos, que auguravaõ a vinda feliz dos ſeus redemptores. Ora deixando nós neſte lugar a D. Chriſtovaõ, vamos a vêr ſeu irmaõ a Maçuá, e demos huma volta pela India.

Apartado D. Eſtevaõ da Gama dos braços de ſeu irmaõ, ſe fez á véla para Goa. Álem de Çocotorá o aſſaltou huma tormenta furioſa, menos ſenſivel pela ſeparaçaõ da Armada, que pela perda da galeota de Gaſpar de Souſa, e pela da fuſta de Alvaro Serraõ, em que ſe affogou toda a gente, e alguns Fidalgos com ella. Neſta tempeſtade fez hum ſoldado ordinario o voto denodado de caſar com D. Leonor de Sá, filha de Garcia de Sá, que o favoreceo ſempre pelo ſeu brioſo, e honrado penſamento em taõ apertada conjuntura. Depois de muitos trabalhos D. Eſtevaõ chegou a Goa, aonde ſoube por cartas de Veneza, que neſte anno ſahira de Portugal Martim Af-

fonſo de Souſa para Governador da India. Logo que a mórte de D. Garcia de Noronha ſe ſoube em Lisboa, para o deſpacho deſte Fidalgo prevaleceo o empenho de ſeu parente o Conde da Caſtanheira ao dos da Vidigueira, e Vimioſo, que ſe esforçáraõ, para que D. Eſtevaõ da Gama foſſe conſervado no governo. Martim Affonſo ſahio de Lisboa a ſete de Abril deſte anno com cinco náos, em que além delle embarcáraõ os Capitães D. Alvaro de Ataide da Gama, filho do Conde Almirante, que hia provido no governo de Malaca, Alvaro Barradas, Franciſco de Souſa, e Luiz Cayado, que era cunhado de Pedro Lopes, irmaõ de Martim Affonſo. Neſtas náos embarcou para a India S. Franciſco Xavier, que nós deixaremos invernado em Moçambique, até ſer tempo de o vêrmos brilhar Sol no Oriente. Era vulg.

Na ſua chegada a Goa, D. Eſtevaõ achou nella vários Embaixadores, entre elles os do Çamorim, e do Rei de Cambaya, que foraõ entretidos com civilidade, e deſpachados contentes

Era vulg. em negocios de importancia. Naõ foraõ taõ faceis de compôr os que já andavaõ agitados com o Nizamaluco sobre o dominio das Fortalezas de Sangaçá, e Carnalá, que vieraõ a ajustarse depois de huma guerra viva. Nizamaluco era nosso tributario, e estas Fortalezas de dous vassallos seus, que se aproveitáraõ da ausencia do Governador na viagem de Suez para se revoltarem contra o proprio Soberano. Como elles estavaõ a cahir debaixo do peso do maior poder, pedíraõ a protecçaõ de D. Aleixo de Menezes, Commandante de Baçaim, cedendo-lhe as praças, com condiçaõ de os defender do Nizamaluco. D. Aleixo naõ pôz dúvida em acceitar a offerta, e declarar-se contra o Principe, que se sobprendeo da resoluçaõ naõ esperada em hum Chéfe amigo.

De huma, e outra parte começáraõ pequenas hostilidades, que acabáraõ em huma disputada batalha, vencida com partido muitas vezes desigual por D. Jorge de Menezes, e D. Francisco de Menezes, Cabos principaes des-

desta acçaõ gloriosa. Nella succedeo fazer-se espectaculo célebre hum soldado honrado de Trancoso, taõ desmarcado nas forças, como na estatura, que pegando com a maõ esquerda pelo cinto de hum Mouro, em acçaõ taõ séria andou com elle levantado no ar como broquel para receber os golpes dos seus camaradas, que jarretava, sem que elle perdesse algum dos seus. Este homem foi hum dos instrumentos principaes da victoria, que perdeo Nizamaluco. D. Aleixo ficou conservando por entaõ as Fortalezas; mas o Principe derrotado mudou de meios para as restaurar, recorrendo á justiça de D. Estevaõ da Gama, que attendendo ao direito da sua causa, lhe mandou restituir as praças com o augmento de hum pouco mais no tributo, que antes pagava. Era vulg

## CAPITULO VIII.

*Do que ſuccedeo a D. Chriſtovaõ da Gama na Ethiopia até a ſua mórte.*

Era vulg. EU vou a concluir eſte Livro com os ſucceſſos de D. Chriſtovaõ da Gama, que deixamos entrincheirado nos planos da Abiſſinia junto á Cidade de Baroá. Como o Imperador eſtava acantonado no fundo do Reino de Goyama, elle determinou que ſe lhe déſſe parte da ſua chegada para vir com a maior preſſa ajuntar-ſe com elle no meſmo campo. Á Rainha, que aſſiſtia na ſerra em diſtancia de huma jornada, fez o meſmo aviſo, perſuadindo-a que a ſua marcha para Baroá á ſombra das armas Portuguezas ſeria hum meio para attrahir os ſeus vaſſallos diſperſos, retirados da ſua obediencia, huns ſuggeridos pelos Turcos, outros atacados do temor.

Com eſte requerimento de D. Chriſtovaõ marchou o Bernagais em peſſoa pa-

para o propôr á Imperatriz. Ella recebeo a nova do noſſo ſoccorro com hum prazer naſcido do fundo do eſpirito, e determinou deſcer da célebre ſerra de Daman. Aquella montanha, que ſe diſtingue entre as mais ſingulares do mundo, deſpregada do meio de huma grande planicie, com o ſeu pico elevado a huma altura extrema, que faz a figura de hum campanario, aonde eſtá hum Povo, hum Moſteiro, e terras taõ ferteis, que todo o anno pódem ſuſtentar com abundancia muitos centos de peſſoas. Ha nella magnificas ciſternas, aonde ſe guardaõ as aguas da chuva, e de algumas fontes. A ſua ſubida he por hum caminho ſummamente aſpero, e eſcarpado; obra ideada pelo ciume de Eſtado com tal arte, que ao cume do monte naõ ſe ſobe, nem delle ſe deſce, ſem que as guardas conſintaõ, e guiem a gente, que he mettida, e tirada por cabreſtantes de huma cavidade com muitas braças de cumprimento á maneira de huma grande gruta: lugar inacceſſivel a qualquer attrevimen- Era vulg.

men•

Era vulg. mento, fabricado pelos Imperadores para terem seguros os Principes da sua casa, e donde se permittia sahir só o que havia reinar. Esta politica taõ grosseira, de barbara antiguidade, ainda que depois foi em parte abolida, no tempo de D. Christovaõ da Gama ella durava.

A Imperatriz baixou desta horrivel montanha escoltada por duas companhias de Portuguezes, servida sómente por trinta Donas de Honor, deixando nella os filhos na companhia de sua mãi, que ainda vivia. O seu vestido era brilhante, e magestoso; o conductor huma mula magnificamente adereçada; o rosto coberto de hum véo transparente, que levantou para se deixar vêr de D. Christovaõ. Este a recebeo com as honras devidas á mãi de hum Imperador da Abissinia. Derramando obsequios reverentes, elle lhe protestou o muito que seria estimavel ao Rei de Portugal esta occasiaõ dos seus vassallos a servirem, e ao Imperador seu filho: que elle, e a sua gente lhe offereciaõ até a ultima gota de sangue

gue pela defenſa da Religiaõ, e do Eſtado da Abiſſinia: que eſperava em Deos naõ ſahir della ſem deixar reſtabelecidos os ſeus negocios com vantagens creſcidas; e que ſe a guerra duraſſe, o Governador da India, ſeu irmaõ, lhe mandaria ſoccorros taõ conſideraveis, que elle obraria acções, naõ ſó de quem defendia, mas de quem vingava. Era vulg.

Depois de outros curtos, e gracioſos cumprimentos, a Imperatriz foi conduzida ás Tendas, que eſtavaõ prevenidas entre o noſſo acampamento, e a Cidade. Nellas conferio várias vezes D. Chriſtovaõ com o Bernagais, e Fidalgos Abexins, que determinárаõ ſe paſſaſſe alli o Inverno, em que poderia vir o Imperador, ou reſpoſta ſua para formarem o plano da campanha futura. Em todo eſte tempo conſervou D. Chriſtovaõ a trópa em diſciplina taõ pontual, que ella baſtou para merecer honras diſtinctas á Naçaõ Portugueza. Mais cedo do que ſe penſava chegou a reſpoſta do Imperador, que pedia a D. Chriſtovaõ marchaſſe, tanto que o

tem-

Era vulg. tempo lhe deſſe lugar até ſe encontrar com elle para buſcarem os inimigos. Como em Outubro ceſſáraõ as aguas, elle rompeo a marcha, fazendo a vanguarda dous Capitães com algumas das peças de campanha; logo as bagagens; depois a Imperatriz, e o Patriarca entre duas alas de 50 eſpingardeiros Portuguezes; na retaguarda D. Chriſtovaõ, o Bernagais, os Capitães Abexins, e nos lados do Eſquadraõ dous corpos de cavallaria, que faziaõ deſtacamentos para bater o campo.

Neſta fórma, paſſada a ſerra de Gane, chegou a trópa á de Canete, que era fortiſſima, e eſtava pelo Rei de Zeila, que a tinha guarnecido com
1542 mil homens ás ordens de hum bravo Official. Elle podia ſer atacado com temeridade por tres partes eſcarpadas, a mais facil defendida com trincheiras, em todas ellas os mil homens capazes de fazerem parar, e de deſtruirem cem mil: huma ſerra, que tomada pelos de Zeila foi cauſa dos Abexins perderem algumas Provincias, a que ella ſervia de Baluarte. D. Chriſtovaõ,

con-

contra o parecer unanime da Impera- Era vulg.
triz, e do ſeu Conſelho, ſe reſolveo
a atacalla para moſtrar neſta operaçaõ
ſuperior a toda a eſperança, que o
valor Portuguez atropelava difficuldades
ás outras gentes invenciveis. Elle
ſe avança ao ataque varrendo com a artilharia
os desfiladeiros, por onde ſobe
intrépido com os Portuguezes divididos
em tres corpos. Ganha o alto
da montanha, aonde começa o combate,
a que os Barbaros naõ reſiſtem,
eſpecialmente depois de vêrem morto
o ſeu General. Todos morrem em brava
gente, huns paſſados á eſpada, outros
deſpenhados pelas fragoſidades dos
rochedos.

Quando eſta acçaõ eſtabelecia o 1542
credito Portuguez, o Imperador ſe
avançava a largas jornadas; mas o Rei
de Zeila, que vinha de mais perto,
pode impedir a uniaõ, e ſeguir a noſſa
marcha para nos atacar ſeparados com
todo o groſſo do ſeu grande Exercito.
D. Chriſtovaõ naõ recuſou a batalha,
que ſe diſputou viva, e ardente por ambas
as partes. A ferida, que recebeo o

Rei

Era vulg. Rei de Zeila, de que cahio como morto, e debaixo delle o ſeu cavallo ſem vida; declarou a victoria a favor dos Portuguezes, que neſte dia aſſombrárão a amigos, e contrarios nas gentilezas do ſeu valor. Muito mais glorioſa foi a ſegunda victoria ganhada oito dias depois da primeira. Ainda que o Rei de Zeila, em hum palanquim, em que andava por cauſa de paſſada ferida, cumpria os deveres de grande Capitaõ; as ſuas gentes naõ podendo ſopportar o noſſo esforço, elle teve de ſe confundir entre a multidaõ dos fugitivos para eſcapar a vida, que naõ ſalvára, ſe os noſſos tiveſſem cavallaria, que o ſeguiſſe. Elle perdeo muita gente, o campo, as bagagens, os Portuguezes poucos homens em ambas as acções, e a ſua fortuna eſteve em paſſar huma ribeira, que nós tivemos por conveniente naõ vadear.

Augmentou-ſe o goſto da victoria com a chegada de Franciſco Velho, que o Governador D. Eſtevaõ da Gama mandára de Maçuá com ſoccorros novos; com a caridade da Imperatriz,

que

que pelas proprias mãos curava os nossos feridos, sem se embaraçar com as delicadezas da sua dignidade para os tratar como Mãi, e se conduzir como pia. Entrava o segundo Inverno, e o Imperador ainda naõ podia conseguir a junçaõ das trópas. D. Christovaõ foi obrigado a recolher-se á Cidade de Offar; mas naõ podendo estar ocioso, foi investir a serra do Judeo, que ganhou com valor, e o forneceo de viveres, e cavallos. Pelo mesmo tempo o Rei de Zeila, que á vista dos successos passados nada confiava já das suas gentes, negociando com o Baxá de Zebit na Arabia por meio de grossas sommas, conseguio delle hum corpo consideravel de Genizaros arcabuzeiros, que vieraõ ser os instrumentos fataes de D. Christovaõ. Era vulg.

Esta foi a conjuntura, em que elle devendo conduzir-se prudente, e circunspecto, se abandonou aos impulsos da corage, e do ardor. Quando as regras militares requeriaõ, que elle se fortificasse na montanha, que occupava; que esperasse o Imperador, que

Era vulg. o buſcava em plena marcha, para unidos atacarem aos Turcos com vantagem. D. Chriſtovaõ conſultando ſó o ſeu valor, moveo o campo para atacar o dos inimigos. Amanheceo o dia fatal de 29 de Agoſto, em que o Rei de Zeila prevenindo os noſſos intentos confórmes aos ſeus, que era impedir a uniaõ, elle nos poupa o caminho para cometter a batalha, em que figurava na deſproporçaõ certa a victoria. Os Portuguezes neſta acçaõ, mal ajudados dos Abexins, obráraõ portentos de valor incriveis; mas os inimigos muito ſuperiores por todas as partes os batêraõ, varrendo a campanha o fogo dos Genizaros, que ferio os mais, entre elles gravemeute a D. Chriſtovaõ.

Forçado a retirar-ſe com a Imperatriz, o Bernagais, e as tropas, que ſe conſervavaõ inteiras para huma montanha; com o eſcuro da noite teve elle a infelicidade de perder o caminho, e cahir em poder dos inimigos, que naõ podia deixar de encontrar inexoraveis. Levado á preſença do Rei de

Zei-

Zeila, este Barbaro lhe pergunta que faria delle, se as sórtes se houvessem trocado. D. Christovaõ, quando mais abatido mais magnanimo, lhe responde: Eu te cortaria a cabeça; o teu corpo o faria em póstas, que mandaria fixar nos lugares públicos para servires de exemplo a outros tyrannos, como tu. Huma resposta taõ féra, que podia admirar por heroica, o Barbaro a teve por taõ atrevida, que mandou esbofetear a D. Christovaõ com as alparcas dos seus escravos, castigallo por todo o corpo, arrancar-lhe as barbas, passear entre oprobrios pelas linhas do Exercito, ultimamente cortando-lhe pela propria maõ a cabeça, acabou de executar no Heróe invicto o resto da sentença, que elle mesmo pronunciára. Era vulg.

Tal foi o fim do bizarro Moço D. Christovaõ da Gama, que os Portuguezes da India estimáraõ por hum Martyr, e fizeraõ públicos milagres, que dizem obrára Deos no acto da sua morte, e depois della. Os Turcos a sentíraõ, porque queriaõ levar ao

Sul-

Era vulg. Sultaõ este troféo vivo do seu triunfo, que elles mesmos estimavaõ pelas suas altas qualidades; e porque o Rei de Zeila lhes frustrou os desejos, elles abandonáraõ o seu campo, e se recolhêraõ para a Arabia. Pouco sensivel se fez a sua falta ao Rei transportado da vaidade, que soberbo com a passada victoria, já olhava por consequencia della o rendimento de toda a Abissinia; mas nós vamos a vêr, que esta deserçaõ dos Turcos foi a causa da sua ultima ruina.

Os Portuguezes derramados por paizes naõ conhecidos, foraõ parar a destinos differentes. Cento e vinte podéraõ incorporar-se no campo do Imperador; Affonso Caldeira com trinta, que nessa noite marchava com o mesmo designio, cortado pelos inimigos, teve a fortuna de se salvar na serra, aonde a Imperatriz se refugiára. Com a chegada dos nossos o Imperador se deixou penetrar, naõ tanto da perda da batalha, quanto da mórte de D. Christovaõ: sentimento que elle fez público com hum luto rigoroso. Fiado

do porém na ſublimidade de valor dos poucos Portuguezes, que tinha na ſua guarda, o animo naõ lhe decahio, antes firmando nelles as eſperanças, entrou a eſtimallos, como inſtrumentos da reparaçaõ dos ſeus negocios. Depois de os provêr a todos de bons cavallos, marchou com elles na téſta do Exercito em demanda dos inimigos victorioſos: elle os atacou com tanto vigor, que o Rei de Zeila ficou morto no combate, o Principe ſeu filho priſioneiro, as trópas cortadas em peças, a mórte de D. Chriſtovaõ foi bem vingada, e o Imperador reentrou na poſſe das Provincias, que havia perdido. Era vulg.

Depois de tantas aventuras na Abiſſinia, de que as noſſas armas naõ tiráraõ mais fructo, que a gloria, ou ellas ſe olhem ſoccorrendo a hum Principe alliado, e opprimido, ou empregadas em defenſa da Religiaõ atacada; alguns dos Portuguezes voltáraõ para a India, outros ſe eſtabelecêraõ no meſmo Paiz atrahidos pelas liberalidades do Imperador. Como elles nos ſeus

Eſ-

Era vulg. Eſtados o haviaõ ſervido ſem pouparem o ſangue, e as vidas, feitos huns eſpectaculos de admiraçaõ, o Principe grato, e officioſo naõ ſe eſcuſou ao reconhecimento, que a faltar em ſemelhante conjuntura, naõ podia deixar de fazer ingrata, ou a mageſtade, ou a peſſoa.

Em quanto eſtas couſas ſe paſſavaõ na Abiſſinia, o Governador da India provia nos negocios do Nórte, onde foi em peſſoa. Dio foi entaõ provida em Manoel de Souſa de Sepulveda, que em virtude de huma carta miſſiva do Rei preferio a D. Joaõ Maſcarenhas, que no anno antes viera nomeado no governo para ſucceder a Diogo Lopes de Souſa. Tambem entaõ ſe concluíraõ as negociações com o Nizamaluco, que em cambio das duas Fortalezas, que lhe cedemos, augmentou o tributo, que nos pagava. Pelo meſmo tempo Fernaõ de Moraes com huma ſó náo ſe fez admirar no Reino de Pegu. Elle naõ pode eſcuſar-ſe de tomar o partido deſte Rei contra o de Java, e ſe as ſuas forças

naõ

naõ foraõ baſtantes para impedir a ſua ruina, e a do Principe amigo, nella meſma teve a gloria de ſer elle quem combateo quaſi ſó toda a Fróta dos inimigos, que generoſos á viſta da ſua magnanimidade, naõ quizeraõ conſummar ſobre elle a victoria. Era vulg.

Martim Affonſo de Souſa, que como fica dito vinha governar a India, e que com os ſucceſſos do ſeu governo havemos dar principo ao Livro ſeguinte, elle invernára em Moçambique, donde ſe fez á véla a 15 de Março na náo de Luiz Mendes de Vaſconcellos, que era mais ligeira, entregando a ſua a D. Franciſco de Noronha, que em huma tormenta naufragou com laſtima, e morte de muita gente na Ilha de Salcete de Baçaim. O Governador correo melhor com o tempo, paſſou por Çocotorá, e ferrou a barra de Goa a ſeis de Maio. Deſembarcou no ſilencio profundo ſem ſer viſto, e mandando depois da meia noite dar parte da ſua chegada a D. Eſtevaõ da

Era vulg. Gama, este respondeo ao cumprimento do Emissario: Assim me toma o Senhor Martim Affonso como ladraõ nocturno? Ora dizei-lhe que seja bem vindo.

# LIVRO XLVIII.

## *Da Historia Moderna de Portugal.*

## CAPITULO I.

*Continuação do Reinado de D. João III. com os successos do anno de 1542, na Europa, Africa, e Asia.*

EU acabei a Historia do Livro precedente no ponto da chegada de Martim Affonso de Sousa no mez de Maio deste anno á Cidade de Goa para succeder no governo da India a D. Estevaõ da Gama; e este ponto he a Época, de que me sirvo para a continuação da Historia neste presente Livro. Deixando-o porém descançar das fadigas da tormenta, que o levou quasi naufragante ao porto da Capital da India, eu passo a dar hum giro breve pela Europa, e pela Africa, naõ só co- Era vulg.

Era vulg. como divida da narraçaõ, mas para divertir os Leitores com variedade de succeſſos em differença de lugares, ainda que com deſigual complacencia. Daqui em diante já nós entramos a vêr, que conſumidos pela mórte os grandes filhos da diſciplina dos Menezes, dos Ataides, dos Almeidas, dos Albuquerques, dos Cunhas, e de outros Heróes de grande nome; parou o curſo rápido das noſſas conquiſtas, a fundaçaõ de praças, largando algumas, buſcando a paz, creſcendo a cubiça, já nos homens naõ taõ vulgar a grandeza do eſpirito, os mais qualificados humas creaturas de ſi meſmos ſem influencias alheias, correndo Portugal á decadencia.

Neſte Reino ſe moſtrava o ſeu Principe juſtamente eſcandaliſado de hum vaſſallo favorecido, que eſtimava mais o peſo das Dignidades, que o valor da fidelidade devida aos Soberanos. D. Miguel da Silva, filho de D. Diogo da Silva, primeiro Conde de Portalegre, e Ayo do Rei D. Manoel, girando várias partes da Europa, fazendo-ſe lugar

gar entre os homens grandes do ſeu tempo, eſte Rei o enviou á Corte de Roma por Embaixador a Leaõ X., e para aſſiſtir em ſeu nome ao Concilio Lateranenſe. O meſmo caracter conſervou nos Pontificados de Adriano VI., e de Clemente VIII.: aſſiſtencia longa em huma Corte polida, que lhe ganhou o goſto, attrahindo-o com a doçura das Dignidades Eccleſiaſticas. Em attençaõ ao ſeu merecimento naõ lhe faltou com ellas D. Joaõ III., que já dominava, quando D. Miguel voltou ao Reino. Elle o fez Commendatario, e Prior perpetuo do Moſteiro de Landim de Conegos Regrantes, Abbade de Santo Tyrſo, depois Biſpo de Viſeo, e Eſcrivaõ da Puridade; Officio da maior confiança na Caſa Real, como depoſito, que entaõ era dos corações dos Reis deſte Reino. Era vulg.

Ainda naõ contente D. Miguel da Silva, negociava em Roma com cautela o Capelo de Cardeal, que no anno de 1539 lhe conferio o Papa Paulo III. Como eſta graça lhe fora feita ſem beneplacito do Rei, a Soberania

naõ

Era vulg. naõ podia deixar de ſentir-ſe da condeſcendencia do Papa, e do arrojo do vaſſallo. Ao primeiro ſe fizeraõ queixas; o ſegundo, que naõ podia deixar de temer a indignaçaõ Real, fugio para Roma, aonde tomou o Capelo, que podia tecer brilhante com as groſſas ſommas, que levára de Portugal. El-Rei com eſte novo eſtimulo mais aggravado, por Edictos públicos o deſnaturaliſou, com expulſaõ de todas as honras, e riquezas, que tinha no Reino: fulminando as meſmas penas ás peſſoas de qualquer qualidade, que tiveſſem correſpondencia com elle.

Mais attento ao amor fraternal, que á delicadeza da obſervancia da ordem do Rei, ſeu irmaõ D. Jorge da Silva, naõ ſó o tratava, mas promovia os ſeus intereſſes. Eſta temeridade lhe cuſtou huma priſaõ rigoroſa na Torre de Belém, e paſſára muito mais longe o reſentimento, ſe a Infante D. Maria, quando houve de paſſar a Caſtella para caſar com Filippe II. naõ moderaſſe o rigor do Rei ſeu Pai, conſeguindo delle a commutaçaõ da pena pelos ſer-

vi-

viços, que o Réo lhe podia fazer em Arzila. D. Jorge se conduzio de modo nesta praça, que para elle fez aggradavel o desterro, para o Rei a justiça lhe deo proveitos do castigo. Os que D. Miguel sentio em Roma foraõ bem de affligir. O Papa o creou Legado de Veneza, da Marca de Ancona, de Bolonha, e querendo conferir-lhe a mesma dignidade junto á pessoa de Carlos V., o Imperador naõ o admittio por estar fóra da graça do Rei de Portugal, seu Cunhado. Elle fundou o magnifico Palacio junto á Basilica de Santa Maria Trans-Tiberim, Titulo do seu Cardinalato, aonde passou o resto da sua vida larga occupado em obras de erudiçaõ, e piedade. Era vulg.

Como no Livro precedente, do anno de 1541 até agora, nada dissemos de Africa, sendo taõ preciso á nossa Historia ir enlaçando nella os successos do Xerife; aqui faremos hum compendio delles até entrarmos pelo anno de 1543. Nós deixamos o Xerife Rei de Marrocos prisioneiro em huma batalha de seu irmaõ o Xerife Rei de

Era vulg. de Tarudante. Mulei Cidan, filho do primeiro destes Principes, desejoso da liberdade de seu Pai, convocou hum grande Conselho, para que nelle se arbitrassem os expedientes, que devia metter em obra para a conseguir. Fallando elle, como quem queria abrir o passo para tirar o escrupulo mais grave, que podia prender os arbitrios livres dos vogaes, disse: Que elle tinha por sem dúvida libertar a seu Pai, e lançar do Reino de Sus a seu tio, se os juisos illuminados daquella Assembléa descobrissem meios honrosos de ajustar a paz com o Rei D. Joaõ de Portugal, e merecer-lhe o soccorro de déz, ou doze mil Portuguezes.

Unanimemente se conformáraõ os pareceres com o do Principe, e se assentou que para mover o Rei de Portugal ao fim pretendido, meio algum era mais efficaz, que o de lhe enviar livres os 400 Portuguezes feitos escravos com D. Guterre de Monrroy no Cabo de Aguer, acompanhados dos mais especiosos ginetes, animaes ferozes, e ricas tapeçarias das fabricas

Afri-

Africanas. Immediatamente se mandáraõ tirar os escravos das masmorras; se lhes permittio que passeassem livres por Marrocos; se foi preparando magnifico o presente, e nomeado para Embaixador, que o havia conduzir, o estimavel Alcaide Alimançor. Com a noticia desta determinaçaõ se sobprendeo o Xerife moço, que para reparar politico o golpe, que naõ poderia atalhar guerreiro, falla a seu irmaõ, e lhe assegura: Que ninguem como elle lhe desejava a liberdade, senaõ temesse a pouca fé, com que se conduzia em tudo, quanto lhe era respectivo: Que considerasse na temeridade, a que o Principe de Marrocos se arrojava, querendo chamar em seu auxilio os inimigos inflexiveis do Alcoraõ. Que a sua resoluçaõ era atalhar este mal commum, dando-lhe liberdade; mas com a condiçaõ de lhe jurar, e prometter que o deixaria possuir em paz a Tarudante, o Reino de Sus, e a Provincia de Dará. Que quando fallecesse naõ nomearia por successor o seu primogenito o Principe de Marrocos, mas a seu filho Ma-

Era vulg.

Era vulg. Mahamet Arrani, Principe de Sus, que uniria na ſua peſſoa ambos os Reinos.

Em tudo conveio o Xerife preſo, como quem nada determinava cumprir, pouco eſcrupuloſo em ſer perjuro. Levando o Tratado da paz perpetua ſolemnemente jurada, elle apparece livre em Marrocos, ſuſpende a Embaixada de Portugal, e torna a dar aos Portuguezes o primeiro barbaro tratamento. Se nós houvermos de julgar as cauſas pelos ſeus effeitos, parece que El-Rei D. Joaõ naõ ſe embaraçaria com eſta guerra de Africa, ſe para ella foſſe convidado. Quando o Principe de Marrocos diſpunha da Embaixada, que lhe havia mandar, em Lisboa ſe lavravaõ as ordens para ſerem abandonadas aos Mouros as Praças de Çafim, e Azamor, a primeira ſuſtentada no noſſo poder com glória immortal 36 annos, a ſegunda quaſi trinta. O meſmo ſe obrou depois com Arzila, e mais Lugares regados com tanto ſangue illuſtre, á excepçaõ de Ceuta, Tangere, e Ma-

za-

zagaõ, que se presumio ficavaõ em nosso poder mais por pejo, que por vontade. Corrêraõ as idades, e chegáraõ os Portuguezes a estado de naõ possuirem na Mauritania hum só palmo de terra. Era vulg.

Entaõ se disse, que para este abandonamento lastimoso concorrêraõ os votos de muitos Principes da Europa, os pareceres conformes dos Ministros de Portugal, que com oculos de longa vista penetráraõ nos futuros a impossibilidade da sua conservaçaõ; nos presentes palpavaõ a sua inutilidade; sem avareza decidíraõ, que ellas naõ enriqueciaõ o Reino; compadecidos assentáraõ que era hum degoladouro dos homens; bem instruidos as notáraõ rodeadas de padrastos, os portos de accesso difficil, resolvendo que as forças derramadas na marinha Africana, convinha mais que andassem unidas pelos golfos da Asia. Pelo contrario os genios independentes, pouco contemplativos, ou nada lisongeiros, firmes em ambos os pés sustentavaõ que juizo algum politica, e catholi-

Era vulg. camente illuminado podia deixar de deseſtimar como fraqueza, que os troféos ganhados a tanto cuſto ſobre os inimigos do Chriſtianiſmo houveſſem de lhes ſer abandonados: que huma Naçaõ taõ heroica, como a Portugueza, naõ devia fechar em Africa a Aula da guerra, em que ella ſe habilitava para atroar o mundo com o écco das ſuas façanhas: que elle em todas as Regiões publicaria como os Portuguezes eſtimavaõ mais as drógas, e eſpeciarias da India, que as feridas, e a glória de Africa, quando por humas viaõ commutar as outras.

Ao tempo que laboravaõ eſtes, e outros ſemelhantes diſcurſos, os Mouros hiaõ reparando as Praças, que ſe lhes deixáraõ huns montes de ruinas. Mas as ſuas vantagens foraõ perturbadas pelo Xerife de Marrocos, que incapaz de guardar fé, nem de ſer agradecido ao irmaõ, a quem devêra a vida, agora a liberdade; elle quiz vingar os beneficios como injúrias com a conquiſta de Tarudante, ruina do irmaõ, e derrota da ſua fami-

mi-

milia. Eſte o eſperou no meſmo lugar, aonde antes o prendêra; outra vez o vence, e ultimamente o deſtroe. O vencedor corre apreſſado a Marrocos, e quando chegou o vencido, a voz de algum vaſſallo fiel o aviſou do muro ſe retiraſſe ſem demóra, ſenaõ queria cahir em poder de ſeu irmaõ, que eſtava ſenhor da Cidade. Perdido o Reino, e a eſperança, o infeliz Xerife depois de andar dias aſſuſtado, e errante, foi parar a hum recolhimento de Cacizes para paſſar entre elles o reſto da vida nos exercicios do meſmo fanatiſmo, com que a principiára. Era vulg.

O Xerife de Sus Mahamet, já ſenhor de Marrocos, deixou vêr tantas apparencias de virtudes, que os Mouros vencidos ſe criaõ bem affortunados na mudança de dominio. Entre as ſuas primeiras acções foi huma a de qualificar o amor a D. Mecia depois de morta; chamando á ſua preſença a D. Guterre de Monroy, Pai daquella Dama infeliz, tratando-o com agrado, dando-lhe a liberdade, e dizendo que em attençaõ á memoria de ſua filha

lhe

Era vulg. lhe fazia eſta graça: livre, regalado, e com eſcolta luzida foi D. Guterre levado a Mazagaõ para voltar á Pátria. Depois deſta beneficencia, o Xerife victorioſo, que ſabia uſar de magnanimidade no meio das deſordens, quiz praticar outra com o irmaõ retirado entre os Cacizes, e reduzido ao abatimento da ſórte mais humiliante.

Sabendo que o Rei de Féz ſe inclinava a ſoccorrello, por meio de alguns confidentes do infeliz depoſto, conſeguio ter com elle huma conferencia ſobre as margens do rio Riden, poucas legoas de Marrocos. Depois de o arguir da ſua falta de palavra, pouca fé, e perjurios, o conſolou com a eſperança, de que da ſua maõ daria Reinos a ſeus filhos, e que elle foſſe viver deſcançado, e ſem ſuſtos em Fafilete. Aſſim o executou o deſgraçado Xerife menos magoado na eſperança do commodo dos filhos, mais conforme na juſtiça da pena, que elle ſe merecêra com a repetiçaõ das perfidias.

Aſſim acantonado o Maior Xerife,

se, o Menor se determinou tomar contas ao Rei de Fez pela confiança, com que concebeo a idéa de se oppôr aos seus designios. O Principe ameaçado para mostrar que o naõ temia, sahio primeiro a campo com hum corpo de 30000 cavallos, e hum grosso de Turcos, que de Argel trouxéra para o servir o Persa Morgan. O mesmo foi atacar o Xerife ao de Fez, que derrotallo, e fazello prisioneiro. Usando com moderaçaõ da estabilidade da sua fortuna, logo propôz ao Rei a sua soltura, se por ella lhe cedesse o Reino de Mequinez. Porque elle o naõ quiz fazer, foi levado em ferros para Marrocos, aonde o Xerife triunfante, já sem inimigos, Senhor de Reinos poderosos, que adquirio Tyranno por meio dos fingimentos de hypocrita, consumindo o Rei de Fez, que fora o seu primeiro bemfeitor, quando veio da Numidia para a Mauritania: elle pendurou em ociosidade gloriosa até seu tempo os morriões, e os arnezes para dar exercicio á prudencia no governo, á inflexibilidade na justiça. Era vulg.

Por

Era vulg. Por eſtes tempos ainda Arzila eſtava em noſſo poder, e a governava D. Manoel Maſcarenhas com o valor herdado dos primeiros conquiſtadores de Africa. Ainda ſe conſervaõ memorias de duas expediçõès ſuas bem confórmes com as primitivas, que faziaõ honra aos Portuguezes. Em huma contra a Serra do Farrobo, acompanhado de D. Jorge da Silva, que como acabamos de dizer fora deſterrado para Arzila em pena da correſpondencia, que tinha com ſeu irmaõ o banido Cardeal D. Miguel da Silva. O bravo Official, e eſte Fidalgo ſe houveraõ com tanta corage, que depois de derrotado hum corpo conſideravel de inimigos, entráraõ triunfantes na praça com importantes deſpojos.

A ſegunda expediçaõ ainda foi mais arriſcada, por iſſo mais glorioſa, esforços de luz, que quando quer acabar, entaõ mais brilha. O valeroſo Alcacer-Quivir informado da pouca, e mal provída guarniçaõ de Arzila, veio com 2000 cavallos, e outra muita gente de pé, naõ ſó reſoluto a bater-

lhe

lhe, mas a arrombar-lhe as portas. D. Manoel Mafcarenhas, e D. Jorge da Silva naõ podéraõ foffrer efte attrevimento, que fahíraõ a defpicar no campo. Os poucos Portuguezes rodeados de tantos Barbaros eftiveraõ no maior aperto. Francifco Colaço obrou acçoẽs dignas de admiraçaõ. D. Jorge da Silva, perdida a fella, recobrou o animo para tornar a ganhalla, e dobrar as maravilhas do valor. Outras femelhantes obrava D. Fernando Mafcarenhas, filho do General, e feus fobrinhos D. Pedro, e D. Jeronymo Mafcarenhas. Em fim, cortados os Mouros do noffo ferro perdêraõ o campo; nós ganhamos huma illuftre victoria. Era vulg.

## CAPITULO II.

*Trataõ-se os successos da India no principio do governo de Martim Affonso de Sousa.*

Era vulg.

MARTIM Affonso de Sousa depois de chegar a Goa na fórma, que fica dito, de sobprender o Secretario, e o Thesoureiro para D. Estevaõ da Gama naõ ter nelles acçaõ, e de mandar a este Governador, que acabava, o aviso intempestivo da sua chegada, que foi outro modo de sobpreza: D. Estevaõ ajuntando estes aggravos aos que entendia lhe fizera a Corte em mandar para lhe succeder a hum Fidalgo, que naõ era seu amigo; elle se explicou indignado em termos fórtes, nem quiz trato com Martim Affonso, que todas as Leis da civilidade, e da politica rompia para com elle. Retirado ao Fórte de Pangim, para acabar o governo como o tinha principiado, mandou fazer novo inventario da sua fazenda, em que se

achárao de menos 50$000 pardaos, que tinha despendido no serviço do Estado. Depois partio para Cochim a cuidar no seu embarque, seguido do novo Governador, que na expediçaõ delle augmentou o número das grossarias. Elle chegou com felicidade ao Reino, aonde encontrou desgostos novos depois dos primeiros agrados, querendo-o obrigar a hum casamento involuntario, que foi causa de se retirar para Veneza. O Imperador conseguio a sua restituiçaõ á Corte, e quando parecia que tambem á graça, a pouca attençaõ aos seus serviços mostrou, que ella era apparente. Era vulg.

O ponto da Época deste novo governo foi o mais luminoso para o Oriente pelo novo Astro, que nelle raiou em S. Francisco Xavier para illuminar nelle aos que estavaõ de assento nas trévas, nas sombras da mórte, e dirigir-lhes os passos pelos caminhos da paz. Notáraõ na vida deste Apostolo da Asia os espiritos de observaçaõ por admiravel a Providencia, que arbitrando déz annos ao Grande Affon-

Era vulg. ſo de Albuquerque para conquiſtar Eſtados, que formáraõ o Imperio Portuguez no Oriente; que ella deſtinaſſe outros déz annos ao Grande Francisco Xavier para a conquiſta de Dominios, em que eſtabeleceo o Imperio de Jeſu Chriſto na meſma parte do Mundo. As intenções dos Reis de Portugal foraõ ſempre confórmes em unir os avances da Religiaõ, e do Eſtado; mas na India, ſegundo as idéas do primeiro Viſo-Rei D. Franciſco de Almeida, como os Portuguezes ſó cuidavaõ em ſer dominantes dos mares, os progreſſos nos augmentos da Religiaõ naõ foraõ conſideraveis.

Depois que os Portuguezes tiveraõ eſtabelecimento firme, os Eccleſiaſticos ſeguíraõ outro methodo no exercicio das funções do ſeu miniſterio. Ainda neſtes primeiros tempos das fundações de Colonias na Aſia, os fructos da ſementeira da palavra Divina naõ eraõ muito copioſos, foſſe pela inſtrucçaõ menos completa dos Capellães deſtinados para o ſerviço das Igrejas das Fortalezas, foſſe por naõ terem todos

os

os meios necessarios para exercitar com vigor as suas funções, fosse pela agitação dos tempos perturbados com guerras continuas, ou fosse porque em hum Paiz, até então incognito para nós, não se encontrava nos seus moradores a docilidade necessaria para de repente se sugeitarem a Leis novas. Nós sim exceptuamos alguns Religiosos benemeritos, que com espirito de zelo promovêrão os negocios da Fé, especialmente depois que o Governador Diogo Lopes de Siqueira fundou em Goa o Convento dos Franciscanos, que lhes derão tinturas muito mais brilhantes. Era vulg.

Quasi pelo mesmo tempo forão apparecendo na India, mandados pela Corte, sugeitos dignos em qualidade de Vigarios Geraes, de Vigarios Apostolicos, ultimamente Bispos em Goa, em Cochim, em Malaca, em outras partes do Estado, e na Ethiopia Patriarcas. Então homens sábios, e santos regulárão melhor quanto era respectivo á Religião, que até nas Molucas lançou fundas as raizes na planta-

Era vulg. taçaõ efficaz, que nellas fez, sendo secular, a piedade do Governador Antonio Galvaõ, como eu mostrei no Livro precedente. A fundaçaõ do seu Seminario servio de modelo ao que depois edificou em Goa D. Estevaõ da Gama debaixo da direcçaõ do Vigario Miguel Vaz, hum dos Operarios mais ardentes na cultura desta Vinha do Senhor. Em taõ bellas disposições estavaõ as cousas, quando com seus companheiros os Padres Paulo Camerino, e Francisco Mansilha, chegou á India com o Governador Martim Affonso, o Padre Francisco Xavier, revestido do caracter de Nuncio Apostolico.

Entrou Xavier na India derramando luzes, que logo o mostráraõ como hum Planeta superior á esfera de humano. Brilhavaõ nelle as virtudes mais heroicas. Como outro Paulo na constancia dos trabalhos, naõ se escusou a todas as próvas. Como elle, obrava milagres taõ sensiveis, e taõ continuos, que a Asia o respeitava hum Taumaturgo. Como elle, reformou os costumes dos Póvos, a dissoluçaõ

dos

dos improbos, os eſcandalos dos máos Chriſtãos. Como elle, foi Prégador das gentes, vaſo de eleiçaõ, e ſe avantajou a elle em ſer o martelo por huma parte, e por outra o atractivo de Mahometanos innumeraveis. Como elle, foi dotado do dom de Profecia, do de linguas, de curar enfermos, de reſuſcitar mórtos, de mandar com imperio ſobre os ventos, e os mares: acções ſuperiores á natureza continuamente exercitadas o eſpaço longo de déz annos para o fazerem reſpeitavel, qual Apoſtolo, e Profeta, como Columna de ferro, e muro de bronze na face dos Reis, dos Principes, dos Sacerdotes, e dos Póvos da Terra. Era vulg.

Naõ ha dúvida, que os fundamentos do Chriſtianiſmo tinhaõ na Aſia as raizes muito mais antigas. Já nós diſſemos, e a tradiçaõ da Europa confirmava, que o Apoſtolo S. Thomé levára as luzes do Evangelho ás Regiões Orientaes. Como entre nós os veſtigios de tanta antiguidade eſtavaõ apagados, depois que os Portuguezes foraõ á India, elles acháraõ logo as

pri-

Era vulg. primeiras noticias em Cranganor nos Christãos chamados de S. Thomé, que conservavaõ religiosamente a profecia do Apostolo, feita aos seus Progenitores, de que pelo curso das idades viriaõ a Cranganor homens brancos, que ensinariaõ a mesma doutrina, que elle prégava: vinda, que havia ser no tempo, em que o mar entaõ apartado doze milhas de Meliapor, viesse banhar os muros da mesma Cidade: e profecia, que evidentemente estava verificada, quando os Portuguezes entráraõ na India.

Eu deixo dito como o Armenio descobrio aos dous Fernandes Portuguezes vindos de Malaca o Templo antigo, aonde o Apostolo foi sepultado depois do seu martyrio, e o mais, que obráraõ os Governadores da India até ao descobrimento das Reliquias do Santo. Depois de todas estas próvas, e do tempo de Martim Affonso, governando já D. Joaõ de Castro, appareceo a ultima, que tirou as dúvidas, em que ainda laborava a critica escrupulosa. Foi ella a invençaõ de

hum

hum marmore, em que eſtava gravada huma Cruz ſemelhante á da Ordem de Avís, com huma pomba no alto, inclinado o bico ſobre a meſma Cruz. Via-ſe eſculpida no marmore huma orla de letras incognitas, que ſendo interpretadas ſeparadamente por alguns Bramines ſábios ſem ſe convencionarem; todas as interpretações ſahíraõ conformes em indicar a prégaçaõ, martyrio, e ſepultura do Santo Apoſtolo, depois confirmadas com o célebre milagre da mudança das côres do meſmo marmore na primeira vez, que á ſua viſta ſe celebrou o ſacrificio dos noſſos Altares. Era vulg.

Conſervava-ſe em muitas partes da Aſia do tempo deſta remota origem a obſervancia do Chriſtianiſmo, ainda que em algumas dellas corrupto, eſpecialmente depois que a Igreja Neſtoriana, perſeguida em Epheſo, foi eſtabelecer-ſe no fundo das Regiões Orientaes. Sobre aquelles alicerces, que achou taõ fundos, principiou S. Franciſco Xavier a levantar firme o edificio Apoſtolico da ſua Miſſaõ: edificio

ſan-

Era vulg. ſanto, que ſe D. Joaõ III. naõ tiveſſe plantado outro na India, eſte baſtava para fazer immortal a ſua memoria. Elle vio, que neſta parte do Mundo a colheita era muita, os operarios poucos; rogou ao Senhor da Herdade mandaſſe operarios á ſua antiga ſeára, e para elle o mandar lhe apreſentou Deos a Xavier, que valia por muitos.

Quando Martim Affonſo entrava no ſeu governo, e occupado do eſpirito de refórma, ideava em Goa novos regulamentos; D. Jorge de Caſtro, que havia dous annos ſuccedêra no das Molucas ao ſempre lembrado Antonio Galvaõ, teve de ſe affuſtar com a Armada Caſtelhana de D. Joaõ de Alvaradado, que fora mandada aos noſſos mares por D. Antonio de Mendoça, Viſo-Rei da Nova Heſpanha. O Alvaradado deſcobrio neſta viagem várias Ilhas, entre ellas as Filippinas, que ficáraõ pertencendo á Corôa de Heſpanha, por eſtarem na ſua demarcaçaõ. Como os Caſtelhanos entráraõ nos deſtrictos da noſſa, D. Jorge de Caſtro lhes fez vários proteſtos, que pro-

produzírão os seus effeitos sem rotura da paz. Era vulg

No mesmo tempo os tres Portuguezes Antonio Peixoto, Antonio da Mota, e Francisco Zeimoto, carregando no porto de Siaõ hum grande Junco para irem negociar ao de Cantaõ na China, depois de passarem o grande golfo de Ainaõ, já com o destino em Chincheo, foraõ insultados por hum dos formidaveis tufões, que parece querem levantar empoladas ao Ceo as ondas daquelles mares. Este turbilhaõ rápido levou os tres Portuguezes destroçados aos pórtos das Ilhas do Japaõ, e foraõ elles os primeiros Europeos, que viraõ estes paizes mais remotos da Asia. Os naturaes, mais brancos que os Chinas, homens sem barba, e de olhos pequenos, os recebêraõ com humanidade, acceitáraõ o commercio, cambiáraõ os seus generos por quantidade de prata, de que as Ilhas eraõ abundantes, e elles com felicidade voltáraõ para Malaca.

Parece que os Geografos antigos tiveraõ noticia do Japaõ, e que as

suas

Em vulg. ſuas Ilhas ſaõ aquellas, a que alguns chamáraõ Zipango. Ellas eſtaõ ſituadas além de toda a India, oppoſtas ao Imperio da China em 38 gráos do Polo Arctico. A ſua Capital, aonde fica a Corte de Meaco, reſidencia do Imperador, he Nipongi: Ilha, a que os Japões daõ 500 legoas de comprido, e que nas noſſas Cartas he marcada com 366 das Portuguezas. Saõ muitas em numero as Ilhas do Japaõ, entre ellas as mais principaes além da Capital, Ximo, que eſtá dividida em déz Governos, Ximino Xeque, e Sino, que tem a Cidade de Jamaguche; a grande Xicoco, repartida em quatro juriſdições, e outras que chegaõ ao número de mais ſeſſenta e duas, e formaõ hum Eſtado potentiſſimo.

A Hiſtoria do Japaõ, que trata da ſua origem, e povoaçaõ, até que os Soberanos do Paiz ſe arrogáraõ o Titulo de Imperadores; ella eſtá cheia das fabulas, e patranhas mais ridiculas, que as de outras Nações barbaras, e ſoberbas. Entendêraõ os Japões, que lhes era injurioſo tirarem o

ſeu

ſeu principio de hum grande Senhor, chamado Chim, que com huma Collonia de Chinas veio povoar as Ilhas deſertas, e o vaõ buſcar no Ceo na peſſoa de hum Gigante, que de lá arrojára á terra huma lança; que eſta ſe cravára na Ilha de Nipongi; que della brotára huma mulher admiravel, amada de hum crocodilo, que vinha á praia ter communicaçaõ com ella; que deſta uniaõ naſcêraõ filhos de duas naturezas celeſte, e aquatica, origens das familias, que pela ſua multiplicaçaõ povoáraõ a Nipongi, e a todas as Ilhas. Era vulg.

Ha nellas diverſas Seitas, inventadas por naturaes, e eſtrangeiros, homens de piedade, que elles chamavaõ Fotoques. A mais dominante, chamada dos Jexuns, he a que ſeguem os Nobres, e ſe reduz a hum Atheiſmo abominavel, que nada crê fóra do viſivel, nem que haja Deos, e outro mundo, aonde as virtudes, e os vicios tenhaõ premio, e caſtigo. Os Fonccenxum ſaõ idolatras, que adoraõ o Sol, e eſperaõ depois de mórtos

Era vulg. ir viver com elle. Os da Seita Jamabuxé tem trato muito familiar com os eſpiritos immundos, que fazem vir dos abyſmos ao ſom de huma bozina para os ſervirem nos ſeus preſtigios, e actos nefandos. Os Jadoxum ſaõ os cultores do célebre idolo Amida, Deos de tanta miſericordia para com elles, que lhes baſta invocallo com a repetiçaõ ſimples do ſeu nome para expiarem todo o genero de enormidades. Com eſtes monſtros combatêraõ depois S. Franciſco Xavier, e os zeloſos filhos de S. Franciſco de Aſſis, que plantáraõ nas Regiões brutas copioſa a vinha do Senhor, e muitos a regáraõ com o ſeu ſangue.

Quando os Portuguezes tinhaõ a glória de ſer os authores deſte deſcobrimento, Martim Affonſo de Souſa levava as attenções de Goa pelos actos edificantes das viſitas frequentes dos carceres, e Hoſpitaes. Os ſoldados porém, que ſe embaraçavaõ menos com exterioridades pias, o olhavaõ carrancudos pelo ſeu modo de ſe conduzir com D. Eſtevaõ da Gama, que

de

de todos era amado. Alguns politicos dos que entendem ter na sua maõ as chaves dos fundos dos corações alheios, persuadiaõ que Martim Affonso obrava a respeito de D. Estevaõ mais por prevençaõ, que por paixaõ. Mas quem ignora, que ella he hum defeito vulgar nas pessoas de talento curto, que por huma opiniaõ apparente de piedade céga mal entendida, e em se reformar difficultosa, as precipita em defeitos, de que a razaõ illuminada se lastima, e os interesses da sociedade se perturbaõ? Ainda que descontente destes, e de outros passos a Nobreza, ella naõ se escusou a servir officiosa, depois que vio o Governador applicar-se com efficacia ás vantagens do Estado. Era vulg.

As primeiras, que lhe leváraõ as attenções foraõ as cobranças dos tributos do Rei de Ormuz, que devia atrazados 518$000 Xerafins, e da Rainha de Batecalá, que duvidava satisfazellos. Como a quantia do Rei de Ormuz por taõ avultada fazia impossivel a cobrança, se mandou ao Secre-

ta-

Era vulg. tario Antonio Cardoſo foſſe propôr áquelle Principe, que naõ ſendo juſto tirar-lhe nas rendas, que poſſuia, os meios da ſua ſubſiſtencia; que houveſſe por bem largar todos os productos da Alfandega á Corôa de Portugal, que o daria por abſoluto da divida. Contra a Rainha de Batecalá ſe neceſſitava uſar de expedientes mais fórtes, que o Governador determinou applicar em peſſoa para lhe abater a arrogancia. Como a eſte tempo chegáraõ as náos da ſua conſerva, que haviaõ invernado em Moçambique, acompanhadas de outras tres, que neſte anno ſahíraõ do Reino; elle as incorporou na Armada, com que navegou para Batecalá.

## CAPITULO III.

*Do que obrou Martim Affonso em Batecalá, depois em Goa, e alguns successos das Ilhas Molucas.*

ARICA, e poderosa Cidade de Batecalá, situada em hum terreno banhado das aguas de hum rio, que se mette na Cósta do Canara, era dominada por huma Rainha com tanto de corage, como de industria. Ella perdeo a primeira á vista da nossa Armada; mas naõ a desamparou a segunda para arbitrar invectivas de entreter. O Governador, que estimava os instantes do tempo, cortou por todas, pedindo resposta prompta, e cathegorica á representaçaõ, de que sem demora pagasse os tributos, que devia, e entregasse os navios, que tinha no porto, aonde se acolhiaõ os pyratas depois de roubarem os Portuguezes. Naõ correspondendo as obras ás boas palavras, o Governador indignado desembarcou 600 homens, que dividio em dous Es- Era vulg.

Era vulg. quadrões, hum na vanguarda mandado por Fernando de Sousa de Tavora, outro que elle cobria em pessoa.

Nesta ordem seguio a marcha até se encontrar com hum corpo de trópas numeroso, que foi investido, e levado a golpes até as pórtas da Cidade, aonde com a presença da Rainha tomou calor o combate. As sombras da noite servíraõ para o suspender; para os moradores se salvarem nos bosques; para os Portuguezes a passarem na Cidade com cautela. Ao romper do dia começou o estrago. Innumeraveis que naõ podéraõ fugir, todos morrêraõ; os despojos muitos, e preciosos, enchêraõ todos os vãos da cubiça, e o fogo acabou por huma vez com Batecalá. Taõ horrenda foi esta invasaõ, que o proverbio antigo, marca da soberba, que mandava guardar as gentes estranhas da arrogancia de Batecalá, foi mudado em: *Guarda-te de Martim Affonso*. Elle foi celebrar o gosto da victoria a Cochim, donde expedio as náos do Reino, em que embarcou D. Estevaõ da Gama, que de-

depois viveo annos largos, até lhe pôr termo na Villa da Vidigueira. Ordenou que o ſepultaſſem no Convento, que nella tem os Carmelitas com o Epitaphio: O que armou Cavalleiros ao pé do Monte Sinay, veio acabar aqui. Era vulg. 1543

O abatimento da Rainha de Batecalá foi hum dos caſos, que moſtrou verificadas aos Principes da India as chamadas predicções dos Mouros illuminados, que quando vírað nella os Portuguezes, lhes affirmárað, como aquella gente ſupplicante, que entað repreſentava o papel de ſobmettida, em pouco tempo elles a veriað com realidade de dominante. Para próvas de convencer ſe punhað á face de todos, como eſpectaculos, eſta Rainha; os Reis cégos de Ormuz, que Affonſo de Albuquerque fizera tranſportar a Goa para ſe moſtrarem nas cabeças dos caminhos outros Beliſarios ſem olhos, que pediað de eſmola pað para a vida; o Rei de Ternate Tabarija, que por Triſtað de Ataide fora preſo, e mandado a Nuno da Cunha como réo, ul-

Era vulg. timamente o mesmo Rei de Ormuz; que sem conseguir até agora a liberdade, deveo á clemencia daquelle Governador andar em Goa sem ferros.

1543 Estes grandes negocios leváraõ as attenções de Martim Affonso. Elle quiz ouvir de sua justiça aos Reis infelices, que naõ tinhaõ encontrado azilo no sagrado da Magestade. O arrezoado da Rainha de Batecalá consistio em pedir perdaõ humilde das faltas passadas, prometter emenda para o futuro, e conhecer na concessaõ da paz que os seus crimes naõ lembravaõ. A tudo se lhe differio como pedia. O miseravel Tabarija para se qualificar innocente naõ necessitava mais trabalho, que apontar com o dedo o author da sua desgraça. Elle deo outras muitas próvas convincentes, a que pôz a corôa, abraçando com sinceridade o Christianismo. O Governador o fez passar a Malaca para ser restituido ao seu Reino, e elle partio na companhia de Jordaõ de Freitas, seu especial amigo, a quem havia feito mercê da Ilha de Amboino pertencente ao seu

Do-

Dominio de Ternate. O Freitas hia provído neste governo para succeder a D. Jorge de Castro. Elle fez só a viagem das Molucas, deixando em Malaca a Tabarija, já chamado D. Manoel, para dispor os seus vassallos a recebello gostosos, sem os perturbar a mudança, que elle fizera de Religiaõ. Era vulg.

No discurso da viagem do Freitas morreo Tabarija em Malaca, deixando nomeado no testamento ao Rei de Portugal por herdeiro dos seus Estados. Em virtude deste acto de doaçaõ, o Freitas em nome d'El-Rei tomou posse de Ternate; mas Cachil Aeyro, que dominava com caracter de Rei do tempo de Antonio Galvaõ até agora, se oppôz a quanto Jordaõ de Freitas obrava em seu prejuiso. Isto bastou para o Freitas tratar o infeliz Aeyro por hum réo de Estado, prendello, e mandallo em ferros para Goa, aonde esteve até ao governo de D. Joaõ de Castro reduzido tanto ao abatimento mais vil, quanto á pobreza mais lastimosa. Reis miseraveis, que estavaõ sendo hum jogo ridiculo da fortu-

Era vulg. na pela falta de forças para abaterem os particulares, que abuſavaõ da ſoberania dos ſeus naſcimentos.

Ultimamente ao Rei de Ormuz ſe fez a graça de ſer ouvido em hum conſelho. Nelle repreſentou o Principe com vozes proprias da ſua dignidade os inſultos comettidos contra a ſua peſſoa; que ella fora tratada com as ultimas vilezas; que nem as barbas lhe deixáraõ na cara, caſo inaudito, haverem mãos de homens attrevidos, que pegaſſem nos cabellos da face dos Reis; que o ſeu turbante Real andára piſado debaixo de muitos pés na ſua preſença; e que para tocar o attrevimento os ultimos pontos de inſolente, o ligáraõ com cordas debaixo do pretexto, de que eſtava louco. Os do Conſelho já bem inſtruidos na innocencia do Principe, ouviaõ como atonitos a ſua narraçaõ lamentavel. Por todos os votos foi elle abſolvido; e o Governador mais que todos tocado, naõ ſe deo por ſatisfeito ſem o mandar reconduzir a Ormuz com explendor brilhante, taõ magnifico, que eſ-

con-

condesse debaixo da pompa as sombras escuras do abatimento precedente. Era vulg.

Pelas Molucas andavaõ derramadas algumas embarcações Castelhanas com o pretexto da navegaçaõ das Filippinas, já abordando esta, ou aquella Ilha, inquietando os seus Reis, exasperando os Portuguezes, que naõ podiaõ soffrer contravenções semelhantes: tudo desordens, que occupáraõ quasi todo o tempo do governo de D. Jorge de Castro. No seu vigor as achou Jordaõ de Freitas, que se levou aos Castelhanos com prudencia para naõ romper a paz com a naçaõ amiga, a prisaõ do Rei Aeyro lhe fez mais pesada a sediçaõ dos naturaes. A casa do Principe se inquietou; e tendo elle por mulheres huma filha do Rei de Geilolo, outra do de Tidore, estes Reis desgostados as mandáraõ recolher de Ternate, admittindo já aos Castelhanos, que elles entendêraõ poderiaõ servir de instrumentos para a sua vingança em caso de rotura.

Quando nas Molucas se tratavaõ es-

Era vulg. eſtas deſavenças entre Portuguezes, e Caſtelhanos, as duas Cortes dos ſeus Soberanos apertavaõ mais os laços do parenteſco. O caſamento de Filippe, Principe de Heſpanha, com a Infante D. Maria de Portugal, que havia tratado o Embaixador D. Luiz Sarmento de Mendoça, foi celebrado em Almeirim na preſença do Infante Cardeal D. Henrique. Em Outubro ſahio a Infante de Lisboa para Caſtella, acompanhada até ao lugar do embarque por El-Rei, e os Infantes. O Duque de Bragança, e o Arcebiſpo de Lisboa hiaõ encarregados de entregarem a Princeza em Caſtella ao Duque de Medina Sidonia, e ao Biſpo de Cartagena. A comitiva dos Fidalgos, e Damas era das mais brilhantes. Contáraõ-ſe nella cinco mil cavallos, 1700 cargas cobertas com repoſteiros, mais de tres mil das peſſoas, que a formavaõ. O fauſto, e a meza do Duque de Bragança tudo era correſpondente á grandeza da ſua caſa, ou do ſeu animo.

As luzes deſte matrimonio eclipſáraõ no ſemblante de Franciſco I. de

Fran-

França, as que elle coſtumava moſtrar bem agradaveis no Conde de Linhares D. Franciſco de Noronha, entaõ Embaixador de Portugal na ſua Corte. Naſcia o ſentimento do Rei de ſe haver concluido eſte matrimonio, ſem D. Joaõ III. lhe dar parte delle: ſentimento juſto, ſuppoſta a vulgaridade da politica, que ſe eſpecialiſava em razaõ da antiga alliança entre as duas Corôas. Em ignorancia ſemelhante reſpectiva á meſma materia eſtava o Embaixador, que ſobprendido de repente pela cólera do Rei de França, ouvia ſuſpenſo, e pedia auxilios ſuperiores para reſponder a eſtas queixas inflammadas, que temeo levantaſſem incendios: como ſe póde ſoffrer, dizia o Rei, que voſſo Amo caſe ſua filha com o filho do meu inimigo ſem me fazer ſabedor? Eſta injúria eſtreita, aperta, naõ tem commodo na vaſtidaõ immenſa do Ser Real: quanto lhe creſce a eſtatura, ſendo feita por hum Monarca illuminado, alliado, e amigo? E feita a quem? A hum Rei de França. Elle he capaz de ſoffrella? Era vulg.

E

Era vulg. E a vós, ainda que tivesseis ordem para me naõ dar parte, quem vos ha de desculpar pelo naõ fazerdes, suppostos os agrados extraordinarios, com que vos tenho tratado?

O Embaixador que tudo ouvia attento, e callado, sem perturbaçaõ, sem soçobro, com toda a presença do espirito lhe responde: Na queixa, que V. Magestade acaba de formar, encontro eu a noticia do casamento, que até aqui ignoro: o meu Rei, que o calla, naõ tem intençaõ de offender-vos: no silencio ha mysterio: se elle intentasse ser vosso inimigo, dava-vos parte: naõ vo-la deo, Senhor, estai certo pela politica mysteriosa, que os seus sentimentos saõ de ser vosso amigo, como sempre. Ao ouvir esta resposta, o Rei de França, que parecia em estado de naõ admittir satisfaçaõ, de repente se mostrou taõ satisfeito, que banida a cólera, socegado o semblante, alegre o rosto, affavel como nunca, lançando os braços ao Embaixador, e apertando-o nelles, lhe disse: *Ah Conde, Eu déra*

to-

*todo Pariz por lograr hum homem como vós.* Honras ſemelhantes ſó fóra da Pátria as poſſuiaõ Portuguezes. Eſte, que naõ preſumia de ſi, á viſta da naõ penſada mudança, teve a reſpoſta por inſpirada, naõ por ſua. Com o maior ſegredo, e diligencia mais activa deo o Conde aviſo a Lisboa do que lhe ſuccedêra. Com a meſma diligencia, e ſegredo communicou o Rei de Portugal ao de França o caſamento, deſculpando-ſe de naõ o haver feito antes, com as meſmas razões do Embaixador. O Rei que pela brevidade da Carta naõ teve lugar de ſuppôr a convençaõ, ſegunda vez ſe admirou da dexteridade do Embaixador, que eſtimou como hum interprete das intenções mais occultas do ſeu Principe. Era vulg.]

CA-

## CAPITULO IV.

*Várias expedições do Governador da India, e principio dos importantes negocios, a que deo caufa a retirada de Mealecan para Goa.*

Era vulg.

JÁ dominante na India o efpirito da avareza, elle influia muitos homens, que andavaő no mefmo Eftado correndo apoz o ouro, e as riquezas, para perfuadirem á Corte de Lisboa fe aproveitaffe dos thefouros fepultados nas terras do Oriente. Ella fatigada dos avifos, que lhe faziaő aquelles genios a refpeito das cafas cheias de preciofos metaes, que fe dizia eftarem no Pagode de Tremele, fituado no Reino de Narfinga doze legoas ao Sertaő da Cidade de S. Thomé, ordenou a Martim Affonfo, que em peffoa foffe a efta empreza com a cautéla, e fegredo neceffario a quem hia fazer para os Gentios hum roubo facrilego. Com vinte e tres vélas fahio o Governador em demanda do Cabo de Como-

rim;

rim ; mas além delle o aſſaltou hum temporal taõ furioſo, que todos os vaſos eſtiveraõ perdidos. Na Ilha das Vaccas, onde elles ſe reuníraõ, o Governador ajuntou os Officiaes, revelou-lhes as ordens da Corte, a importancia do negocio a que hia, ponderou a deſpeza feita com a Armada, o tempo improprio para paſſar os baixos de Choromandel, e que déſſem o ſeu parecer no que ſe devia obrar. Era vulg.

Os Pilotos julgáraõ impoſſivel a continuaçaõ da viagem, e que ſe devia redobrar o Cabo para recolher os navios, que andavaõ deſgarrados na contra cóſta. Como eſta jornada era de liſongear a cubiça, ao paſſar pelo porto de Callecoulaõ, que era do Rei alliado, e amigo, houve quem lembraſſe ao Governador, que huma legoa pela terra dentro eſtava o Pagode de Tebilicaré, naõ menos rico que o de Tremele para carregar de ouro toda a Armada. A fome maldita deſte metal, que a todas as temeridades arroja os peitos humanos, fez eſquecer a amizade, a alliança com o Eſtado de

Cou-

Era vulg. de Coulaõ, e ficou resoluto que o seu Pagode se roubasse para resarcirmos os nossos damnos. Fez-se o desembarque na terra do Principe, que estava por ella dentro occupado na guerra sobre a fronteira. Os seus vassallos naõ se assustáraõ de vêr em casa armados aos Portuguezes, que estimavaõ como amigos, e que tinhaõ no seu Continente huma Fortaleza. Elles se contentáraõ com observar quaes eraõ os seus designios.

Sem opposiçaõ chegáraõ elles ao Pagode, aonde acháraõ a imaginada riqueza reduzida a hum vaso de ouro, que servia para se lavar nelle o Idolo tutelar. Á vista desta profanaçaõ do seu Santuario, da rotura da paz, da avareza indigna, os Gentios tomaõ fogo, qual mina, que rebenta; com 200 Naires na tésta se lançaõ aos nossos como chammas, que intentavaõ devorallos. Naõ he dizivel a situaçaõ lastimosa, em que o vicio raiz de todos os males metteo a tantos Portuguezes illustres. Por caminhos estreitos, por desfiladeiros intractaveis, que os impos-

possibilitava ao uso das armas, foraõ elles sopportando o penoso ataque dos Barbaros, que os perseguiaõ como a profanadores sacrilegos do seu sagrado. A cada passo nos cahiaõ mórtos, gemiaõ os feridos, dos primeiros trinta, dos segundos mais de cento e cincoenta, o resto em consternaçaõ summa. Era vulg.

Martim Affonso, que marchava a cavallo, e havia recebido muitos golpes nas armas, que levava vestidas; deveo a vida ás advertencias prudentes de Vasco da Cunha, que elle naõ entendia seu amigo pelo ter sido de D. Estevaõ da Gama. Muitas vezes na marcha o advertio este Fidalgo se desmontasse para naõ ser conhecido, nem alvo da fúria dos Barbaros, e se mettesse no centro da Infantaria para se confundir com os soldados communs, e naõ se fazerem á sua pessoa pontarias determinadas. Porque elle naõ entendia o conselho sincéro, nem queria acceitallo, Vasco da Cunha o fez apear quasi por força, e seguir a pé a marcha de Garcia de Sá, a quem se deveo a salvaçaõ do restante das trópas; de-

Era vulg. depois que ſe formou em campo largo para as conduzir ao lugar do embarque com mais airoſa retirada. Deſta expediçaõ a Corte, que a aprovára, tirou por fructo condenalla depois, entrar em eſcrupulos, mandar reſtituir o vaſo no meſmo lugar do roubo, e ordena ao Governador foſſe em peſſoa dar ſatisfaçaõ ao Rei pela infracçaõ da paz.

Naõ recobrados os eſpiritos deſta derrota, Martim Affonſo recebeo cartas de D. Garcia de Caſtro, Governador de Goa, que continhaõ negocio mais importante para o obrigar a recolher-ſe áquella Cidade ſem perda de tempo. Abrahemo, novo Idalcaõ, havia ſuccedido no Reino a prejuiſo de ſeu tio Mealecaõ, que por mórte de ſeu Pai fora preſo, e detronado por Malucaõ, irmaõ de Abrahemo. Accedecaõ, que temia a eſte novo Rei, ſe retirou para as terras do Concan, de que era Governador; mas a bondade de Abrahemo foi tanta, que deo liberdade a Meale, e chamou para a Corte a Accedecaõ. Naõ tardáraõ ſugeſtões

de

de Aulicos intrigantes a perturbar esta bella harmonia. Meale temeroso fugio para Meca; mas roubado em Zeila, voltou para Surrate, aonde mereceo a protecçaõ do Rei de Cambaya. Accedecaõ se segurou com tempo, e animado com a volta de Meale, se resolveo a jogar hum lanço favoravel ás suas longas vistas. Como elle tinha a pessoa, e os thesouros no azilo da Cidade de Sanguicer, emprendeo ganhar para si, e para Meale a protecçaõ dos Portuguezes.

Era vulg.

Elle negociou com D. Garcia de Castro, que mandasse vir Meale de Cambaya para com o seu partido o fazer Rei; que elle cederia á Corôa de Portugal as terras de Concan, que rendiaõ hum milhaõ. O Governador recebeo os avisos deste importante negocio em Cochim, quando chegava do Reino ao seu porto Diogo da Silveira com quatro náos, de que eraõ Capitães elle, D. Rodrigo Telo, Fernando Alvares da Cunha, e Simaõ Sodré. Immediatamente partio o Governador para Goa, aonde se delibe-

Era vulg. rou no Conſelho, que o partido propoſto por Accedecaõ ſe devia acceitar; que ſe mandaſſe vir Meale de Cambaya, ſe lhe deſſe azilo em Goa, e ſe trataſſem como noſſos os ſeus intereſſes. Em quanto ſe expediaõ ordens a Nuno Pereira de La-Cerda, que cruzava na barra de Sanguicer por entreter com politica os dous partidos de Abrahemo, e de Accedecaõ, e chegava Sebaſtiaõ Lopes Lobato, que com dous navios fora a Cambaya para conduzir a Meale; o Governador mandou a Diogo de Reinoſo, que com todo o ſegredo em huma embarcaçaõ ligeira foſſe ao Eſtreito ſaber o que tinha acontecido na Abiſſinia a D. Chriſtovaõ da Gama, e aos Portuguezes da ſua companhia.

A cautela deſta viagem provinha das noticias, que trouxeraõ as ultimas náos do Reino. Por ellas ſe ſoube como o Graõ Turco admirado de D. Eſtevaõ da Gama ter chegado com as armas Portuguezas ao porto de Suez, o que elle nunca penſou, eſta expediçaõ fora cauſa das duas Cortes de Lis-

Lisboa, e Conſtantinopla entrarem em negociações, que entaõ naõ podéraõ ſer penetradas pelo público. Que por conta dellas El-Rei D. Joaõ mandára a Diogo de Meſquita com o caracter de Embaixador junto á peſſoa do Sultaõ. Que eſte Miniſtro ajuſtára com elle que em todo o tempo, que aquelles negocios ſe trataſſem, nem as náos Portuguezas entrariaõ no Eſtreito, nem as galés Turcas ſahíriaõ delle: ordens, que de Conſtantinopla ſe tinhaõ mandado ao Baxá do Cairo, e agora vieraõ de Lisboa ao Governador da India; e ordens, que obrigáraõ o meſmo Governador a dar regimento apertado a Diogo de Reinoſo para naõ paſſar de Arquico, nem ſe adiantar a mais operaçaõ, que a de ſaber noticias de D. Chriſtovaõ da Gama. Era vulg.

Tres grandes movimentos reſpectivos a Meale ſuccediaõ ao meſmo tempo, além do que depois intentou Martim Affonſo. O primeiro foi a felicidade da ſua ſahida de Cambaya, e chegada a Goa: o ſegundo a morte de 1544

Era vulg. Accedecaõ acabado da velhice de 90 annos, quando com os mais conjurados preparava 40000 cavallos para metter a Meale de poſſe do Reino. O terceiro a victoria do Idalcaõ Abrahemo ſobre os meſmos rebeldes, que depois da mórte de Accedecaõ foraõ feitos em poſtas. Eſtes dous ultimos movimentos ſe ignoravaõ em Goa, que eſtava poſta em armas, e o Governador com o Exercito em Benaſtarim para paſſar com Meale á outra banda. No meio da noite precedente ao dia da paſſagem, Pedro de Faria, Fidalgo illuſtre na qualidade, nos annos, nas experiencias, no valor, buſcou em Benaſtarim a Martim Affonſo, e ſó com elle lhe propôz com tal energia os inconvenientes da empreza, que o Chéfe prudente fingindo cartas de Ormuz, que o obrigavaõ a alterar a reſoluçaõ primeira, tomou a de ſe recolher a Goa com a luz do dia.

Bem hoſpedado com ſegurança o pretendente Meale, entráraõ a moſtrar os ſucceſſos a madureza do Conſelho de Pedro de Faria, e a ſer louvado Mar-

Martim Affonſo como homem de penetraçaõ. Soube-ſe a victoria de Abrahemo, a mórte de Accedecaõ, a fuga intentada para Meca de Semaçadim, que elle nomeára depoſitario dos ſeus theſouros para os entregar a Meale, que deixava por herdeiro: tudo incidentes, que nos obrigáraõ a eſtimar a paz propoſta pelo Idalcaõ, que confirmou á Corôa de Portugal as terras firmes de Bardes, e de Salcete. O goſto deſta vantagem foi perturbado pelos meios applicados para impedir a Coge Semaçadim a ſua retirada para Meca, e haver ás mãos o theſouro de Accedecaõ. Elle ſe tinha feito lugar na graça do Rei de Cananor, que o amparava na ſua Corte, e ſe eſcandaliſou das intrigas indecentes mettidas em obra para ſer ſobprendido o cabedal, e a peſſoa: intrigas, que irritando o eſpirito daquelle Rei, perturbáraõ a tranquillidade, que os Portuguezes havia tantos annos gozavaõ nos ſeus Eſtados. Era vulg.

Entrou o Idalcaõ nas pretenções, de que o Governador mandaſſe a Mea-

Era vulg. le para as Molucas. Elle o ſatisfez com pretextos eſpecioſos para ſe contentar com que o tiveſſem ſeguro na Fortaleza de Cananor. Pelo meſmo tempo pediaõ de Ormuz para Rei a Torunxá, minino de onze annos, que eſtava em Goa, por ſer morto ſeu Pai Xargol. A falta deſte Principe ſervio de pretexto ao Rei de Xiraz para invadir com groſſas forças as terras do Magoſtaõ: huma guerra, em que naõ pode deixar de ſe intereſſar Martim Affonſo de Mello Juſarte, que governava a noſſa Fortaleza de Ormuz. Ella eſtava no maior ardor, quando chegou o novo Rei Torunxá, acompanhado de Luiz Falcaõ, que hia ſucceder ao Juſarte no governo, e teve a felicidade dos dous Reis ajuſtarem a paz ſem demora.

Diogo de Reinoſo atroando o Eſtreito com éccos, que chegáraõ a Conſtantinopla, e metteraõ em ſuſtos o Embaixador Diogo de Meſquita, que contravindo o ſeu regulamento, que o chegou a termos de ſe lhe tirar em Goa a cabeça, ſe com certidões fingidas de idade naõ lhe valeſſe o indulto

da

de menor: elle chegou a Arquico, aonde achou a Manoel da Cunha, que com 50 Portuguezes dos 400 da companhia de D. Christovaõ da Gama, depois de deixarem ao Imperador da Abíssinia em paz, e triunfante nos seus Estados, vinhaõ recolher-se para a India. Os mais se estabelecêraõ, e casáraõ nos mesmos Estados favorecidos pela liberalidade do Imperador. Estes cincoenta, como naõ cabiaõ no pequeno navio de Diogo de Reinoso, nem quizeraõ separar-se, esperaraõ outra monçaõ para a sua viagem. Era vulg.

Neste anno passou á India pela terceira vez o famoso Fernaõ Peres de Andrade por Commandante de cinco náos, quatro dellas bem infelices na viagem. A sua chegou a Goa em Setembro; a de seu irmaõ Simaõ de Andrade arribou a Lisboa; a de Simaõ de Mello, que hia provido no governo de Malaca, se perdeo em Moçambique; a de Jacome Tristaõ invernou em Zanzibar; e a de Luiz de Calatayud tomou por fóra da Ilha de S. Lourenço, e chegou a Cochim em Outubro.

De

Era vulg. De dous homens tamanhos como eraõ Fernaõ Peres de Andrade, e Diogo da Silveira, pelas muitas vezes que tinhaõ vindo á India, aonde agora eſtavaõ ambos, diſſe com pouca ſeriedade o Governador Martim Affonſo de Souſa: Que elles eraõ bons para beſtas de carga, porque ſabiaõ bem o caminho. Mas daqui em diante já eſte Chéfe naõ ſoffria a ninguem, nem ninguem o podia ſoffrer a elle. A mudança da moeda, alteradas conſideravelmente as eſpecies, ſem lhes abaixar os preços, as ſuas refórmas intempeſtivas, os modos indignos, de que continuava a uſar em Cananor para haver de Coge Semaçadim o theſouro de Accedecaõ, o fizeraõ aborrecido igualmente dos Portuguezes, e dos Indios.

1545. Já elle houvéra de Semaçadim oitocentos mil cruzados, dados em público para El-Rei, e dizia-ſe que outra porçaõ tirada em particular para elle, na intelligencia de que o theſouro naõ paſſava de hum milhaõ. Informando-o depois o meſmo Idalcaõ, de que o depoſitario eſtava cheio de

ou-

ouro, porque o cabedal de Accedecaõ montava a milhões, Martim Affonso para lhe cahir nas mãos Coge Semaçadim, como meio que estimou unico para entregar todo o dinheiro; elle foi em pessoa a Cananor, tratou em segredo com o Commandante da Praça prender o Mouro, entregallo a Henrique de Sousa para lho levar a Goa; e quando naõ o podesse conseguir, em todos os modos lhe segurasse o seu hospede Aderrajaõ, como instrumento bastante para os fins, que intentava. Casualmente se escusou Semaçadim a quantos convites lhe foraõ feitos para vir á Fortaleza, contente com os agrados do Rei de Cananor; mas para o infeliz Aderrajaõ naõ houve hum acaso destes. Era vulg.

Como este homem em nada desmerecia aos Portuguezes, e estava firme na boa fé da sua amizade, naõ teve dúvida em acceitar com seu irmaõ o cumprimento de Henrique de Sousa, que os convidou para passearem pela praia. Quando chegáraõ ao sitio, em que estava gente occulta para o prender

der; elle advertido ſe pegou ao Souſa com tanta força, que naõ o podéraõ arrancar dos ſeus braços, ſenaõ morto ás lançadas. A meſma atrocidade ſe uſou com o irmaõ do infeliz Aderrajaõ. Acabáraõ-ſe as eſperanças do theſouro: perfidia taõ abominavel na caſa de hum Rei amigo abateo a reputaçaõ do nome Portuguez: rompeo-ſe com golpe ſenſivel a paz de Cananor, que gozavamos do tempo do Viſo-Rei D. Franciſco de Almeida até agora.

## CAPITULO V.

*Ultimas acçaões de Martim Affonſo de Souſa, e primeiras do Governador D. Joaõ de Caſtro, depois IV. Viſo-Rei da India.*

NOS annos do governo de Martim Affonſo de Souſa, eſpecialmente neſte ultimo, que tratamos, foraõ muito vantajoſos os progreſſos da Religiaõ no Oriente, animados pelos eſpiritos fer-

vorosos dos Operarios Evangelicos, que com S. Francisco Xavier na sua têsta, por todo elle faziaõ soar a palavra de Deos. Naõ era menos ardente em Goa o zelo do seu Bispo D. Joaõ de Albuquerque, que deo melhor fórma a esta Capital para os seus moradores naõ experimentarem falta na administraçaõ dos Sacramentos. Até este tempo naõ havia nella mais Freguesia que a Cathedral, antigamente chamada de Santa Catharina. Agora, como a Cidade cada dia se augmentava, além desta Freguesia, elle erigio mais tres, que foraõ a da Senhora do Rosario, a da Senhora da Luz, e a de Santa Luzia, todas com constituições novas feitas por elle para commodidade dos Freguezes, e decencia do culto Divino. Era vulg.

Martim Affonso entendendo lhe naõ tardaria Successor, quiz deixar expeditos negocios graves, que occorriaõ por muitas partes, para que naõ lhe imputassem omissões em tantas occurrencias criticas. Porque Malaca, sempre exposta, estava sem Governador

Era vulg. dor pela morte de Ruy Vaz Pereira; e pela perda da náo de Simaõ de Mello, defpachou provído a Garcia de Sá, Fidalgo velho de grande merecimento, como fe tem vifto nefta Hiftoria. Para o governo das Molucas mandou com confideravel reforço a Fernaõ de Soufa de Tavora. Apreftou com toda a diligencia a Armada para o Succeffor em chegando a achar em eftado de fervir. Pela fituaçaõ critica dos negocios de Dio, que ameaçavaõ hum rompimento prompto, como eu já vou a referir, defpedio com groffo foccorro de gente, munições, e viveres a D. Joaõ Mafcarenhas para render a Manoel de Soufa de Sepulveda, que tinha acabado o feu tempo.

Efte Fidalgo, como Governador de Dio, fentia de mais perto os effeitos da paz vergonhofa, que o Vifo-Rei D. Garcia de Noronha fizera em Cambaya. Quando a elle lhe conftava, por huma parte, que Sultaõ Mamud trazia fempre na memoria vinganças contra os Portuguezes, já pela morte, que elles haviaõ dado a feu tio Sultaõ Badur;

já por deſpique da injúria feita ás ſuas armas colligadas com as dos Rumes invenciveis no primeiro ſitio de Dio: pela outra via o Sepulveda trabalhar no muro de diviſaõ entre a Cidade, e a Fortaleza, como ſe ajuſtára no Tratado da paz, de que reſultava á Praça a ſua ruina, ao Eſtado huma affronta. Diſſimulava elle a obra com impaciencia para naõ perturbar as que determinava fazer na Fortaleza, que neceſſitava maior recinto, e novos baluartes para melhor defenſa. Obras foraõ ſuas o lanço do muro, com que metteo no corpo da Praça hum padraſto entre ella, e o foſſo, aonde os inimigos ſe podiaõ poſtar amparados do fogo: os baluartes S. Thomé, a que entulhou a ametade, que ficava fóra da rocha; S. Joaõ, que depois foi chamado o Baluarte da Rama; e S. Jorge ſobre a porta, todos com capacidade para muita artelharia, e guarniçaõ correſpondente. Era vulg.

Tanto que Manoel de Souſa de Sepulveda teve a Fortaleza neſte eſtado de melhor defenſa, propôz á ſua gen-

te

Era vulg. te a resoluçaõ, em que estava de naõ consentir que o Rei de Cambaya levantasse no muro hum padraõ de injúria para o Estado da India, hum curral de affronta para todos os Portuguezes, que ficavaõ fechados como animaes perdidos. Elle sahe a campo armado; põe os Officiaes em fugida; faz desmanchar a parede, e manda levar á Fortaleza todos os materiaes, e ferramentas. Sóbe aos ultimos pontos do desconcerto a cólera do Sultaõ Mamud com esta noticia, e Coge Çofar sempre attento para naõ perder os lanços da sua fortuna, vendo-o tomado della, atiça o fogo, sopra as chammas, faz lavrar as lavaredas, e com este discurso inflammado intenta fazer inextinguivel o incendio.

Que esperas, Rei invicto, *Sultaõ* poderoso de Cambaya, tu que fazes tremer a terra, assustar os mares, perturbar as Esféras? Em que te detens, Monarca adorado do Universo, só de quatro monstros acantonados em Dio, offendido, affrontado, ou porque a ti te desconhecem, ou porque

se-

ſe naõ conhecem a ſi? Detens-te, eſperas, que eſtes brutos, eſtes tigres, eſtas féras agora com medo enterradas na cova de Dio, recobrem alentos, ſahaõ devorantes por Cambaya, como leões ás prezas, façaõ ao teu nome mais injúrias, aos teus vaſſallos mais inſultos, te reduza a ſua barbaridade ao eſtado de teu tio o invencivel Badur, acabado ás mãos dos trahidores mais vis? Morraõ as hydras affogadas no berço. Se as deixares nutrir, naõ deves temer que te devorem? Se ellas na vida ainda te naõ tocaõ, na honra que fundo te ferem! Se quaeſquer homens por ella ſaõ obrigados a expor muito, os Reis devem arriſcar tudo. Que importa ſe deſpedace a Corôa, quando a reputaçaõ ſe rompe, quando o reſpeito ſe perde? Eu, que ſou hum Eſtrangeiro em Cambaya, aonde buſquei hum refugio com o Baxá Muſtafá, porque aos ſeus Soberanos devo honras como vaſſallo, amor como filho, já naõ tenho ſoffrimento, falta-me a tolerancia para ſer teſtemunha ſem acçaõ, paciente ſem vin-

Era vulg.

Era vulg. vingança dos desprezos, que os Barbaros Portuguezes fazem na minha face aos meus Pais, aos meus Reis, aos Monarcas de Cambaya, a quem Çofar deve tudo. Senhor, dá-me armas, e gente para ir arrancar do mundo os monstros da abominação. Se ao que peço me naõ differes, eu marcho só, chego a Dio, bato a Fortaleza dos Portuguezes com a cabeça, morro phrenetico; mas nella deixarei gravado para a posteridade o Epitaphio advertido. Aqui se matou Coge Çofar desesperado por naõ ter meios de vingar o seu Rei offendido, que naõ quiz vingar-se.

Naõ podiaõ deixar de produzir os seus effeitos razões taõ fórtes applicadas a hum animo todo cheio de estimulos. Sultaõ Mamud agradeceo a Coge Çofar as demonstrações do zelo; nomeou-o Capitaõ General dos seus Exercitos; encarregou-lhe a expediçaõ contra os Portuguezes de Dio para a executar como bem lhe parecesse; mas que até ao tempo prefixo de entrar em acçaõ, fizesse guardar inviolavel o segre-

gredo. Com as cautelas neceſſarias deo Çofar principio ás negociações pelas Cortes da India até ao Malabar; convidando os Principes com promeſſas de vantagens para huma alliança geral contra os Portuguezes. Elles naõ podiaõ deixar de eſperar o meſmo, que o ſegredo cobria; e attentos á ſua conſervaçaõ, o Governador para a guerra, que eſperava, mandou de Goa prover a Fortaleza na fórma, que fica referido. Era vulg.

Eſta era a figura, em que ſe achavaõ os negocios da India, quando D. Joaõ de Caſtro chegou á barra de Goa com ſeis náos, que neſte anno ſahíraõ do Reino. O Infante D. Luiz lhe negociou o deſpacho de Governador do Eſtado, em que vinha provido, e com elle embarcáraõ ſeus dous filhos D. Alvaro, e D. Fernando de Caſtro; filhos benemeritos da natureza, e da diſciplina de taõ grande Pai. Os Capitáes, que trazia ás ſuas ordens, eraõ D. Jeronymo de Menezes, filho de D. Henrique, irmaõ do Marquez de Villa-Real, e Cunhado do Governador,

Era vulg. que trazia o governo de Baçaim; Jorge Cabral com o meſmo deſpacho, ſe D. Jeronymo naõ o ſerviſſe; D. Manoel da Silveira provído em Ormuz; Simaõ de Andrade, e Diogo Rebelo, que haviaõ voltar com as náos da carregaçaõ. Em Moçambique tomou o Governador a bórdo a Simaõ de Mello com a gente, que eſcapára do naufragio da ſua náo, e chegou a Goa com feliz viagem.

Martim Affonſo lhe entregou o governo com as formalidades coſtumadas, naõ podendo deixar de ſentir as mudanças dos amigos da fortuna, que coſtumaõ adorar o Planeta, que naſce, e apedrejar o que ſe põe. Só ſe achou Martim Affonſo, ſem lembrança nos homens, de que elle era parente eſtimado do Conde da Caſtanheira valido. Foſſe por eſta conſideraçaõ, ou pela grandeza da alma de D. Joaõ de Caſtro, elle tratou a Martim Affonſo por humas maneiras civis bem differentes daquellas, com que Martim Affonſo tratára a D. Eſtevaõ da Gama. Muita da Nobreza, que andava

va

va na India, ſe embarcou com eſte Chéfe para o Reino, aonde chegou com huma felicidade de viagem até então naõ viſta, aonde foi bem recebido, e aonde o Rei, fazendo juſtiça á ſua capacidade, aos ſeus talentos, e virtudes, lhe deo lugar nos conſelhos, e ſe ſervio do ſeu preſtimo em utilidade do público. Era vulg

D. Joaõ de Caſtro recebido em Goa com apparato magnifico, como ſe o eſtiveſſe já vêndo entrar pelas ſuas praças, e ruas victorioſo, e triunfante; elle naõ perdeo tempo em cumprir os deveres da ſua obrigaçaõ com a agilidade de eſpirito, de que o dotou liberal a natureza. Porque achou preſo em huma torre o Principe Mealecan, o pôz em liberdade com caſa, e fauſto correſpondente a quem era. Porque ſoube, que Coge Semaçadim eſtava eſcandaliſado em Cananor pelo ultimo inſulto cometido contra Aderrajaõ a ſeu reſpeito, o mandou ſatisfazer, e lhe deo licença para enviar ſeguras a quaeſquer portos, até ao de Meca, as náos, que elle carregaſſe. Porque

Era vulg. na ſua companhia trazia ſolto, livre, e honrado ao Raix Xaraſo, o deſpachou logo para Ormuz a ſervir os ſeus empregos. Porque Simaõ de Mello viera provído do Reino no governo de Malaca, em que naõ podéra entrar por cauſa do ſeu naufragio, ſem demora o deſpedio para tomar delle poſſe, como El-Rei mandava.

Os negocios de Cambaya eraõ os mais criticos: elles pediaõ mais attentos os cuidados. Entrou D. Joaõ de Caſtro a ponderar, que Coge Çofar era o primeiro movel das intrigas: que depois do ſitio de Dio, elle naõ perdêra as eſperanças de o renovar, fechado a toda a penetraçaõ até ſer tempo de apparecerem os deſignios mettidos em obra por medidas differentes: que ſe na occaſiaõ do primeiro ſitio ſe conduzira reportado, fora com temor do Baxá Solimaõ, naõ ſuccedeſſe forjar para Cambaya nova cadêa, quando intentava romper a antiga: que elle por confiar menos nos Guzarates, attrahia as nações Muſulmãs, os Chriſtãos renegados, e lhes dava lugar

diſ-

diſtincto na ſua eſtimaçaõ para o ſervirem de vontade: que tantos provimentos de guerra, tanto fundir de artelharia, tanto trabalhar nos armazens do referido ſitio até agora, provava bem que ſe premeditava outro contra a meſma Fortaleza: que era huma apparencia o eſtrondo habilmente eſpalhado por Cambaya de huma guerra proxima com os Patanes, e de huma invaſaõ eminente dos Mogores: em fim, que a amizade eſtreita de Çofar com os Officiaes das trópas, as civilidades, e regalos com que os diſtinguia, as ſuas negociações effectivas pelas Cortes Eſtrangeiras, tudo os Portuguezes deviaõ olhar como huns Heraldos, que lhes eſtavaõ declarando a guerra. Era vulg.

Todas eſtas idéas ſe confirmavaõ com o muro de diviſaõ pouco antes derrubado por Manoel de Souſa de Sepulveda. Mas D. Joaõ de Caſtro ainda meditava mais, que nada obſtava aos Portuguezes para andarem como cégos por cauſa da confiança temeraria, que os fazia crêr que depois de tantas victorias nada era baſtante para os fazer

Era vulg. zer perder a aſcendencia ſobre todas as Nações Orientaes. Nada baſtava para os acordar do lethargo, que lhes cauſava a paz diuturna ; ſoberbos por vêrem os Reis humilhados ; arrogantes, como ſe a guerra foſſe hum entremez ; elevados, como ſe todos os animos eſtiveſſem taõ abatidos, que Principe algum do Indoſtaõ ſe attreveſſe a declarar-lha. Nada baſtava para os fazer conhecer, que a conduta dos homens da India era já differente da dos Portuguezes primitivos ; a avareza hum fomento, que os arraſtava a eſcandaliſar ſem excepçaõ a amigos, inimigos, e indifferentes, geralmente malquiſtos. Nada baſtava para os capacitar da diminuiçaõ dos ſoccorros, que vinhaõ do Reino ; a que havia nas Armadas da India, aonde huns navios ſe deixavaõ apodrecer ; os que ſe deviaõ fazer, naõ ſe fabricavaõ ; as guarnições nas praças eraõ muito menos do que ellas neceſſitavaõ ; as munições, e os viveres eſcaços. Huns nadas, que naõ podiaõ eſcapar aos inimigos do Eſtado, e muito menos a Coge Çofar, que eſ-

tan-

tando álerta em quanto lhe era respectivo, tudo penetrava, e de nada se esquecia. Era vulg.

## CAPITULO VI.

*Do que succedeo na India no principio do governo de D. Joaõ de Castro até o segundo sitio de Dio.*

COM a chegada de novos Officiaes Commandantes em Chéfe a Dio, e a Goa, o habil Coge Çofar, sem fazer mudança nos sentimentos, quiz mudar com ambos do estylo, que estudava. Elle mandou visitar em Dio ao Capitaõ D. Joaõ Mascarenhas com cortezias, cumprimentos, civilidades; mas acompanhadas de queixas do seu Predecessor, como hum infractor da paz na temeridade de arrazar o muro, que estava bem certo sería agora levantado com a permissaõ de hum Chéfe taõ prudente, que saberia respeitar a dignidade do Rei de Cambaya. D. Joaõ Mascarenhas depois de derramar sobre 1546

Ço-

Era vulg. Çofar iguaes torrentes de urbanidade, em quanto á permiſſaõ para a fabrica do muro, ſe deſculpou com que era faculdade, que naõ cabia na ſua juriſdiçaõ; hum acto facultativo, e particular do novo Governador da India, D. Joaõ de Caſtro, com quem elle o devia negociar.

Eſta reſpoſta de D. Joaõ Maſcarenhas fez apreſſar a jornada do emiſſario deſtinado para a viſita de Goa, ſeguido de hum rico preſente, que com todos os mais, que ſe acceitáraõ neſte governo, foraõ carregados em receita na Fazenda d'El-Rei; porque D. Joaõ de Caſtro, que havia na India empenhar as barbas, naõ era Governador de acceitar preſentes. O Heróe, que muitas vezes fechou as mãos ás mercês dos Reis, mal as poderia abrir para receber dadivas dos particulares. O homem, que na ſua quinta de Sintra arrancou as arvores fructiferas para plantar as ſilveſtres, naõ hia a India tomar o goſto ás producções das terras do Oriente. Guerra, Paz, Juſtiça, e Religiaõ foraõ para D. Joaõ de

Caſtro outras como quatro arvores do Paraiſo, para que elle levantou a maõ; advertindo que os ſeus fructos eraõ a nutriçaõ do Eſtado, as folhas a ſaude das ſuas gentes. Era vulg.

Tratou D. Joaõ de Caſtro o emiſſario de Cambaya com honras de delicadeza; mas em quanto ao muro ſe fez deſentendido, antes prompto á guerra, que á injúria. Com igual politica deſpedio os Embaixadores do Idalcaõ, que pretendia a remeſſa de Meale para as Molucas, ou a reſtituiçaõ das terras de Bardes, e Salcete: as delongas, de que elle ſe ſervio para a primeira eſcuſa, aproveitáraõ para a ſegunda; bem lembrado de que o Idalcaõ naõ declararia a guerra com o temor de apparecer Meale nos ſeus Eſtados levado na frente das noſſas tropas, que poderia ſer origem de comoçaõ nas ſuas.

Com modos mais ſublimes, até entaõ naõ uſados, ſe portou D. Joaõ de Caſtro com Aeyro, Rei de Ternate, que agora chegou a Goa, mandado preſo por Jordaõ de Freitas para a Co-

rôa

Era vulg. rôa de Portugal, ſem eſte tropeço, ficar poſſuindo aquelle Eſtado, de que o Rei Tabarija lhe havia feito doaçaõ, quando morreo em Malaca. O Governador tratou o Principe com as honras devidas ao ſeu caracter; reſpeitou-lhe a innocencia; inveſtio-o na poſſe do ſeu Reino ſem outra obrigaçaõ, que o reconhecimento á noſſa Corôa; e porque naõ eſtranhaſſe o clima á maneira dos ſeus Predeceſſores, que apodreciaõ nos carceres de Goa, havendo chegado em Fevereiro, o deſpachou no Abril ſeguinte, entregue a Bernardim de Souſa para o conduzir com toda a decencia ao ſeu Reino.

Entre tanto que eſtas couſas ſuccediaõ, nas Molucas laboravaõ duas revoluções conſideraveis, que tinhaõ occupados a Fernaõ de Souſa de Tavora, mandado por Martim Affonſo a ſocegallas, e o Governador Jordaõ de Freitas, até entaõ ſem ocioſidade em divertillas. Da primeira eraõ cauſa os Caſtelhanos, commandados pelo ſeu Chéfe Ruy Lopes de Villalobos, protegidos do Rei de Tidore, que con-

contravinhaõ os Tratados estipulados na Europa. Fomentava a segunda o Rei intruso de Geilolo, que perturbava todas as Ilhas, perseguia todas as novas Christandades, por mar, e terra fazia guerra aos Portuguezes. A primeira revolta com desembaraço, e prudencia foi pacificada pelo Tavora, que reduzio os Castelhanos a virem a Ternate para se embarcarem com elle para a India, donde haviaõ voltar para o seu Reino. Elle os tratou com tanta hospitalidade, que se lhe offerecêraõ para o acompanhar na guerra de Geilolo, em que ambas as Nações obráraõ actos de valor heroicos; mas sem nada de consequencias. Era vulg

Na India como o Veraõ declinava, o Governador cuidou em provêr as Praças do Nórte, especialmente a de Dio, para onde mandou com 200 homens os Capitães D. Joaõ, e D. Pedro de Almeida, ambos irmãos, Gil Coutinho, e Luiz de Sousa. Em quanto se aprestava em Champanel o Exercito, que na entrada do Inverno havia formar o sitio, Çofar andava pelas

Ci-

Era vulg. Cidades maritimas ajuntando com cautela as cousas necessarias. Succedeo em Surrate encontrar-se com hum Portuguez de Dio, seu conhecido antigo, chamado Ruy Freire, homem de caracter taõ provado de Çofar, que naõ teve dúvida fiar-lhe, e conseguir delle huma de tres manobras bem conformes á baixeza do seu espirito elevado com altas promessas: Que envenenaria as aguas da cisterna, ou poria fogo ao armazem da polvora, ou no silencio da noite pela parte do mar daria entrada por escadas de corda á gente de Cambaya. Tres trahições infames, que providencia particular do Ceo dispôz chegassem á noticia de D. Joaõ Mascarenhas antes de produzirem os seus perniciosos effeitos.

Já corria o mez de Abril, quando na Cidade de Dio entrou hum dos Capitães de Çofar com 500 Turcos, que lhe mandára de soccorro seu amigo o Rei de Zebit para impedir com dissimulaçaõ se vendesse aos Portuguezes nada do necessario. Como era tempo de começar a tirar a mascara, Çofar fin-

fingindo que Sultaõ Mamud o havia feito Donatario das Cidades de Surrate, Reinel, e Dio, efcreveo pelo feu Capitaõ a D. Joaõ Mafcarenhas dando-lhe parte defta mercê, e accrefcentava: Que naõ fe admiraffe de vêr entrar trópas na Cidade, naõ levando mais deftino, que o de a fortificarem, como a dominio novo, que acabava de entrar na fua cafa: Que em quanto ao mais, o contaffe no número dos fieis fervidores de Portugal, e no dos feus bons amigos. D. Joaõ Mafcarenhas refpondeo pelo mefmo tom com as delicadezas convenientes; mas o movimento de trópas fazia já tanto eftrondo, que abafava o ruido furdo da fimulaçaõ. Era vulg.

Sabía o noffo Chéfe do grande Exercito, que principiava a desfilar de Champanel com caras na Ilha de Dio; do tropel de carretas, que occupavaõ os caminhos, e as Cidades vifinhas cheias de recrutas; dos bandos de gente, que todos os diàs vadeava os paffos, e quantidade de caras novas na Cidade, que naõ fe podia duvidar ferem

Era vulg. rem outros tantos ſoldados disfarçados para ſe deſcobrirem a ſeu tempo. Á viſta de tantos indicios, que já pareciaõ evidencias da guerra, D. Joaõ Maſcarenhas deſpachou logo huma embarcaçaõ ligeira com cartas aos Governadores de Baçaim, de Chaul, e da India, fazendo-lhes ſaber, como na bocca do Inverno eſtava nas veſperas de hum ſitio, e que neceſſitava ſoccorros. Nos tres dias poſteriores a eſte aviſo, que ainda foraõ de liberdade, recolheo na Fortaleza grande ſomma de tudo, viveres, madeiras, materiaes de edificios, que demolio; mantimentos, que mandou vir dos portos immediatos; pôz fóra as boccas inuteis, que em navios mercantes enviou ás noſſas praças, até chegar o dia 20 de Abril, em que entrou na Ilha outro Exercito, que rompeo o ſegredo da guerra projectada, e nos obrigou a eſtarmos mais vigilantes ſobre as guardas.

Imitador glorioſo da actividade, das previdencias, do valor do grande Antonio da Silveira, D. Joaõ Maſcarenhas

nhas taõ grande em tudo como elle, fez reparos ſemelhantes, deo providencias confórmes, e ordens iguaes ás do ſeu tempo, para que a gentileza da reſiſtencia ſe pareceſſe com a ſua. Até nove de Maio, em que Çofar entrou na Cidade com o reſto do Exercito, naõ houve na Fortaleza inſtante ocioſo. Em quanto nós trabalhavamos para reſiſtir, Çofar paſſava reviſta ás trópas, com que nos havia atacar, e que montavaõ ao número de 25ȸ000 Guzarates, 5ȸ000 Turcos, Mamelucos, Arabes, Perſas, Abexins, Chriſtãos renegados de várias Nações, além de quantidade de peões, artifices, vivandeiros, e outra muita gente de ſerviço, que ſe engroſſava de hum para outro dia. Ao ſeguinte da ſua chegada, Çofar mandou cumprimentar ao Governador, e pedir-lhe hum Emiſſario da ſua confiança para tratar com elle negocios importantes. O Governador lhe retribuio o cumprimento por Simaõ Feyo, que hia encarregado de o ouvir, e o notar. Era vulg.

A eſte homem ſábio, e prudente deſ-

Era vulg. descobrio Çofar o fundo das suas intenções bem córadas com a exactidaõ apparente da justiça. Depois de lhe expôr com energia quanto era, e sempre fora amigo, e obrigado aos Portuguezes, acrescentou: Que attento á reputaçaõ do Rei, que tinha a honra de servir, naõ podia deixar de se queixar do attentado de Manoel de Sousa de Sepulveda, nome fatal dos Governadores de Dio para com os Sultões de Cambaya, por parecer, que com elle andavaõ vinculados os attrevimentos: que aquelle Chéfe audaz derrubára o muro de separaçaõ ajustado na paz do Viso-Rei D. Garcia, e que o novo Governador, como taõ justo, havia consentir que elle outra vez fosse levantado. Que além disto lhe pedia como bom amigo naõ viesse mais á imaginaçaõ serem os navios de Cambaya obrigados a navegar as cóstas do seu Reino com passaportes Portuguezes; sugeiçaõ intoleravel a qualquer Régulo, quanto mais ao poderoso Rei dos Guzarates. Que da mesma sórte os havia isentar da obrigaçaõ de vir a

Dio,

Dio, por ser esta servidaõ huma tyrannia, de que elle os havia libertar. Que da sua parte pedisse ao Governador naõ se quizesse fazer odioso, e a sua Naçaõ aborrecida no Paiz Estrangeiro, aonde os recebêraõ de graça; e que quanto antes se lhe desse a resposta destes officios cathegorica, e decisiva. Era vulg.

Levados elles á presença do Governador, tornou a enviar Simaõ Feyo com o original do Tratado da paz, e ajustada no Conselho dos seus Officiaes a resposta cathegorica, de que elle em nada se opporia á observancia do Tratado, mas que a haver nella a infracçaõ mais ligeira, os Portuguezes de Dio estavaõ resolutos antes a morrer, que a consentilla. Çofar, que reconhecia a justiça de D. Joaõ Mascarenhas, e queria romper, affecta-se aggravado da resposta, prende em ferros a Simaõ Feyo, no dia 10 de Maio publíca na Cidade a declaraçaõ formal de guerra, e nelle mesmo huma multidaõ tumultuaria das suas gentes sem regularidade, nem ordem, veio descarregar as

Era vulg. ſuas armas nas paredes da Fortaleza, que com huma ſurriada a cartuxo juncou os ſeus contornos de cadaveres inimigos. Como eſtava declarada a guerra, reſtava ao grande Governador deſtribuir os póſtos, e animar a guarniçaõ para a tolerancia nos trabalhos.

A Fortaleza depois das ultimas obras mandadas fazer por D. Garcia de Noronha, e por Manoel de Souſa de Sepulveda, tinha na face, que faz frente á Cidade, ſete Baluartes. O da villa dos Rumes ſe havia demolido por eſtar apartado della, e ſe ter conhecido a ſua inutilidade no primeiro ſitio. Agora o Governador, depois de mandar taipar as pórtas principaes, de deixar livres os poſtigos, e pontes levadiças, de ſegurar a polvora, defender a ciſterna, cobrir a varanda, que eraõ os tres póſtos ameaçados para a noſſa ruina, por onde haviaõ executar a ſua trahiçaõ ajuſtada com Çofar os infames Ruy Freire, e o Mouriſco Franciſco Rodrigues, já poſtos em ſeguro, eſte em Chaul, o outro em Goa; D. Joaõ Maſcarenhas diſtribuio

a

a guarniçaõ, e repartio os postos. Do Baluarte Sant-Iago foi encarregado D. Joaõ de Almeida com seu irmaõ D. Pedro; do de S. Thomé Luiz de Sousa; do de S. Joaõ Gil Coutinho; do de S. Jorge Antonio Peçanha; do do mar Fernaõ Carvalho; da Couraça o Feitor Antonio Rodrigues; do da pórta da villa Antonio Freire, Alcaide-Mór da Fortaleza. Cada qual destes Officiaes tinha trinta soldados ás suas ordens, e o Governador reservou a escolta de cincoenta para acodir, aonde a necessidade o pedisse. Era vulg.

Primeiro que elles se apartassem para os lugares, que lhes estavaõ destribuidos, D. Joaõ Mascarenhas tendo-os presentes, revestindo os exteriores respeitaveis da pessoa do peso da authoridade do cargo, lhes fallou assim: Eu bem sei que podia poupar-me ao discurso, que vou a fazer-vos para vos animar, só com a lembrança de que sois Portuguezes: vós naõ o attendais como acçaõ livre do meu espirito, que vos conhece, mas como obrigaçaõ rigorosa do meu emprego,

Era vulg. que naõ deve faltar aos ſeus deveres. Por força della vos digo que nós ſomos chegados aos pontos critico, e glorioſo, hum de vencermos, o outro de ſermos vencidos. Em ambos elles a noſſa reputaçaõ ſerá immortal, e ella nos encherá de corage nos perigos com a conſideraçaõ precedente aos combates. Conſideraçaõ, que nos adverte que vencedores illuſtramos a Pátria, que vencidos honramos a Religiaõ. Pelo Rei, e pelo Deos ſomos de hoje em diante feitos eſpectaculos aos Anjos, e aos homens. Nós devemos moſtrar o que ſomos. Todo o ſangue ſe derrame, para que os homens advirtaõ, que eſtimamos o Rei, e temos amor á Pátria; para que os Anjos vejaõ, que abatemos o Alcoraõ, e exaltamos o Evangelho. Como naõ hei de ter por certa a victoria, ſe eſtes motivos taõ altos he impoſſivel deixarem de nos formar huns promontorios, aonde venhaõ quebrar desfeitas as ondas da cólera dos inimigos. Elles ſaõ os meſmos ha taõ pouco tempo cortados pelo noſſo ferro; ainda

tra-

trazem abertas as feridas; façamos-lhas mais fundas, e desenganemo-los de que os Portuguezes, que tornaõ a investir pelas mesmas causas, saõ os mesmos homens. Era vulg.

## CAPITULO VII.

*Principio do segundo sitio, que Coge Çofar pôz á Fortaleza de Dio, e que foi defendido por D. Joaõ Mascarenhas.*

EU entro na narraçaõ do segundo sitio de Dio; assumpto, em que se occupou, entre outras, a penna de hum Historiador taõ eloquente como Jacynto Freire de Andrade, e por isso o omitira, senaõ fosse o temor de deixar na minha Historia hum vacuo, que a desfigurasse. Reduzindo-o porém aos termos mais curtos, que naõ tirem a especiosidade á gentileza das acções, devo dizer, que depois dos bravos defensores de Dio ouvirem o discurso igualmente pio, e valeroso do seu Chéfe, para lhe mostrarem a confor-

Era vulg. formidade dos ſentimentos, o goſto que faziaõ da guerra, elles ſe veſtíraõ de gála, coroáraõ os muros da Fortaleza, viſitáraõ os poſtos, e com toda a artelharia ſalváraõ a Cidade para lhe perſuadirem o alvoroço, com que neſtas diſpoſições precedentes celebravaõ as futuras victorias.

Coge Çofar, ſem perder tempo, metteo mãos á obra. Com o deſignio de ganhar o Baluarte do mar para impedir os ſoccorros, e de mais perto bater o corpo da praça, que lhe ficava a deſcoberto, em tres noites ſucceſſivas fez conſtruir com trabalho incrivel de pedra em çoço tres reductos com ſuas caſamatas, canhoeiras, e parapeitos, entre elles cortinas de quatorze palmos de alto, que tomavaõ de ribeira a ribeira, e impediaõ o paſſo por aquella parte. A favor das ſombras trabalhou neſta obra huma multidaõ de peonagem para ficarem incertas as pontarias do noſſo fogo; mas como ella era tanta, e andava apinhada, nem nós perdiamos tiro, nem ella punha pedra ſem ſer regada com ſan-

ſangue. Naõ ſe eſqueceo Çofar de conſtruir outra célebre maquina ſemelhante á do ſitio paſſado, que lhe facilitaria a tomada do Baluarte, ſe ella naõ experimentaſſe outro eſtrago bem confórme. Era vulg.

Sobre huma grande náo da navegaçaõ de Meca mandou levantar de madeira hum Caſtello de tres andares, que encheo de materias combuſtiveis, guarnecido de 200 Turcos para huma noite na maré alta o arrimarem ao Baluarte, e o ſobprenderem. As ſentinellas das torres déraõ aviſo deſta invençaõ ao Governador, que ençarregou ao valeroſo Jacome Leite, Capitaõ da Armada do porto, a expediçaõ de a queimar. Elle ſe embarcou com vinte homens eſcolhidos em dous catures ligeiros, naõ lhe valendo a voga ſurda para deixar de ſer ſentido, alvoroçar o Exercito, correrem troços á ribeira, arrojar ſobre o Leite nuvens de ſetas, chuveiros de ballas. Com todo o ſocego do animo, ainda que com alguns feridos, elle cortou as amarras á náo; trouxe-a a reboque para

Era vulg. ra perto da Fortaleza, aonde a fez voar com perda de muitas munições, artelharia deſtinada para o ataque, e mórte dos Turcos, que a guarneciaõ.

Quando eſta bizarria dos Portuguezes mettia em deſeſperaçaõ a Çofar, o meſmo Jacome Leite lhe forneceo outra materia para novo furor. Soube D. Joaõ Maſcarenhas, que pela cóſta de Balſar até Damaõ havia vir aos inimigos huma Cafila de mantimentos, e mandou aquelle Official com tres navios a ſobprendella. Elle cumprio as ordens taõ pontual, que a trouxe a Dio com os Mouros enforcados nas vergas das embarcações, que ardêraõ á viſta dos inimigos depois de lhes aproveitarmos as cargas. Ambos eſtes inſultos foraõ para Çofar taõ ſenſiveis, que deſaffogou a cólera com fazer voto a Mafoma de tomar Dio, ou morrer na empreza, como elle cumprio em fiel Muſulmaõ pela ſegunda parte. Para conſeguir a primeira ſim lhe ſobejou o valor, mas faltou-lhe a fortuna. Em nada faltou elle aos deveres de grande Capitaõ, para poder com juſ-

juſtiça imputar ſó á fortuna as faltas nos ſucceſſos. Era vulg.

Bem o moſtrou elle na direcçaõ do ſitio pela parte da terra, quando vio abortar os deſignios traçados pela do mar. Depois de eſtar perfeita a linha, que ſobia da borda do rio pela cóſta acima do terreno até a do mar, foi abrindo as trincheiras, que chegavaõ quaſi ao foſſo, taõ cortadas, e divididas em ramaes, que formavaõ huma eſpecie de labyrinto para ter a gente a coberto. Depois traçou outra linha ſemelhante a eſta com Baluartes, e reductos, em que plantou a numeroſa artelharia, entre ella alguns canhóes de grandeza extraordinaria. Já declinado o mez de Maio entrou ella a laborar, taõ bem ſervida com todas as regras da arte, com materiaes taõ excellentes, que as ballas paſſavaõ os gabiões de hum a outro lado. O Inverno entrava, naõ appareciaõ ſoccorros, a polvora conſomia-ſe, tudo hia faltando, corria a voz, de que os inimigos eſperavaõ por inſtantes huma Armada de Rumes; aquelles ſe avança-

Era vulg. çavaõ ; mas os Portuguezes , ainda que cuidadosos , com o mesmo susto animavaõ o valor , soffridos , e intrepídos.

Naõ tinha descuidos em Goa D. Joaõ de Castro , que apenas recebeo as cartas do Governador de Dio , em tres dias fez dar á véla nove navios de soccorro , commandados por seu filho D. Fernando de Castro , que hia postilar lições de soldado na Aula de hum Professor taõ completo , como D. Joaõ Mascarenhas. Com elle embarcáraõ D. Francisco de Almeida , irmaõ dos dous Fidalgos do mesmo apellido , que já estavaõ em Dio ; Sebastiaõ de Sá , filho de Joaõ Rodrigues de Sá do Porto ; Diogo de Reinoso ; Pedro Lopes de Sousa ; Diogo da Silva ; Antonio da Cunha , e outros Fidalgos ambiciosos da honra , lembrados da muita , que annos antes ganháraõ no mesmo lugar os filhos da disciplina de Antonio da Silveira. Os mares grossos retardáraõ a viagem , e fizeraõ arribar os navios , huns a Baçaim , outros a Chaul ; mas o ardor

de

de D. Fernando com maior alteraçaõ de Era vulg. impaciencia, que a das ondas no mar, rompeo o golfo, e chegou a Dio.

Com este soccorro socegou a agitaçaõ dos animos, já forte a guarniçaõ no número de 500 homens escolhidos a maior parte Fidalgos; os viveres, e munições em abundancia; a Fortaleza capaz de se defender até a vinda de novos soccórros, se os mares naõ lhes fechassem as pórtas. D. Fernando de Castro, que amava a gloria, cheio de fogo, tomou o seu quartel no Baluarte S. Joaõ, que era o mais fraco, para fazer companhia ao valor de Luiz de Sousa seu Commandante. Entaõ fez Diogo de Anhaya Coutinho a gentileza sempre lembrada, só para os premios esquecida, de ir com hum camarada de noite buscar lingua ao campo dos inimigos, ferrar hum Mouro, trazello em braços, mettello na Fortaleza: e porque lhe esqueceo no campo hum capacete, que levára] emprestado, baixou pela mesma escada, tornou ao lugar, trouxe o capacete, e o restituio a seu dono.

Ten-

Era vulg. Tendo Çofar as obras em eſtado de bater a praça, convidou o Rei para vir em peſſoa authoriſar a victoria. Marchou elle de Champanel com toda a Corte, e a eſcolta de déz mil cavallos ás ordens do bravo Juzarcaõ, que nos fez a honra de aſſiſtir no campo todo o tempo, que durou o ſitio. Do alvoroço, que nelle notavamos, deſejou D. Joaõ Maſcarenhas ter noticia, e encarregou a Fernaõ Carvalho, que no quarto d'Alva mandaſſe do ſeu Baluarte do mar hum batel a buſcar lingua. Seis bravos tomáraõ á ſua conta eſta diligencia, atacando os Mouros, que dormiaõ, por parte aonde elles ſe ſuppunhaõ ſeguros dos intentos da mais arrojada temeridade. Elles naõ ſe contentáraõ de trazer hum vivo, ſem deixarem mórtos a muitos. Por eſte ſoube o Governador a vinda d'El-Rei; e pondo-o em liberdade, lhe pedio diſſeſſe da ſua parte ao grande Sultaõ Mamud: Que os Portuguezes ficavaõ delicadamente ſenſiveis á incomparavel honra, que lhes fazia de vir illuſtrar o ſeu valor com a preſença da ſua Mageſ-

gestade; presença augusta, que naõ podia deixar de dar hum relevo brilhante á gloria, que elle esperava de abater á vista da sua face o poder formidavel de Principe taõ poderoso. Era vulg.

Este cumprimento depois acompanhado por outro de mais estrondo, que sahio da bocca de hum canhaõ, privou os Portuguezes do prazer da assistencia d'El-Rei no campo. Huma balla perdida lhe matou aos pés hum dos Aulicos estimados, que o salpicou com o seu sangue. Os Aruspices tiveraõ este acaso por taõ máo agouro, que o Rei tomou a pósta para a sua Corte de Amadaba, e Çofar a sua retirada por hum despreso, que o forçava a apressar o cumprimento do voto feito a Mafoma de vencer logo, ou morrer quanto antes. Entaõ se redobrou o horror do fogo para bater em brecha por muitas partes. Foraõ levantados dous reductos diante dos bastiões de Saõ Joaõ, e da Pórta. Obra semelhante se fez defronte do de S. Thomé, que chamáraõ o Baluarte da Rama, por ser formado de troços de arvores liados,

Era vulg. dos, e ſobidos a tanta altura, que igualavaõ a Cidade, e devaçava o interior da Praça. A artelharia jogava ſem ſocego, já partido de alto a baixo o Baluarte S. Thomé, ameaçando á ultima ruina; os baſtiões todos abalados, e cauſando horror incrivel hum morteiro, que arrojava pedras de ſeis pés de circunferencia. Nós tivemos a fortuna de fazer ceſſar os effeitos deſtes monſtros de bronze, quando matamos hum renegado Francez, que os governava, naõ os ſabendo manejar o Engenheiro, que lhe ſuccedeo.

Creſcia o perigo, e o eſtrago; mas a actividade de D. Joaõ Maſcarenhas naõ ſe poupava a trabalho para fazer a defenſa vigoroſa. Para reparar as ruinas abrio huma cortadura, e levantou hum muro de vinte pés de largo: encoſtou ao Baluarte S. Thomé huma nova torre: junto á Igreja conſtruio hum cavalleiro do Baluarte San-Tiago ao da Pórta, guarnecido de groſſa artelharia, apontada á fabrica da Rama: trabalhos activos, continuados de longa fadiga, em que ſempre

pre

pre acompanháraõ aos homens as memoraveis Matronas Isabel Fernandes, conhecida pelo nome da Velha de Dio, Garcia Rodrigues, Isabel Dias, Catharina Lopes, e outras, que neste sitio se mostráraõ intrepidas como Heroinas nos perigos, nos combates, no serviço effectivo de quanto para a defensa da Praça era necessario. O seu fogo sobre os inimigos tambem era sem intervallos; os effeitos maravilhosos, já nesta, ou naquella parte, aonde a dexteridade do Governador o applicava, conforme as occurrencias o pediaõ. Era vulg.

O Chéfe vigilante, porque os trabalhos eraõ nocturnos, dispôz no fosso da Praça em proporcionadas distancias barricas accesas, que descobriaõ a multidaõ dos trabalhadores para elles engrossarem as fachinhas com outra multidaõ de cadaveres. Ao mesmo tempo o cavalleiro junto á Igreja batia o Baluarte da Rama com tanta violencia, que o deitou a terra, entrando muitos homens nas suas ruinas. D. Joaõ Mascarenhas estimou tanto este

suc-

Era vulg. succeſſo, quanto o ſentio Çofar, que naõ perdeo a corage para levar as linhas até ao foſſo, que pretendeo cegar. Com eſte deſignio correo ao longo da explanada a trincheira taõ profunda, que podiaõ os trabalhadores andar por ella ſem ſuſto. Ordenou logo cobrir o ſeu parapeito de fortes mantas, e com grandes pranchas de vigas, e taboas pregadas atraveſſar o foſſo de huma a outra parte, taõ defendidas de terra molhada, que lhe naõ podéraõ fazer impreſſaõ diluvios do noſſo fogo, nem os ſitiados impedir que o foſſo foſſe entulhado.

Semelhante vantagem, capaz de deſanimar os mais intrepidos, juſtamente encheo de corage aos inimigos, que nos tranſportes do goſto naõ podéraõ conter-ſe ſem nos aggravarem com inſultos. Póſtos em parte, donde podeſſem ſer ouvidos dos ſitiados, movendo as cabeças lhes diziaõ: Ó lá Portuguezes, aonde eſtaõ aquelles, que preſumiaõ com pouco número de homens deſtruir os maiores Reinos da Aſia, para ſobre os ſeus deſtroços edifi-

ficarem hum novo Imperio? Acaſo Era vulg.
ſois vós da raça deſtes arrogantes? Naõ: já degeneraſtes: ſem cara para apparecer, ſois outra gente, que por enorme ſe eſconde entre eſſas quatro paredes. Vós naõ ſois taõ gentís-homens, como os outros, que eſtiveraõ ahi com Antonio da Silveira: eſtes moſtravaõ-ſe como homens aos ſeus inimigos; vós eſcondeis-vos como gallinhas debaixo do côvo: fracos ſois, ou fraco Capitaõ tendes; elle fraco, porque naõ ſahe comvoſco a campo, ou vós fracos, porque naõ o obrigais a ſahir.

Os alentados Portuguezes, mais attentos á defenſa da ſua Praça, que a audacia deſtes inſultos para naõ os provocarem a alguma temeridade deſordenada; elles tiveraõ a fortuna, de que alguns velhos da Fortaleza diſſeſſem ao Governador, como naquelle lugar do foſſo eſtava hum poſtigo tapado com terra, que ſendo deſcoberto, por elle facilmente ſe poderia furtar o entulho dos inimigos bem neceſſario para o ſerviço da Praça. Immediatamente ſe

Era vulg. cavou no lugar indicado, e appareceo o poſtigo. Todo o mundo ſem excepçaõ, homens, e mulheres mettêraõ mãos a obra para deſpejar o foſſo, que encheo de materiaes a Praça. Com a continuaçaõ do trabalho ſe fez no entulho huma eſpecie de abobeda, que naõ podendo ſopportar o peſo, deo com a máquina no fundo. Coge Çofar colerico, e admirado de D. Joaõ Maſcarenhas, que eludia todas as ſuas traças, veio em peſſoa examinar o eſtrago. Como o ardor da raiva lhe fez eſquecer a cautéla, correo á trincheira, montou ſobre o parapeito: lugar que eſtava deſtinado para cumprir a ſegunda parte do voto feito a Mafoma; porque huma balla perdida de canhaõ lhe fez em pedaços a cabeça.

Eſte foi o fim do memoravel Apoſtata da noſſa Religiaõ ſanta o célebre Coge Çofar, que tinha ſua mãi viva, e boa catholica na Cidade de Otranto, donde todos os annos lhe eſcrevia cartas com o ſobreſcrito profetico: *A meu filho Coge Çofar, ás portas do Infer-*

*ferno.* Nada de mais funesto, que esta mórte, podia sobrevir ao Exercito de Cambaya. Ella lhe desconcertou de sórte as medidas, que esteve oito dias sem acçaõ com assombro dos sitiados, que ignoravaõ a causa, sem que nos reparos perdessem o tempo. Seguio-se a desordem na eleiçaõ do novo Chéfe, taõ divididos os animos, que faltou pouco para a deserçaõ dos soldados: noticias ambas para os sitiádos taõ gostosas, como quem esperava nellas o fim dos seus trabalhos. Naõ lhes succedeo da sórte, que elles o pensáraõ; porque Rumecaõ, filho de Çofar, moço de 25 annos, taõ attrevido como seu pai, se encarregou do commandamento do Exercito, jurando a Mafoma de lhe vingar a mórte com a de todos os Portuguezes de Dio. Sultaõ Mamud approvou a eleiçaõ do novo Chéfe, e o soccorreo com muito dinheiro, com 40000 soldados, e outro número de obreiros, e gastadores em tanta copia, que a das muitas mórtes diarias naõ deixava conhecer a falta na multidaõ. Era vulg.

Era vulg. Na Fortaleza a havia grande de hum novo ſoccorro. Paſſados mais de tres mezes de trabalho, o maior era o do Inverno, que laborava furioſo no mar. Via D. Joaõ Maſcarenhas aos inimigos chegados ao corpo da praça; que os combates de armas curtas tinhaõ de ſer frequentes; que pela diminuiçaõ das munições as havia poupar, pela dos viveres inventariar os que houveſſe pelas caſas para os diſtribuir com regra; que tinha pouco mais de 200 homens capazes do ſerviço, os mais doentes, feridos, e mórtos: que os sãos noite, e dia naõ deſpiaõ as armas, trabalhavaõ, e naõ dormiaõ, com os corpos fatigados, as forças laſſas. Tudo circunſtancias, de que devia aviſar ao Governador da India para o ſoccorrer, ſem deſcobrir o modo, nem a peſſoa. Neſtas perplexidades o animou o valeroſo Padre Joaõ Coelho, Capellaõ da Fortaleza, que ſe lhe offereceo para romper os mares em hum catur, chegar a Baçaim, e Chaul, fazer enviar os aviſos a Goa, e ſem perder tempo deo á véla.

CA-

## CAPITULO VIII.

*Rumecaõ por morte de seu Pai Coge Çofar continua o sitio da Fortaleza de Dio.*

DEPOIS que o Exercito de Cambaya rendeo as ultimas honras ao Chéfe defunto com toda a magnificencia militar; bem conduzido por seu filho Rumecaõ, continuou no mesmo trabalho do entulho. Já inutil o postigo por continuamente atacado, D. Joaõ Mascarenhas o mandou tapar por dentro para applicar todos os cuidados a duas grandes torres, que Rumecaõ fazia construir no lugar, aonde estivera o Baluarte da Rama. Ellas faziaõ frente ao de S. Joaõ, e S. Thomé, que haviaõ ser batidos de cada huma por dous grossos canhões, cada qual em sua casamata. Depois lançou as galarias ao fosso para os gastadores trabalharem defendidos. Tudo em Dio, e por muitas partes da India, manobras militares taõ ajustadas com as re- Era vulg.

gras

Era vulg. gras da arte, e impulſos do valor, que he neceſſario bem de corage, nos chamados críticos modernos, para ſuſtentarem que os Portuguezes na Aſia contendêraõ com gentes brutas, e covardes, ſem ordem, nem diſciplina.

Reſiſtencia alguma da noſſa parte pode impedir a Rumecaõ hum trabalho taõ grande, taõ continuo, ſuſtentado por tanto mundo. Nós tinhamos por impoſſivel, que o muro houveſſe deixar de ſer picado; mas o que naõ podia embaraçar a força, o conſeguio a induſtria. Como as pranchas, ou pontes que cobriaõ o foſſo, eraõ feitas de groſſos troncos de palmeira, e taboas de navios, materias, em que o fogo artificial continuado produziria prompto effeito; D. Joaõ Maſcarenhas mandou forjar huma grande cadêa de ferro, que do alto do muro deſceſſe ſobre as maquinas. Com huma das pontas preza na aza de hum canhaõ, na outra fez atar ſacas de huma materia, que na India chamaõ Gunes, cheias de polvora, ſalítre, enxofre, e outros materiaes de fogo de artifi-

cio,

cio, que eſtando a arder ſobre a madeira, levantou nella tal incendio, que toda a diligencia dos inimigos naõ o pode apagar, em quanto naõ reduzio a cinzas as meſmas pedras. Era vulg.

Effeito para os ſitiados taõ feliz, longe de abater a Rumecaõ, ſervio para mais ſe obſtinar; para levar ao fim furioſo o projecto, que naõ podia lograr advertido. Tantos foraõ os materiaes, que ajuntou no foſſo, até os das meſmas obras feitas no principio do ſitio; tantas as vigas, maſtos de navio liados, mais bem defendidos do fogo; tantos os combates a que reſiſtio para ſuſtentar o campo, e o cobrir até as boccas das brechas, que chegou ao fim de o arrazar para ſobir ao aſſalto ſem tropeços. Como conſeguio abrir huma bocca, por que cabiaõ déz homens defrente ao interior da praça, ainda que o Governador lhe contrapoz hum muro; Rumecaõ quiz obſervar a diſpoſiçaõ dos Portuguezes para a defenſa, e puchou groſſos deſtacamentos, que deſſem várias inveſtidas por muitas partes, eſpecialmente ao lu-

Era vulg. lugar, que parecia aberto. A resistencia foi taõ prompta, tantos os seus mortos, que elle teve de se retirar para dispôr hum assalto geral com regularidade.

Antes de o emprender tentou a constancia Portugueza, que entendeo poderia aballar, propondo-lhe huma Capitulaçaõ honrada. Com este designio mandou a Simaõ Feyo escoltado á face do Baluarte Sant-Iago chamar pelo Governador, que o ouvio atento repetir as palavras, que os Mouros lhe punhaõ na bocca: palavras ao mesmo tempo de louvor, de compaixaõ, de honra, de promessas: vozes, que pareciaõ de hum Portuguez enternecido, e eraõ de hum General simulado. D. Joaõ Mascarenhas, que naõ attendia nellas as articulações, senaõ o espirito, respondeo a Simaõ Feyo neste tom féro: Os Portuguezes taõ magnanimos como os meus soldados, naõ daõ ouvidos a propostas de huma naçaõ perfida: Que nos importaõ a nós as paredes arruinadas, se os nossos animos estaõ inteiros? De que nos ser-

ve a piedade fingida de Rumecaõ, ſe nós queremos vender-lhe cada pedra deſta Fortaleza pelo preço de cada huma das noſſas vidas? Dizei-lhe, que depois de tudo arruinado, eu o irei buſcar ao ſeu campo; que romperei as fileiras do ſeu Exercito; que chegarei á ſua tenda, e que com a minha eſpada farei á ſua cabeça o meſmo, que huma balla dos meus canhões fez á de ſeu Pai: e vós, Simaõ Feyo, ide bem certo, que ſe cá tornares com commiſſaõ ſemelhante, do muro vos hei de mandar tirar á eſpingarda, como ſobre hum trahidor vil. Era vulg.

O author deſta reſpoſta inſultante juſtamente devia eſperar o deſpique de hum aſſalto, e para elle ſe diſpoz o Governador de ſórte, que as obras das mãos correſpondeſſem ás vozes da lingua: ſe eſtas valeroſas, as outras intrepidas; huma correſpondencia igual entre o ſublime, e o magnimo. Ao amanhecer o dia appareceo todo o Exercito de Cambaya em torno da Fortaleza, Rumecaõ na ſua téſta, as bandeiras deſpregadas, os clarins mili-

ta-

Era vulg. tares ferindo os horiſontes, a vozeria dos Mouros atroando os ares; tanto apparato ſoberbo contra 200 homens já rodeados de fadigas. Elles apparecem outros tantos Baluartes na face do inimigo para defenderem o de S. Joaõ, aonde eſtava Luiz de Souſa com D. Fernando de Caſtro, Sebaſtiaõ de Sá, Diogo de Reinoſo, Pedro Lopes de Souſa, Diogo da Silva com outros Fidalgos, e cavalleiros, que neſte dia obráraõ acções dignas da immortalidade. Juzarcaõ mandava eſte ataque, e Rumecaõ outro no Baluarte S. Thomé; o primeiro com as trópas dos Guzarates, o ſegundo com as eſcolhidas de ſeu Pai, que eraõ Turcos, Mamelucos, e os Eſtrangeiros renegados.

Em ambos os Baluartes andava o furor derramado. O fogo, o fumo, o eſtrondo dos golpes, os gemidos dos agoniſantes tinhaõ extacticos os ſentidos. Os defenſores naõ moviaõ hum pé do primeiro poſto; as Matronas naõ lhes deſamparavaõ os lados; D. Joaõ Maſcarenhas enchia as obrigações de

gran-

grande Capitaõ com providencias superiores á mesma esperança. Já mettido Rumecaõ em derrota, Juzarcaõ foi substituir-lhe a praça; mas encontrou taõ inteiro o valor de D. Joaõ de Almeida, de Gil Coutinho, e dos outros Fidalgos, e soldados, que experimentou sórte semelhante. Sebastiaõ de Sá gravemente ferido depois de matar a muitos, provocou a cólera dos camaradas, para que os inimigos no combate naõ o achassem menos. Tantos corrêraõ ao Baluarte S. Thomé, que logrou a porfia o que naõ pode conseguir o valor. Elles o entráraõ, e plantáraõ trinta homens no seu terrapleno. Os nossos a esta vista, tomados de hum furor mais que humano, se arremessaõ a elles, e os arrojaõ dos muros para os rebentarem na quéda. Rumecaõ com 500 mórtos dos melhores soldados, e grande número de feridos, mandou tocar a recolher. Os Portuguezes perdêraõ hum homem. Era vulg.

O máo successo deste ensaio para mais vigorosos combates fez lembrar a Rumecaõ, que elle provinha da indi-

Era vulg. dignaçaõ de Mafoma, eſcandaliſado das deſordens dos Muſulmãos, e determinou aplacallo. Na meſma noite convocou o campo para as preces, que haviaõ preceder aos actos de expiaçaõ barbaros, e ridiculos, que exercitavaõ entrando, e ſahindo em huma Meſquita, ſegundo os Ritos da ſuperſtiçaõ Mahometana. Toda a noite leváraõ os Barbaros neſtes exercicios de Religiaõ, que ſendo advertidos por Fernaõ Carvalho, Capitaõ do Baluarte do mar, veio aviſar ao Governador, por lhe parecerem diſpoſições para o futuro aſſalto. Elle o prevenio diſpondo as trópas para eſperarem huma glorioſa victoria na veſpera do Apoſtolo Patraõ de Heſpanha, que deviaõ invocar no conflicto, lembrando a Fernaõ Carvalho ſoccorreſſe os Baluartes atacados com o fogo da ſua artilharia pelo flanco dos inimigos, como fizera na ultima refega.

Horas antes da manhã, Rumecaõ, e Juzarcaõ marcháraõ com o Exercito em tres columnas ſobre os Baluartes S. Joaõ, S. Thomé, e ſobre a Falſa-

Bra-

Braga de Antonio Peçanha, que eraõ os lugares mais arruinados. Ao ponto que ſoou o toque de avançar, nos ſeus Baluartes Luiz de Souſa, D. Fernando de Caſtro, os tres irmãos Almeidas, o Peçanha, Fidalgos, e ſoldados clamáraõ San-Tiago: grito de guerra, com que mettêraõ os eſpiritos em calor para affrontarem o dia, que tinha de decidir a ſórte da India em vencer, ou morrer. Penſem como quizerem os criticos judicioſos; que as façanhas obradas nelle pelos Heróes, e Matronas Portuguezes excedem todo o encarecimento. Hum punhado de gente contra hum mundo de homens aqueceo no horror da noite hum combate, em que a luz dos fógos artificiaes, o ruido dos canhões, e da fuzilaria, os clamores dos feridos, os gritos dos combatentes, os ais dos agonizantes formavaõ hum eſpectaculo o mais indigno á humanidade, hum cáhos de eſpantos, de terror, hum todo do Inferno. Era vulg.

Corriaõ as mulheres aos lugares do maior perigo, e nos tranſportes da co-

Era vulg. corage, diziaõ aos ſoldados: Ah filhos, que gentís-homens nos pareceis, quando bordais a gala do valor com os fios do voſſo ſangue: felices as mãis, que vos paríraõ para dardes as vidas pela Pátria, pelo Rei, pelo Deos, para viverdes immortaes na fama. A efficacia deſtas vozes, á do exemplo dos Chéfes os ſoldados obravaõ taes maravilhas, que pelos montes dos mórtos ſobiaõ os vivos. Como elles eraõ tantos, que a cada inſtante ſe revezavaõ freſcos, e deſcançados ſobre os meſmos defenſores fatigados, e oprimidos; o Baluarte S. Thomé a troco de muitas mórtes foi entrado por hum Eſquadraõ de Turcos. Os Portuguezes como ſe eſtiveſſem ſentindo, que tinhaõ quem lhes fizeſſe ſombra á cabeça neſte dia da guerra, no maior perigo deraõ ao valor maior alento. Elle era taõ grande, que foi cauſa de ſe derramar a voz, de que eſtava perdida a Fortaleza: voz falſa, que chamou furioſos os ſoldados dos outros póſtos para acudirem como leões ao Baluarte atacado.

Ju-

Juzarcaõ se aproveitou desta desordem: elle correo em maré baixa ao longo do mar, aonde suppôz desamparada a Fortaleza, que alli era defendida pela altura dos rochedos. Acha o mesmo que entendeo; planta a escalada, e lhe mette dentro cem Turcos. Elles se botáraõ á pilhagem pelas casas, aonde as bravas Heroinas armadas de chuços os bloqueáraõ, até que com os alaridos proprios do sexo avisáraõ ao Governador, que com tres soldados visitava os póstos. Prevenindo as consequencias da rotura desta voz, que desconcertaria o valor mais intrépido empenhado na acçaõ, mandou a todas, que se callassem, e destacou hum dos soldados, que fosse a buscar alguns, que encontrasse menos necessarios nas outras partes, sem lhes dizerem o para que. Como raio fulminante D. Joaõ Mascarenhas, seguido de quatro soldados, em quanto naõ vinhaõ outros, foi ao lugar da scena vistosa, aonde humas poucas de mulheres tinhaõ em huma casa sitiados a trinta Turcos; elle mesmo lhes lan- Era vulg.

çou

Era vulg. çou huma panella de polvora com admiravel effeito, e arremetendo-os com huma efpada, e rodela, os levou ás cutiladas, até os precipitar dos rochedos, aonde fe fizeraõ em pedaços. Concluida huma acçaõ taõ gloriofa, além da vulgar credulidade, reparou D. Joaõ Mafcarenhas que na varanda da Igreja eftavaõ muitos Turcos difpoftos para defcer ao muro, e incorporar-fe com outros, que Juzarcaõ fazia fobir á Fortaleza. Como de muitas partes vinhaõ concorrendo foldados, D. Joaõ na fua tésta montou a varanda, atropelou os Barbaros, e com valor igual em fórte femelhante lhes deo o deftino dos primeiros.

Livre a Praça defte perigo, D. Joaõ Mafcarenhas chegou aos Baluartes atacados, que vio em outro maior. Toda a fua alma ainda agitada, pofta na lingua, e nas mãos, antes que entre a obrar de novo com eftas, pela outra fahem intrepidos os fentimentos do valor: Ainda efte combate dura? Senhores, acabemos de nos dar a conhecer aos Barbaros; o dia de hoje

to-

do he de gloria para a noſſa Naçaõ: Era vulg.
Aqui tendes naõ o voſſo Governador para vos mandar; mas hum camarada para ao voſſo lado vencer. Fallando aſſim, elle ſe arrojava aos inimigos com impulſo heróico. Os ſoldados o ſuſpendêraõ nos braços, pedindo-lhe com vozes de imperio guardaſſe a ſua vida, de que dependia a de todos; que os deixaſſe obrar ſem elle ſe entreter para goſtar melhor de vêr nos filhos da ſua diſciplina as gentilezas, que tambem eraõ gloria ſua. Baſtou a preſença deſte Heróe para ſe reanimarem os eſpiritos acabados de fadigas. Já vencedores de tantos contrarios em huma peleija do meio da noite até depois do meio dia, os Portuguezes arrojavaõ os Turcos dos baluartes feitos em poſtas.

Os dous Generaes envergonhados voltáraõ á carga ſem encontrarem differença na reſiſtencia. O fogo dos canhões dos Baluartes do porto, e do Mar, atacados a cartuxo, que tomava aos inimigos pelos flancos, nem ceſſava de laborar, nem elles podiaõ ſoffrer-lhe o eſtrago. O medo, ou a contumacia dos

Era vulg. Chéfes era quem fazia os Barbaros insensiveis á dôr, e á mórte; mas dispôz a Providencia para suspender a carnagem, que huma balla perdida de canhaõ tomasse a Juzarcaõ por meio corpo, e o levasse pelos ares, deixando hum sobrinho do mesmo nome, que lhe succedeo no cargo. Rumecaõ perdeo os alentos com esta mórte. Mandou tocar a recolher, ficando juncado o campo com 1$\mathbb{C}$500 cadaveres, e levando maior número de feridos. Dos nossos faltáraõ sete, e feridos trinta. Huma bandeira com o retrato de Mafoma feita para marca, de que estava applacado, ficou jarretada, e outras muitas em nosso poder.

Com a noticia de successo taõ feliz, e da extremidade, a que a Fortaleza ficava reduzida, D. Joaõ Mascarenhas despedio hum Expresso ao Governador da India. Quando nós ganhavamos aquella victoria recebia elle as cartas, que o Capellaõ da Fortaleza levára a Chaul; e como a sua actividade naõ socegava em aprestar soccorros, depois que despedio a seu filho D. Fernan-

nando ; agora publicou que ſem demora mandava o ſeu primogenito D. Alvaro para moſtrar na India', que arriſcava os filhos, aonde os Portuguezes empenhavaõ a honra. Commovêraõ-ſe os Fidalgos a eſta voz, offerecendo-ſe em competencia para acompanhar a D. Alvaro, que tinha duas recommendações na peſſoa, e nas virtudes. O primeiro de todos foi D. Franciſco de Menezes, que o Governador deſpedio logo com alguns navios, e tres dias depois o ſeguio D. Alvaro com dezanove, em que embarcáraõ, além de outra muita Nobreza, os Capitáes D. Jorge de Menezes, D. Duarte de Menezes, os irmãos Luiz, e Jorge de Mello de Mendoça, D. Antonio de Ataide, Garcia Rodrigues de Tavora, Lopo de Souſa, Nuno Pereira de la Cerda, D. Joaõ de Ataide, D. Duarte Deça, e outros. O Governador eſcreveo a D. Joaõ Maſcarenhas, e a D. Franciſco de Menezes, dizendo : Que lhes mandava ſeu filho D. Alvaro para naõ ter mais acçaõ, que a de eſtar ás ſuas ordens, como levava em Era vulg.

Era vulg. regimento. Na reta-guarda deſta Eſquadra partio Antonio Moniz Barreto com outros Fidalgos aventureiros em hum grande caravelaõ de mantimentos: todos determinados a lutar com as ondas no rigor do Inverno pelo golfo de Dio para irem participar da glória ſublime, que os ſeus Patricios ganhavaõ nas proſtradas ruinas da Fortaleza.

F I M.